



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

RIBAMAR DE SOUSA LIMA

**RETRATOS DA MINHA TERRA: PERTENCIMENTO E MEMÓRIA NO GRUPO
DO FACEBOOK "TAPUIO - FOTOS E HISTÓRIA"**

FORTALEZA

2023

RIBAMAR DE SOUSA LIMA

RETRATOS DA MINHA TERRA: PERTENCIMENTO E MEMÓRIA NO GRUPO DO
FACEBOOK "TAPUIO - FOTOS E HISTÓRIA"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Profª. Dra Sílvia Helena Belmino

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L71r Lima, Ribamar de Sousa.
Retratos da minha terra : pertencimento e memória no grupo do Facebook "Tapuio - Fotos e História" /
Ribamar de Sousa Lima. – 2023.
149 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-
Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Sílvia Helena Belmino.
1. Facebook. 2. Lugar. 3. Fotografia. 4. Pertencimento. 5. Memória. I. Título.

CDD 302.23

RIBAMAR DE SOUSA LIMA

RETRATOS DA MINHA TERRA: PERTENCIMENTO E MEMÓRIA NO GRUPO DO
FACEBOOK "TAPUIO - FOTOS E HISTÓRIA"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Elane Abreu de Oliveira
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Prof. Dr. Robson da Silva Braga
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Profª. Dra Sílvia Helena Belmino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos que usam a internet a serviço da
verdade e do esclarecimento.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

A Deus, pelo dom da vida, e por sempre mostrar que existem alternativas de escape e alívio em meio ao caos.

À minha família.

Às professoras Sílvia Helena Belmino, posteriormente minha orientadora, e Maria Érica de Oliveira Lima, por acreditarem nesta ideia, no momento do processo seletivo.

À professora Sílvia Helena Belmino, na condição de minha orientadora, por me conduzir nesta jornada.

Aos professores Maria Érica e Robson Braga pela presença na banca de qualificação e Elane Abreu e Robson Braga pela presença na banca de defesa.

Aos participantes do grupo "Tapuio - Fotos e História", por manterem o olhar sobre suas raízes e fazerem parte da "roda de conversa" que originou esta pesquisa.

Aos depoentes deste trabalho, por generosamente abrirem seus corações e mentes, para falarem de suas emoções e memórias.

A Maria Edvanir de Oliveira, Maria de Sousa Santos Oliveira, Bernadete Torres de Sousa e Maria Eliza Rodrigues, minhas primeiras mestras (na ordem das séries escolares que cursei com elas).

Ao corpo docente do curso.

A Alexandrina Cássia, secretária do Programa de pós-graduação em Comunicação da UFC.

Aos colaboradores da biblioteca Dimas Guedes Patriota, em Tabuleiro do Norte/Ce, pelo atendimento sempre solícito.

A Gumercindo Cláudio Maia (em memória) pela visibilidade dada ao meu lugar nos seus trabalhos de levantamento da história tabuleirense.

À Opnus Pesquisa e Consultoria e demais empregadores do ramo de estatística, pelas muitas oportunidades concedidas em tempos de incerteza.

A Adênia Augusto (Jaguaribara), Clevaneide Maia (São João do Jaguaribe), Messias Silva (Olho D'Água da Bica), Marcos Almeida (Fortaleza), Paulo Lima (Tabuleiro do Norte) e

Roberto Lima (Limoeiro do Norte), companheiros moderadores de outros grupos de histórias e memórias.

"Fale de sua aldeia e estará falando do mundo"
(Leon Tolstoi).

RESUMO

Este é um estudo sobre a contribuição de um grupo no site Facebook – “Tapuio – Fotos e História” - para o fortalecimento identitário e memorial de uma localidade rural no interior do Ceará. O Tapuio, a localidade em questão, está situada na mesorregião do Vale do Jaguaribe, em uma área distante dos centros urbanos em volta, o que favorece uma relação intensa entre os sujeitos e o meio, mas também impulsiona muitos processos migratórios. O grupo foi criado para congregar as pessoas que ainda vivem no lugar e as que migraram. A pesquisa é realizada através de historiografia, netnografia, entrevista qualiquantitativas e atividade de recepção fotográfica. O aporte teórico contou com leituras sobre identidade social, a relação entre fotografia e memória, convivência com o ambiente rural, comunidades virtuais e estudos culturais, entre outros, através de autores como Boris Kossoy, Milton Santos, Rogério Haesbaert, Stuart Hall, Susan Sontag e Y-Fu Thuan. A análise dos dados foi realizada de acordo com a teoria percepção ambiental do geógrafo Y-Fu Thuan e objetivou compreender as relações de pertencimento e memória mediadas pelo grupo. Constatou-se que o grupo é um importante veículo de fortalecimento da identidade do lugar e que possui também um bom potencial de mobilização e mediação de interações presenciais.

Palavras-chave: Facebook; lugar; fotografia; pertencimento; memória.

ABSTRACT

This is a study on the contribution of a group on the Facebook website – “Tapuío – Fotos e História” – to strengthening the identity and memorial of a rural location in the interior of Ceará. Tapuío, the location in question, is located in the mesoregion of Vale do Jaguaribe, in an area far from the surrounding urban centers, which favors an intense relationship between subjects and the environment, but also drives many migratory processes. The group was created to bring together people who still live in the place and those who have migrated. The research is carried out through historiography, netnography, qualitative and quantitative interviews and photographic reception activities. The theoretical contribution included readings on social identity, the relationship between photography and memory, coexistence with the rural environment, virtual communities and cultural studies, among others, through authors such as Boris Kossoy, Milton Santos, Rogério Haesbaert, Stuart Hall, Susan Sontag and Y-Fu Thuan. Data analysis was carried out in accordance with the theory of environmental perception by geographer Y-Fu Thuan and aimed to understand the relationships of belonging and memory mediated by the group. It was found that the group is an important vehicle for strengthening the identity of the place and that it also has good potential for mobilizing and mediating face-to-face interactions.

Keywords: Facebook; place. photography; belonging; memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Mapa do lugar	19
Figura 2 — Paisagem da janela	20
Figura 3 — Layout do Grupo “Tapuio Fotos e História”	20
Figura 4 — Cruzamento da BR 116 com o rio Pirangi, em Cristais/Ce.....	24
Figura 5 — Açude público do Tapuio	25
Figura 6 — Visão do lugar	26
Figura 7 — Macambira.....	27
Figura 8 — Frente de Serviço.....	27
Figura 9 — Procissão	29
Figura 10 — Vestígios pré-coloniais no lugar.....	30
Figura 11 — Monsenhor Otávio de Alencar Santiago	33
Figura 12 — Televisor Philco modelo 1979	35
Figura 13 — Rompimento da lagoa do Tapuio	36
Figura 14 — Capela de São José antes e depois da reconfiguração.....	38
Figura 15 — Cheia de 2004 no Tapuio	39
Figura 16 — Municípios do Vale do Jaguaribe.....	40
Figura 17 — Açude Castanhão.....	42
Figura 18 — Poeta Bráulio Bessa.....	43
Figura 19 — Compositora Rita de Cássia	45
Figura 20 — Distrito de Olho D'Água da Bica	46
Figura 21 — Vias públicas em Tabuleiro do Norte.....	48
Figura 22 — São João do Jaguaribe	49
Figura 23 — Frentes coloniais de ocupação do Nordeste brasileiro.....	52
Figura 24 — Estátua de Dom Aureliano Matos	57
Figura 25 — Panfleto contra a emancipação dos três distritos.....	58
Figura 26 — Equipe técnica inicial do Facebook.....	62
Figura 27 — Layout inicial de uma comunidade do Facebook.....	64
Figura 28 — Layout de uma postagem do grupo TFH.....	67
Figura 29 — Câmera Fotográfica Certo Photo Ano 1969	73
Figura 30 — Rozemar Oliveira - Anos 70	75

Figura 31 — Fotografia de monóculo	84
Figura 32 — Capela de São José em diferentes momentos.....	84
Figura 33 — Pôr-do-sol no Tapuio.....	85
Figura 34 — Lagoa do Tapuio cheia.....	85
Figura 35 — Histórico de chuvas no lugar 2008 - 2023	86
Figura 36 — Imagem de satélite do lugar	86
Figura 37 — Cerração	87
Figura 38 — Missa de São José - 2023	88
Figura 39 — Festa de Nossa Senhora do Carmo - 2023	88
Figura 40 — Cemitério do lugar.....	91
Figura 41 — Sequência de imagens de um vídeo de pôr-do-sol.....	101
Figura 42 — Lavoura	101
Figura 43 — <i>Selfie</i> em um açude.....	103
Figura 44 — Árvore ao vento.....	104
Figura 45 — Mulher com lata d'água	105
Figura 46 — Painel 01: Anos 60 e 70	118
Figura 47 — Painel 02: Anos 80 e 90	119
Figura 48 — Painel 03: Homenagens póstumas.....	119
Figura 49 — Painel 4: Ambiente natural.....	120
Figura 50 — Painel 5: Manifestações socioculturais	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — População rural e urbana no Brasil – 1940/2010.....	94
Gráfico 2 — População rural e urbana no mundo – 1950/2050.....	94
Gráfico 3 — Preferência temática geral dos sujeitos	135
Gráfico 4 — Temporalidade predileta dos sujeitos.....	136
Gráfico 5 — Aspectos naturais x aspectos socioculturais.....	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Listagem e perfil dos depoentes	117
Quadro 2 — Questões norteadoras da entrevista qualitativa.....	117
Quadro 3 — Resumo da recepção fotográfica dos entrevistados	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — População das cidades do Vale do Jaguaribe	41
Tabela 2 — Distribuição dos membros do grupo por faixa etária e gênero.....	75
Tabela 2 — Principais cidades presentes no grupo “Tapuio Fotos e História”	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TFH Tapuio - Fotos e História

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR: HISTÓRIA, CULTURA, NATUREZA, E CONTEXTO REGIONAL	23
2.1	Aspectos socioambientais	23
2.2	Percurso histórico	30
2.3	O contexto regional	39
2.4	Da devassa nativa à diocese visionária: um passeio desbravador pela história jaguaribana	50
3	O GRUPO: MOTIVAÇÕES, TEMÁTICAS E PERFIL DE PÚBLICO	61
3.1	Breve histórico do Facebook	61
3.2	O Grupo - Motivações e perfil de público	73
3.3	O Grupo - Temáticas predominantes	81
3.3.1	<i>Temporalidades</i>	83
3.3.2	<i>Ambiente natural</i>	85
3.3.3	<i>Cultura e religiosidade</i>	87
3.3.4	<i>Homenagens póstumas</i>	87
3.4	A vida no campo no contexto da globalização	91
4	A VOZ DOS SUJEITOS: RELATOS MEMORIAIS E DE CONSUMO E RECEPÇÃO DE SEGUIDORES DA PÁGINA	99
4.1	Fotografia e memória	99
4.2	O pertencimento social	106
4.3	Percurso teórico metodológico	112
4.4	Depoimentos	123
4.4.1	<i>Iv - 40 anos - Tapuio</i>	123
4.4.2	<i>M - 43 anos - Tapuio/Tabuleiro do Norte</i>	125
4.4.3	<i>F - 71 anos - Fortaleza</i>	127
4.4.4	<i>A - 59 anos - Uberaba/MG</i>	128
4.4.5	<i>W - 76 anos - Rio de Janeiro</i>	131
4.4.6	<i>Os - 40 anos - Budapeste/Hungria</i>	132
4.5	Resumo das entrevistas	134

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS	139
	ANEXO A — QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DE PÚBLICO	146

1 INTRODUÇÃO

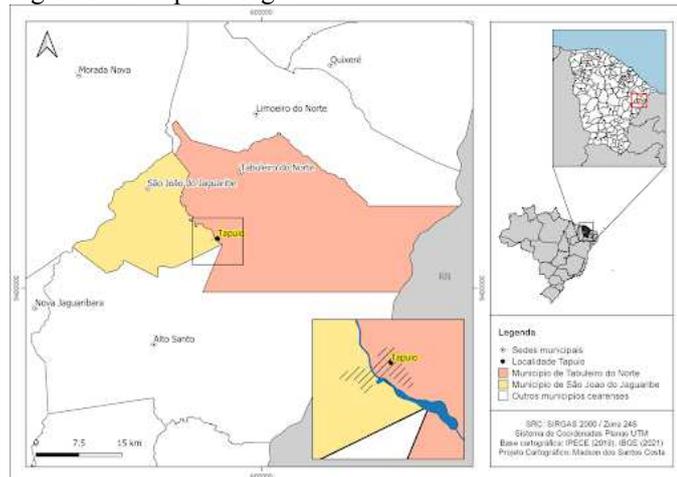
As mídias digitais trouxeram consigo um importante incremento na acessibilidade comunicativa. Com elas também vieram alguns problemas, como o crescimento das polarizações e uma maior disseminação de desinformações, entre outros, mas a sociedade tem muito a ganhar se souber usar adequadamente esta ferramenta. A associação por nichos temáticos é um exemplo de uso produtivo. E na infinidade de temas que podem ser objeto de agremiação virtual, um dos mais populares são, sem dúvida, os lugares de convivência.

A minha incursão pelo assunto veio de forma indireta. Na época do extinto Orkut participava de comunidades de grande escala do tipo: Sou Brasileiro, Sou Cearense, Nordeste com Orgulho, Amo Fortaleza... chequei até a criar uma comunidade própria, denominada "Tapuio - Tribo Guerreira", mas de caráter vago e unicamente associativo, sem esclarecer que o Tapuio a que eu me referia era a localidade rural em que eu nasci. Isto fazia com que as pessoas se aproximassem, achando se tratar da tribo indígena, o que de certa forma ficava em aberto. Até que em dezembro de 2012 minha irmã mais nova criou, já no Facebook, o "Tapuio - Fotos e História", um grupo voltado às raízes da localidade rural onde nascemos e fomos criados e me como moderador.

O Tapuio é uma localidade pequena, de residências dispersas, com uma população em torno dos 300 habitantes, situado na divisa de dois municípios do Leste cearense, Tabuleiro do Norte e São João do Jaguaribe. Sua toponímia se deve à presença de indígenas genericamente denominados de Tapuio, no lugar, até meados do séc. XIX. A ideia de criar um grupo voltado ao seu cotidiano e origens foi inspirada em outros semelhantes existentes em cidades próximas. Na ocasião confesso que não levei a iniciativa a sério, mas, aos poucos, fui me dando conta de como o meu lugar possuía sim muitas memórias e um amplo acervo fotográfico. Com o tempo, fui tornando-me protagonista na captação, produção, e gestão do conteúdo postado na página.

Este protagonismo despertou então em mim o desejo de conhecer mais a fundo o impacto do grupo sobre seus seguidores, pessoas com diferentes histórias e sentimentos, mas também com algo em comum: uma relação direta ou indireta com este lugar. Parafraseando Augé (1994), desejei saber “o que aqueles a quem falamos e vemos nos dizem daqueles a quem não falamos e não vemos”.

Figura 1 — Mapa do lugar



Fonte: Madson Costa (2022)

No decorrer do primeiro ano da pandemia de coronavírus, quando as vidas se confinaram e atenções voltaram-se com muita intensidade para o ambiente virtual, elaborei um projeto de pesquisa. Após uma tentativa frustrada numa pós-graduação em Geografia, minha área de formação, obtive êxito neste curso de mestrado em Comunicação, o que foi recebido como uma grata surpresa, pelo ecletismo que este ramo de conhecimento viria a agregar à minha trajetória.

Quanto à minha história pessoal, nasci e vivi no Tapuio até atingir a maioridade. No ano de 2002 migrei para a cidade de Limoeiro do Norte, distante 35 quilômetros, para ingressar em uma graduação de licenciatura em Letras, que depois transferei para Geografia, por ter maior afinidade com a causa ambiental. Depois de sete anos em Limoeiro do Norte mudei para a cidade de Pacajus, na região metropolitana de Fortaleza, permanecendo por quatro anos, e a partir de 2015 passei a residir em Fortaleza, onde atuei com pesquisa estatística no IBGE e depois em empresas privadas de pesquisa estatística. Até então havia sido somente professor do ensino fundamental, na rede pública.

No ano de 2020 eu residia em Fortaleza quando surgiu a pandemia do coronavírus e as circunstâncias permitiram que eu viesse me refugiar no Tapuio, um local potencialmente mais afastado da contaminação. A minha atividade como moderador do grupo "Tapuio - Fotos e História", acabou atingindo um alto volume de postagens pelo meu contato presencial com o lugar e pela maior conectividade na internet, em virtude do confinamento pandêmico. Foi neste contexto que veio o meu ingresso no mestrado.

Assim, tendo na paisagem à minha frente a escola onde aprendi as primeiras letras e o leito seco de uma lagoa que personifica a resiliência daquele povo, mergulhei, via internet, já

que o curso foi realizado de forma remota devido à pandemia, neste universo teórico sobre identidades sociais mediadas por redes virtuais.

Figura 2 — Paisagem da janela



Fonte: O autor (2023)

Ao longo da redação deste trabalho, o grupo completou uma década de existência e se consolidou como um ponto de encontro entre o lugar e o seu povo disperso pelo Brasil e outras partes do mundo.

Figura 3 — Layout do Grupo “Tapuio Fotos e História”



Fonte: definições da página (2022)

De grande importância para a formação de um acervo local foi a atuação do meu pai Rozemar Oliveira, entre anos de 1970 e 2000, no exercício do ofício de fotógrafo, no Tapuio e localidades vizinhas. Este pioneiro labor, desenvolvido como complemento de renda nas atividades agrícolas e um cargo público municipal de auxiliar de manutenção, incentivou a comunidade a fotografar seus momentos a partir deste período.

O público presente na página é composto uma mistura de sentimentos múltiplos e em alguns casos antagônicos: algumas pessoas moram no local e são propensas a migrarem e outras que migraram, mas mantiveram laços afetivos ou parentais no seu lugar de origem. Entre os que foram, há os que partiram com espírito de aventura e outros com o peso da necessidade de ir; dentre os que ficam, há os que o fazem em opção por tranquilidade e outros por não serem totalmente “livres para voar”. Há também aqueles que sequer conhecem o lugar, apenas são descendentes ou amidas de pessoas nascidas nele.

Como bem define Heidrich (2013, p. 88):

Pensar ainda os lugares para além da localização nos permite entender os lugares do outro, pelo outro. Compreendemos a necessidade de ver o lugar a partir dos olhos de quem o viveu, o vive e o experiencia, desta forma não corremos o risco de ver a partir dos nossos valores, do nosso 'estado de espírito', de nossa visão de mundo, o que implica construir uma imagem distorcida dos lugares. O lugar deve ser compreendido na sua dimensão não apenas material, mas também simbólica: compreender que os lugares expressam a relação entre estes e seus habitantes, esta relação tem uma dimensão psicológica e sócio-psicológica.

O referencial teórico discorre sobre a história local, convivência com o ambiente rural, pertencimento social, comunidades virtuais, cultura e globalização e a relação entre fotografia e memória, a partir de autores como: Jesus Martín-Barbero, Milton Santos, Susan Sontag, Stuart Hall e outros.

A pesquisa foi realizada através de levantamento historiográfico, netnografia, questionários quantitativos e entrevistas em profundidade, com recepção de conteúdo.

O objetivo geral do trabalho é compreender as relações de pertencimento e memória mediadas pelo grupo "Tapuio - Fotos e História". Em nível específico são pesquisados: o perfil demográfico e de engajamento dos seguidores da página; discursos e narrativas presentes nos comentários e legendas das fotografias da página, a fim de compreender como os sujeitos constroem e compartilham memórias coletivas e individuais do lugar; histórias de indivíduos migrantes e suas relações com a página e o lugar; predileções temáticas no consumo fotográfico dos sujeitos, na página, e produções de sentido mediadas pela recepção de fotografias consumidas.

Na estruturação do trabalho, será realizada, no segundo capítulo, após esta introdução, uma caracterização do lugar, em contexto com a região em que ele está inserido: o vale jaguaribano cearense. O terceiro capítulo versará sobre o grupo virtual, com suas temáticas e motivações predominantes. acompanhadas de um breve histórico do Facebook, teorias sobre

as comunidades virtuais e convivência no ambiente rural. O quarto capítulo, que trará o depoimento de seguidores da página, versará sobre fotografia, memória, pertencimento e o detalhamento do percurso teórico metodológico da pesquisa. No quinto capítulo serão tecidas as considerações finais.

Compartilhamos com a filosofia de Seu Dito *apud* Meira (2016), para quem:

Ser caipira é ser bicho do mato, mas também da cidade. Ser caipira é se encantar com as coisas naturais, parar e ouvir os sabiás em algum lugar de uma cidade barulhenta. Ser caipira é também ser desconfiado sobre o que não se sabe; é chamar os amigos de compadre, comadre; é ter sotaque, porque esse som revela de onde viemos. E se sabemos de onde viemos, quando for preciso, saberemos para onde voltar.

Acredita-se na relevância da pesquisa para a compreensão do uso das mídias sociais no pertencimento e desenvolvimento de pequenos agrupamentos populacionais, em especial as localidades rurais do semiárido. Para além do compartilhamento de imagens e informações, grupos como o “Tapuio - Fotos e História”, independentemente da escala de abrangência, são importantes instrumentos de identidade e mobilização social.

2 CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR: HISTÓRIA, CULTURA, NATUREZA, E CONTEXTO REGIONAL

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (Santos, 2001, p. 96).

Iniciaremos com um mergulho no universo do recorte territorial que iremos abordar. E para melhor compreender este lugar, estenderemos a escala de análise para os municípios e também a região estadual em que ele está incrustado. Procuraremos, sempre que possível, situar os aspectos locais dentro do universo teórico acadêmico/científico.

2.1 Aspectos socioambientais

Até o ano de 1958 o lugar pertencia ao município de Limoeiro do Norte. Com a criação simultânea dos municípios de Tabuleiro do Norte e São João do Jaguaribe, acabou havendo uma cisão, quando a linha central do leito da lagoa, na prática chamada de riacho, foi utilizada como referência na divisão entre os dois territórios municipais recém-criados. No entanto, isto teve pouco impacto na unidade do lugar, que, com certeza, não é o único a ser impostamente fragmentado pelos referenciais mais convenientes à cartografia.

Um exemplo mais drástico de fatiamento cartográfico é a também cearense localidade de Cristais, entrecortada em cruz pelo rio Pirangi e pela BR 116, na altura do km 97 desta via. As duas linhas perpendiculares, uma natural e outra humana, são utilizadas como limite entre os municípios de Morada Nova, Ocara, Cascavel e Beberibe, dividindo, assim, em quatro, o pequeno lugar

Mas, como coloca Santos (2007, p.14): “O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade”. Desta forma, por mais que os lugares sejam delimitados por limites mais convenientes a critérios ou interesses institucionais e políticos, o fator decisivo na prática, vai ser a identidade que transcende estas fronteiras.

Figura 4 — Cruzamento da BR 116 com o rio Pirangi em Cristais/Ce



Fonte: Google Street View(2022)

O povoamento do Tapuio se deu à margem do açude popularmente referido como Lagoa que, de acordo com a tradição oral, foi originada da ampliação de um pequeno barramento deixado por povos originários.

Há uma discreta concentração residencial nas proximidades da parede do açude, onde há uma igreja, grupo escolar e quadra de esportes. Acompanhando o leito do açude, na margem direita, há moradias distribuídas de forma dispersa.

A lagoa é revestida de grande valor simbólico, localmente, por proporcionar momentos de lazer e melhorar o aspecto da paisagem, além de fornecer água para as atividades econômicas, quando cheia. Embora seja raro ela atingir sua capacidade máxima de armazenamento, isto reforça o fervor da comunidade na veneração a seu padroeiro, São José, que, segundo a crença popular, intercede em prol da pluviosidade. O clima local segue as características típicas do semiárido nordestino, com chuvas escassas no primeiro semestre do ano e seca no período restante. A matriz predominante é a cristã, dividida entre as versões católica e protestante.

O espelho d'água do açude estende-se por cerca 05 km, com uma profundidade média em torno de 02 metros, quando cheia. Seu raro preenchimento se deve ao fato de ela estar localizada no decurso final de toda uma rede de açudes, o que a deixa dependente do transbordamento deles para armazenar um volume significativo de água.

Figura 5 — Açude público do Tapuio



Fonte: Arquivo pessoal Raerte Sousa

Logo abaixo das fotos da lagoa cheia, no grupo "Tapuio - Fotos e História", podem ser vistas algumas demonstrações da sua importância da lagoa para auto estima do lugar:

- *lindo cenário todos nós queremos ver tudo isso em breve se deus quizer;*
- *eita, que saudades, viajei agora em boas recordações que tempo bom, adorava ir aos domingo, isso quando a minha mae deixava, eu ainda a pé, do mundial ao tapuio só pra tomar banho de lagoa, eh saudades, lembranças a todos;*
- *nossa voltei no tempo que saudade desse tempo que não volta....;*
- *Coisa linda de se ver chega me emocionei em ver essa foto, Que Deus olhe para nos todos moradores do tapuia e vizinhos e mande um bom inverno para glória e honra do Senhor;*
- *este e o meu territorio e m lindo;*
- *minha praia linda paisagem;*
- *Como eu queria voltar para tomar banho neste lindo encantador local;*
- *Tomei muitos banhos nessas pedras antes da construção do açude. Esse sangradouro não é do Açude Grande?;*
- *Muito bom ver essa Lagoa assim, com fé em Deus ainda veremos esse cenário novamente;*
- *Vai ser bom encher novamente, já faz um tempinho que está vazio!;*
- *Saudds desse tempo era bom demais podia faltar peixe na lagoa mais a gente n tinha perigo de faltar kkkk...;*
- *Tempos bons se Deus quiser veremos isso de novo ali era so alegria;*
- *Essa foto já fez sucesso. Só quem conhece sabe o quanto é bom ter essa lagoa cheia kkkk.*

O acesso principal ao Tapuio se dá pela BR 116 e uma estrada não pavimentada de três quilômetros, na altura do km 222 da BR, a partir de uma localidade chamada Posto Mundial. Mas há caminhos alternativos, para se chegar a alguma das três cidades mais próximas - Alto Santo, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte - situadas em direções distintas, num raio entre 20 e 30 quilômetros.

A seca e a chuva povoam o imaginário local; ao final de cada quadra chuvosa fica o temor e a incerteza de como será a próxima. Para o consumo humano existe água assegurada por adutora; para a agropecuária é a natureza quem dá o tom.

Figura 6 — Visão do lugar



Fonte: Raerte Sousa (2008)

Nas memórias da estiagem, o ano de 1958 recebe evidência, por quem o vivenciou, como o “ano da macambira” pelo intenso consumo desta planta (*Bromelia laciniosa*), para o consumo humano e animal, prática recorrente em anos de seca, no Nordeste. Em um depoimento audiovisual postado por familiares no site Youtube, seu Néelson Daniel, nascido e criado no Tapuio, hoje falecido, descreve o processo de queima da planta de folhas espinhentas, para encontrar o tronco cilíndrico, de cuja fibra era produzida um agre cuscuz:

Meu pai chegava dez horas ou mais, (aí eram) uns despencando, outros aparando, outros despelando, largava no pilão, lavava, pilava de novo [...], tinha vez que quando o cabra ia comer era (m) duas horas da tarde, às vezes três.

Em outro momento do mesmo vídeo seu Néelson relata as angústias passadas com a escassez de água:

Anos mais ruins que eu passei foi (19)30,31, 32 e 33. Tudo foi seco. Passava a noite esperando (para encher) uma lata d'água nesse buraco do açude, cansei de ir à boca da noite, chegar lá e estar rodeado de lata e pote e cabaça [...] e encher de um em um. Teve dias de chegar a hora de ir pegar macambira e eu não pegar a água.

Maia (2002, p. 150 e 151) apresenta o seguinte relato:

O inverno de 1929 foi regular, mas não deixou água suficiente. Em 1930 foi seco. As lagoas secaram muito cedo; meu pai mudou-se para o TAPUIO com a família; arranhou uma casinha no lado Sul da lagoa, onde havia muita macambira. Ali

passamos os meses que durou o trato do gado. A lagoa seca e as cacimbas por serem muito rasas, as águas insalubres não serviam para o consumo humano. A água de beber era trazido de uma cacimba que chamavam de jaramataia; ficava ali perto de onde hoje é o açude atual.

Hoje são raros os exemplares da planta no lugar.

Figura 7 — Macambira



Fonte: O autor (2022)

Um recurso vegetal também muito utilizado, para o alimento do gado, era o palmito, o miolo do tronco de carnaubeiras jovens.

Em se tratando de políticas públicas, o remédio vinha através de frentes emergenciais de serviços, as “emergências” responsáveis por grandes obras como a abertura da BR 116 no trecho Russas-Jaguaribe, na década de 1930, no qual está situada a entrada para o Tapuio e construção e reforma de açudes e outras. Eram medidas paliativas, que combatiam os efeitos, mas não atingiam a raiz do problema, deixando a população dependente dos governantes, a cada nova estiagem.

Figura 8 — Frente de Serviço



Fonte: Rozemar Oliveira (1998)

Campos (2012) faz a seguinte periodização das políticas públicas contra as secas:

- Período 1: Defrontando-se com as secas (1583-1848);
- Período 2: A busca do conhecimento (1849-1877);
- Período 3: A hidráulica da solução (1877-1958);
- Período 4: A política do desenvolvimento em bases regionais (1959-1991);
- Período 5: O gerenciamento das águas e as políticas sociais (1992-).

Para realizar a sua construção, o autor, embasou-se nas seguintes periodizações de outros autores:

a) Andrade (1970): 1) humanitária; 2) intervenção e sistematização com estudos e obras; 3) diferenciação; e 4) integração do desenvolvimento regional e promoção universitária;

b) Carvalho (1988, p.202): 1) a presença governamental até 1950; 2) a mudança de padrão, de 1950 a 1959; 3) a modernização com reformas de 1959 a 1964; e 4) a modernização conservadora, decorrente da implantação do regime militar;

c) Magalhães e Glantz (1992): 1) a fase de estudos; 2) a fase de engenharia de recursos hídricos; 3) a fase ecológica; 4) a fase de desenvolvimento econômico; 5) a fase de desenvolvimento sócio econômico; e 6) a fase de desenvolvimento sustentável.

Para a Fundação Cearense de Meteorologia - Funceme, um ano é considerado seco quando a quantidade de chuvas é 40% inferior à média histórica do estado, o que aconteceu no século XX, também de acordo com o mesmo órgão, nos anos de 1915, 1919, 1932, 1958, 1983, 1993 e 1998, cujo desvio foi de 56%.

A economia do Tapuio é baseada na agropecuária de subsistência, através da criação de caprino-bovinos, do cultivo de feijão e milho e da exploração da palha-de-carnaúba e coleta da castanha de caju. Como em outras localidades interioranas, são comuns as migrações temporárias em busca de trabalho, em obras de engenharia em outros estados e até no exterior, as chamadas firmas.

A gestão da religiosidade do lugar é realizada atualmente pela paróquia de São João do Jaguaribe que, por ter uma área municipal menor, ficou encarregada de uma parcela do município de Tabuleiro, na qual parte do Tapuio está englobado.

Além da capela principal, em homenagem a São José, com a festa no mês de março, há uma outra em homenagem a Nossa Senhora do Carmo, com o novenário no mês de julho.

Ainda persistem tradições familiares de devoções a santos católicos prediletos, como: Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião, São João e Santa Luzia, entre outros. As referidas adorações foram iniciadas por gerações anteriores, em promessa pelo alcance de graças, e continuadas pelos descendentes, através do hábito de realizar um solene terço, no dia destinado ao Santo, com a presença da comunidade.

Figura 9 — Procissão



Fonte: Rozana Lima (2022)

Continuam também a ser cultivadas as tradições das romarias, com destaque para a de Nossa Senhora da Saúde, em agosto, no distrito tabuleirense de Olho d'Água da Bica, e a de São Francisco das Chagas, em outubro, rumo à cidade de Canindé/Ce.

De caráter sincrético persiste até o momento a tradição das benzedeiiras, ofício que se utiliza de um ramo de planta para recitar orações para males diversos como quebranto, mal olhado, inflamações, reumatismos e muitos outros. Porém a prática encontra-se em processo de extinção, já que não são preparados sucessores para os representantes falecidos ou em idade avançada.

Uma via de fácil acesso (BR 116), energia elétrica e água encanada são elementos estruturais importantes, à disposição. Um desafio crucial é o provimento de água para agropecuária, em especial o consumo animal, ao longo da estação não chuvosa. O contexto atual do lugar, vulnerável à instabilidade e sazonalidade do clima, é o seguinte: predomínio de idosos na população, integração crescente com o mercado de serviços nas cidades, declínio das práticas agropecuárias e tendência de uso do local para temporadas de descanso e alívio do stress urbano.

2.2 Percurso histórico

Tudo o que se sabe sobre a origem do lugar é baseado em relatos orais, repassados geracionalmente, alguns dos quais foram documentados por Maia (1998, 1999).

A versão amplamente difundida é de que quando os primeiros colonizadores chegaram ao Tapuio, no início ou meados do séc. XIX, encontraram um solitário remanescente dos nativos que um dia ocuparam aquele espaço. Isto foi suficiente para que ele servisse como referência e o local fosse denominado de TAPUIO. Há em rochas na localidade pequenas escavações que seriam usadas pelos povos originários para a trituração de ervas e grãos. Um solitário exemplar de uma palmeira da espécie *Syagrus cearensis*, uma das muitas espécies de coco catolé, também seria remanescente do período pré-colonial da comunidade.

Figura 10 — Vestígios pré-coloniais no lugar



Fonte: O autor (2022)

O site “Um Pé de Quê?”, do canal didático Futura, lembra, na pessoa da atriz e apresentadora Regina Casé, que a palmeira *Syagrus*, na variação *oleracea*, é muito abundante na Serra da Barriga, em Alagoas e essa abundância inspirou o nome do Quilombo dos Palmares, núcleo de resistência negra constituído na região, ao longo do século XVII. A *Syagrus cearensis*, como o próprio nome indica, é de ampla ocorrência no Ceará, porém no Tapuio é encontrado apenas um exemplar desta espécie, certamente por práticas devastadoras no processo colonizatório, cortando-a talvez para dar lugar a pastagens, cajueirais, carnaubais, etc.

Um artigo de MEIRELES *et al.* (2020) investigou as propriedades nutricionais do fruto da *Syagrus cearensis* e indicou a presença expressiva de flavonóides e carotenóides,

compostos de grande importância para a saúde humana. Os pesquisadores sugerem o uso do coco em barras de cereais.

Seguindo a máxima de que na natureza nada se perde e tudo se transforma, a palha e a casca também podem ser usadas de múltiplas formas, para paisagismo e produção de artesanato. Uma possibilidade criativa e sustentável para uma comunidade de poucas oportunidades, desde que a planta fosse replicada a partir da matriz que ainda resta.

O mais antigo registro oficial conhecido, ligado à comunidade de Tapuio, é a anotação de matrimônio do casal João Alexandre da Costa e Guilhermina dos Passos de Jesus, trisavós deste autor, celebrado no dia 05 de maio de 1879, na então matriz de Limoeiro do Norte, pelo vigário Joaquim Rodrigues de Menezes e Silva. A nota foi registrada na página 176 do livro 2 dos Registros Paroquiais de Casamento da Freguesia de Limoeiro e é encontrada em um compêndio organizado por Andrade; Chaves e Silva (2010, p.175):

Aos cinco de maio de 1879, nesta Matriz do Limoeiro administrei o sacramento do matrimonio aos contralventes João Alexandre a Costa, pardo, e Guilhermina dos Passos de Jesus, e lhes lancei as bênçãos nupciais depois de confessados e examinados em Doutrina Cristã presentes as testemunhas João Alexandre da Costa e Francisco Pereira de Mello. E para constar mandei fazer este assempo em que me assigno. O vigário Joaquim Rodrigues de Menezes e Silva.

A colonização do Tapuio pode ser considerada tardia, em relação às áreas ribeirinhas, que eram as mais prediletas no início do processo de ocupação branca, na região jaguaribana. Conforme a assinalação de autores como Lima (1996) e Neto (2003), a colonização das margens do Jaguaribe foi efetivada a partir de 1681, com a concessão de sesmarias, lotes de terra doados pela coroa portuguesa no período colonial. Ainda de acordo com a pesquisa dos citados autores, as sesmarias possuíam, na ribeira do Jaguaribe, duas léguas¹ (12 km) acompanhando a extensão do rio e uma légua em cada lateral, medindo ao todo 04 léguas quadradas. Este perímetro, em nenhuma delas, englobava o Tapuio.

No avançar da colonização jaguaribana, existiu, no séc. XVIII, possivelmente onde hoje está situada uma localidade chamada Aldeia Velha, a oeste da cidade de Tabuleiro do Norte, uma antiga missão de aldeamento indígena. De acordo com a tradição oral documentada por Maia (1998), seria remanescente deste aldeamento o nativo que foi utilizado como referência na denominação do Tapuio. Encontrou no novo local, mais afastado das

¹A légua é uma antiga unidade de comprimento, usada no Brasil e em Portugal, durante o período colonial. De acordo com o dicionário Michaelis On line, ela é variável segundo a época, país ou região e, no Brasil, tem de 6.000 a 6.600 metros.

margens do rio, uma sobrevida antes que o cerco colonizatório voltasse a se fechar sobre ele. Não foi conhecido se ele chegou sozinho ou se a morte já levava eventuais companheiros ou parentes, o fato é que as mesmas vozes que relataram sua presença também falaram que ele foi aprisionado e domesticado pelos desbravadores recém-chegados.

A aldeia, com sua respectiva localização no hoje território tabuleirense é citada por Bezerra (1918), que informa também a sua transferência para o sertão central, próximo de onde hoje fica Quixadá e depois para a serra de Baturité.

Andrade (2008) reproduz um poema declamado por senhoras e senhoritas na solenidade de criação do município de Tabuleiro do Norte, em 08 de junho de 1958, elaborado pelo Monsenhor Otávio de Alencar Santiago, organizador do cerimonial do evento, onde os silvícolas de Tapuio e Aldeia Velha são mencionados.

Ao falar da constituição da cultura de uma nação, Stuart Hall (2006) cita o mito fundacional, “uma estória que localiza a origem da nação, do povo e do seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas de um tempo ‘mítico’ (Hall, 2006, p. 54/55). Mesmo se tratando de uma pequena localidade, é possível observar a presença deste elemento na cultura tapuiense, com a referência aos indígenas de forma permanente e mitológica, com a célebre expressão “no tempo dos índios”.

O maior desses mitos é a atribuição da baixa pluviosidade local a uma maldição deixada pelos nativos ante a expulsão efetivada pelos colonizadores. Há também o relato de um oásis perdido onde existe a atual lagoa. A mesma seria uma perene fonte de água que teria sido obstruída com cabeças de animais mortos, também em virtude da expulsão. A própria lagoa, que fora um importante corpo hídrico, perdeu sua funcionalidade ao longo dos anos, por causa dos barramentos ao longo do seu córrego, o trajeto por onde correm as águas da chuva. Conforme a crença popular: “tudo por praga dos índios.”

No ano de 1927 o bando do cangaceiro Lampião passou pelo solo do Tapuio, vindo de Limoeiro do Norte, após a famosa debandada sofrida na cidade de Mossoró/RN. É um outro registro coletado por Maia (1998), que conversou diretamente com seu José Alexandre Soares, uma testemunha ocular do episódio, que à época contava doze anos de idade. Uma mesa que serviu um almoço ao bando na casa dos pais do então garoto é hoje conservada como relíquia por seus descendentes.

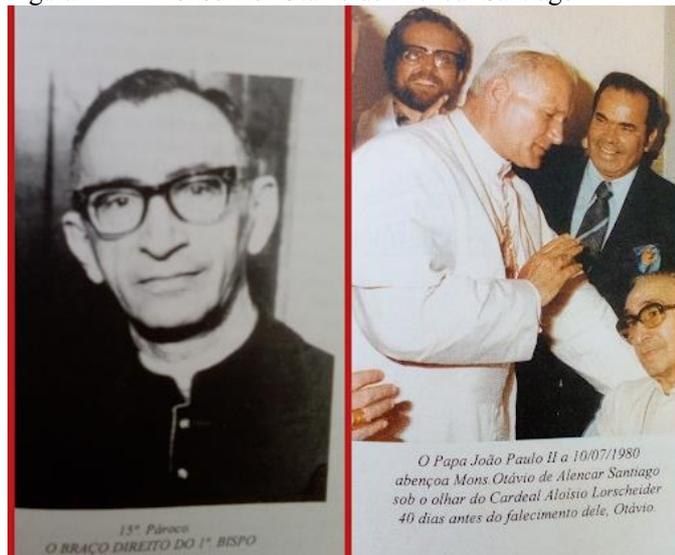
Neto (2008) situa a passagem de Lampião por Tabuleiro do Norte no dia 16 de junho de 1927, o que significa ter sido nesta mesma data a passagem do facínora pelo Tapuio, já

que, segundo os relatos do autor, ele chegou logo cedo à então vila de Tabuleiro de Areia, tomou o “café” e logo seguiu viagem.

Na década de 1940, através da mobilização da comunidade foi iniciada a construção da capela de São José, do Tapuío. De acordo com Bessa (1998), a obra foi orientada por Mons. Otávio de Alencar Santiago, celebrante de uma primeira missa, com o templo ainda inacabado e, após a finalização dos trabalhos, uma outra missa foi celebrada no dia 21 de fevereiro de 1962, por Padre Heitor de Matos Montenegro, o primeiro vigário da paróquia de Tabuleiro Norte, criada em 25 de janeiro de 1961.

Monsenhor Otávio de Alencar Santiago foi um religioso de conhecida atuação em Limoeiro do Norte e região jaguaribana. Nascido em Viçosa do Ceará, em 08 de dezembro de 1905 e ordenado em 1932, ele foi biografado por Castelo Branco (1995), em um livro sobre os padres que fizeram parte dos 150 anos da paróquia limoeirense. Ele era o pároco de Limoeiro à época da criação da Diocese, em 1938, e foi o braço direito do primeiro bispo, até ser acometido por um acidente vascular cerebral em 1966, ficando hemiplégico até sua morte, em 1980. Dom Aureliano, a quem auxiliava, faleceu em 1967.

Figura 11 — Monsenhor Otávio de Alencar Santiago



Fonte: Castelo Branco (1995)

De acordo com o relato de seu biógrafo e pessoas que o conheceram, ele era um homem hiperativo e austero, mas muito engenhoso, com uma extensa lista de projetos desenvolvidos nas áreas de arquitetura, eletricidade e eventos. Com um rádio amador que possuía, prestou grande serviço público durante o catastrófico arruamento do Açude Orós,

quando as cidades a jusante da barragem foram inundadas e Limoeiro do Norte precisou ser totalmente evacuada. “O Pároco-Rádio-Amador transferiu-se, então, com sua estação radiofônica, para Tabuleiro do Norte, ali ficando a serviço dos flagelados do aluvião [...] sendo tudo para todos” (Castelo Branco, 1995).

No Tapuio ele foi mediador também da implementação de uma turma de alfabetização, no ano 1958, que foi responsável pelo único letramento que alguns tiveram ao longo da vida.

Em 1960, o mesmo ano da catástrofe em Orós, foi construído o Campo Santo do Tapuio, que passou a ser o único num raio médio de 20 km, por mais de trinta anos. Esta obra eliminou a penosa tarefa de trasladar os mortos, na maioria das vezes a pé, para os cemitérios mais próximos, em Tabuleiro do Norte ou São João do Jaguaribe.

A partir de 1969 o lugar passa a contar com o serviço de um profissional fotógrafo, quando o jovem Rozemar Oliveira adquire uma câmera fotográfica em Fortaleza e decide utilizá-la como complemento à renda das atividades agrícolas. Atuava principalmente em finais de semana, inicialmente a cavalo, não só em Tapuio, como em localidades e cidades próximas. Foi uma inovação que viria a ter grande valor documental para o futuro.

Dez anos depois, em 1979, pelas mãos do mesmo jovem Rozemar, através do dinheiro obtido com a venda de fotografias, um primeiro aparelho televisor no lugar (tudo isto após já ter adquirido alguns itens populares à época, como bicicleta, motocicleta e até mesmo um carro, Rozemar decidiu adquirir um aparelho televisor, que, por não contar com energia automóvel). Na falta de energia elétrica, a Tv era ligada em conexão com uma bateria automotiva, à noite e nos finais de semana, quando uma pequena multidão se formava para assistir programas como novelas, telejornais, Os Trapalhões e Chacrinha. Uma gentileza proporcionada aos clientes das fotografias, com a renda obtida com os registros.

A chegada de um televisor no Tapuio ocorre um ano depois de uma instalação de uma torre de transmissão nas proximidades de Limoeiros do Norte, na Chapada do Apodi, pelo Sistema Verdes Mares de Televisão. Conforme relata Freire (2016), descendente de tapuienses, em uma tese de doutorado, as captações televisivas na região jaguaribana eram realizadas de forma precária, até então, o que fazia com que o rádio predominasse. A partir de 1978, como parte de um “projeto de integração nacional do regime autoritário” (FREIRE, p. 499), o quadro mudou, na região, e o Tapuio logo acompanhou essa modernidade.

Um fato destacado por FREIRE *op cit.* em seu trabalho, é o impacto do televisor no cotidiano da cidade de Limoeiro do Norte. Uma consequência imediata foi o fechamento dos cinemas da cidade, quando a população se dirigia a uma praça pública para assistir à telenovela *Pai Herói*, de Janete Clair, em um aparelho de televisão instalado pela prefeitura da cidade. O contexto, que foi comum em outras cidades do Brasil, é retratado de forma cômico-dramática no filme *Cine Holliúdy*, gravado em 2013 nas cidades de Quixadá e Pacatuba/Ce. Na produção é a telenovela *Dancin Days*² (de Gilberto Braga) quem aparece como captadora da atenção dos antigos cinéfilos.

Figura 12 — Televisor Philco modelo 1979



Fonte: [catalogodasartes.com](https://www.catalogodasartes.com)³

Em uma postagem do grupo "Tapuío - Fotos e História" sobre o primeiro televisor do lugar, foram encontradas manifestações como as seguintes:

- Era o pointer dos jovens que aproveitava pra dar aquela paquerada;
- Pois é tenho orgulho de ter feito parte dessa época. tempo bom que não volta mais. Só saudade;
- Eu assisti muita novela ai na casa do seu pai era bom de mais;
- Eita Ribamar Sousa voltei no tempo nós meus pensamentos e saudades da infância feliz que seu pai proporcionou para todos da comodidade. Amo todas essas lembranças";
- Lembro muito, quantas noites eu fui assistir a novela os gigantes.

²Dancin Days e Pai Herói foram novelas de sucesso, exibidas pela Rede Globo de Televisão, no final da década de 1970, em 1978 e 1979, respectivamente, no horário das 20 h.

³ Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DzBUczBc/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

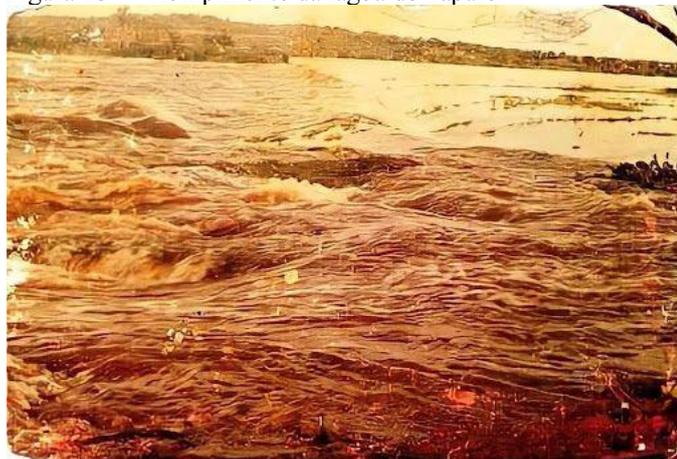
Lopes (2003) ressalta que a presença maciça da televisão em um país como o Brasil, periférico no mundo ocidental, pode ser descrita como mais um paradoxo de uma nação de contrastes históricos acentuados “entre riqueza e pobreza, modernidade e arcaísmo, Sul e Norte, litoral e interior, campo e cidade.”

Em 1981 foi construído um primeiro grupo escolar no Tapuio, pela prefeitura de Tabuleiro do Norte, recebendo o nome de Francisco Martins de Sousa, contando com o ensino de educação infantil, à época chamado de pré-escolar, e turmas de 1º a 4º série, chegando ao ensino de 1º grau completo (hoje fundamental), nos anos 90. Uma primeira turma de humanistas de 8º série, atual 9º ano, colou grau no ano de 1997.

Em 1991 foi construída uma outra escola pela prefeitura de São João do Jaguaribe, oferecendo da alfabetização a 4º série, atual Ensino Fundamental I. Atualmente as duas encontram-se desativadas por falta de público suficiente para a formação de turmas e as crianças do lugar são atendidas na vizinha localidade de Mundial.

No ano de 1985, ano de enchentes no Ceará, a lagoa do Tapuio não só encheu como se rompeu ou arrombou, como popularmente se define, causando um saldo de destruição e quatro mortes, quando uma multidão observava o aguaceiro chegando e levando um trecho da BR 116, três quilômetros à frente. É uma das grandes memórias, embora trágica, do lugar. O velho pé de coco catolé, a palmeira *Syagrus cearensis*, saiu ileso do sinistro, mesmo estando aos pés do barramento do açude. Isto comprova a resistência das palmeiras em geral, já que muitas carnaubeiras no caminho da água inclinaram-se, mas não caíram e hoje são vestígios vivos do evento, por causa do anômalo crescimento curvado que possuem.

Figura 13 — Rompimento da lagoa do Tapuio



Fonte: Rozemar Oliveira (1985)

Também no grupo "Tapuio - Fotos e História" encontramos estes desabafos, em uma postagem sobre o *arrombamento* da lagoa, em 1985:

- *oh cara eu lembro tudo isso 1985 4 hora da tarde foi triste;*
- *Só lembro por q a minha mãe falo para me, que foi 1 ano depois q nasci.*
- *Nunca esqueci enchentes q resultou na morte de 5 [...] ! foi tenso aquela tarde, na casa da minha mãe!!*
- *O [...] tinha ajudado minha mãe depois saiu com o [...] para a Br, exatamente para verem o açude arrombar pois estaria cheio e não suportaria o excesso de água ,foi qdo tdo aconteceu! Triste. Ainda bem q o tempo sara as feridas.*
- *q tristeza nessa epoca;*
- *MIM LEMBRO MUITO BEM, PERDI MEU NAMORADO NESTE DIA.*

No mesmo ano de 1985 foram iniciados os estudos para o Açude Padre Cícero, mais conhecida como barragem Castanhão, situada a 35 quilômetros do Tapuio. A faraônica construção também raramente atinge sua capacidade máxima, mas quando isto acontece, os ribeirinhos ficam tomados pelo temor de um cataclisma tsunâmico. Nos anos de 1960 este pesadelo aconteceu com o Açude Orós, que é três vezes menor que o Castanhão.

Após a tragédia de 1985 a Lagoa do Tapuio viria a sangrar novamente no ano de 1989; após isso, inicia-se um triênio de escassez que culmina com uma grande seca do ano de 1993.

No ano de 1990 a eletricidade enfim chega ao pequeno lugar e é concluída em três etapas, a primeira concluída em 1991, no lado são-joanense, e a segunda e terceira em 1994 e 1996, na área pertencente a Tabuleiro.

Em 1995 um presidente da República - Fernando Henrique Cardoso - visita a vizinha localidade de Charneca, para desapropriar as fazendas Charneca e Barra do Feijão, transformando-as em assentamento. O evento é referido por Gaspari (1998), em uma matéria do jornal Folha de São Paulo, sobre o caráter elitista das desapropriações do político, como o lançamento do programa de reforma agrária do presidente FHC. De acordo com a reportagem, FHC priorizava a desapropriação de terras sabidamente ruins, cuja desprendimento interessava principalmente aos proprietários.

No ano de 2004, a pitoresca quadra invernososa que, em uma semana, no final de janeiro, gerou um volume de água superior a toda a média costumeira de um semestre. O evento, ocasionado por um Vórtice Ciclônico de Altos Níveis (VCAN) estacionado sobre a região Nordeste, encheu pela primeira vez, em tempo recorde, o açude Castanhão, inaugurado dois anos antes. Em Tapuio, por pouco não houve uma repetição da tragédia de 1985, quando rompeu-se a lagoa.

No mesmo ano de 2004, uma grata gentileza aos tapuienses: um filho da terra estabelecido em Fortaleza como empresário, presenteia a todos com uma grande reforma na capela de São José. O humilde templo, resultante de um lento processo de lutas, ganhou paramentos sacros, pintura, portas e janelas novas, teto de alvenaria, piso ladrilhado, novo altar, bancos novos, banheiro... ficou totalmente repaginado. A revitalização de um elemento em torno do qual a maioria dos se desenvolve: um templo religioso.

No grupo TFH, algumas manifestações em torno da reforma da capela:

- *Tenho muito apresso por essa capela. Faz parte da nossa história. Foi construída com muita dificuldade e muito amor. Arquitetura simples, porém muito bela.*
- *Q bom q temos um historiador, através de vc ficamos sabendo da história do lugar q por muito tempo nos acolheu obg Ribamar.*
- *Veja a diferença como foi construída e como está hoje muito bem conserva e bonita. Como disse a minha querida Rosana , construída com muita dificuldade , assim como o cemitério do nosso lugar que todos os nossos pais e avós tiveram a participação.*
- *É inesquecível essa capela o mês de março eu lembro das novenas de São José;*
- *Obrigado Ribamar tenho muita saudades. Dai foi ai que nasci e me criei.*
- *Tenho muito egeria te mim batizando nesta linda igreja de São José Tapuio;*
- *Minha mãe tá ajudou muito nas festas de são José;*

Figura 14 — Capela de São José antes e depois da reconfiguração



Fonte: Rozemar Oliveira/Raerte Sousa

A água encanada chega em 2005, após uma longa militância da associação de moradores (criada em 1995), para acabar com a dependência dos famosos carros-pipa. Neste mesmo ano são adquiridos os primeiros computadores no lugar que, embora sem conexão com a internet, dão um primeiro passo rumo à inclusão digital da comunidade.

Antes que findasse a primeira década do século XXI, ocorrem dois anos consecutivos de cheia, deixando marcado na história local, assim como na do Ceará, o biênio de 2008/2009 como um período de açudes a transbordar. Da observação iniciada na cheia de 2004 foi

consolidada nestas duas últimas a constatação de que, apesar da diferença de volume entre os dois reservatórios, a lagoa do Tapuio “só sangra junto com o Castanhão”.

Figura 15 — Cheia de 2004 no Tapuio



Fonte: Rozemar Oliveira

As primeiras conexões de internet chegam ainda na primeira década dos anos 2000. Em 2008 a ONG Ashoka doa um computador comunitário para o lugar, através de projeto elaborado por Ribamar Sousa e Raerte Lima, porém sem conexão de rede, servindo apenas para serviços de impressão, xérox e digitação.

Para Santos (2001, p. 112) os lugares são "singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares." Assim, a comunidade de Tapuio, um recorte peculiar do Ceará e do Brasil, é, além de um lugar no mundo, o mundo ou um mundo em um lugar. O grupo "Tapuio - Fotos e História" retrata de forma aberta e perene a história e cotidiano deste microcosmo.

2.3 O contexto regional

O Tapuio está localizado na região do Vale do Jaguaribe, macrorregião de planejamento do Ceará, composta por 21 municípios (IPECE, 2015). Ela é limitada a sul pela região Centro-Sul, leste pelo Rio Grande do Norte, oeste pelo Sertão Central e funde-se a norte com o litoral leste do Ceará, onde o rio Jaguaribe deságua no Oceano Atlântico, entre as cidades de Fortim e Aracati. Além destas últimas, que, juntamente com Icapuí são importantes destinos turísticos, merece destaque a polarização econômica e de serviços

exercida pelas vizinhas cidades de Limoeiro do Norte, Morada Nova e Russas, as três mais populosas do sertão jaguaribano.

Figura 16 — Municípios do Vale do Jaguaribe



Fonte: Portal Queijo Coalho Brasil⁴

No censo de 2010 a população do Vale foi contabilizada em pouco mais de 375.000. Na contagem atual, de 2022, o quantitativo é de 542.315.

Com o desenvolvimento da agricultura mecanizada em larga escala, na parte central da região, conhecida como Baixo Jaguaribe, a área se insere no circuito do agronegócio para a exportação, passando a ser um “novo espaço da produção globalizada” (Elias, 2000). Em franca expansão ao longo do curso do rio Jaguaribe, a carcinicultura se expande para além do litoral e se destaca ao lado da agricultura irrigada.

Dos 21 municípios da região, 12 possuem topônimos indígenas, de etimologia tupi-guaraní, de acordo com a seção cidades, do site do IBGE: Aracati (Terra dos Bons Ventos), Ereré (canoa-marreca), Iracema (virgem dos lábios de mel, em homenagem ao romance de José de Alencar), Ibicuitinga (areia alva), Icapuí (canoa ligeira), Itaiçaba (passagem das pedras), Jaguaribe (rio das onças), Jaguaribara (moradores do rio das onças), Jaguaretama (lugar de onças), Jaguaruana (onça preta), Potiretama (lugar dos camarões) e Quixeré (rio estreito de águas salobras e barrentas).

⁴ Disponível em: https://www.queijocoalhoBrasil.com/encontro-de-jaguaribe-ce/mapa_ugp2_vale_jaguaribe/. Acesso em: 2 dez. 2023.

A atual distribuição populacional da região, de acordo com o censo de 2022, do IBGE, é a seguinte:

Tabela 1 — População das cidades do Vale do Jaguaribe

Município	População
Aracati	75.112
Alto Santo	14.155
Ereré	6.474
Fortim	17.294
Ibicuitinga	11.611
Icapuí	21.433
Iracema	14.001
Itaiçaba	7.536
Jaguaribe	33.726
Jaguaribara	10.356
Jaguaretama	17.232
Jaguaruana	31.701
Limoeiro do Norte	59.560
Morada Nova	61.221
Palhano	9.346
Pereiro	15.274
Potiretama	5.974
Quixeré	20.874
Russas	72.928
São João do Jaguaribe	5.855
Tabuleiro do Norte	30.652

Fonte: IBGE (2022)

Entre Alto Santo, Jaguaribara, Jaguaribe e Jaguaretama está o açude Castanhão - Oficialmente açude Padre Cícero - O maior reservatório de água doce do Ceará. É uma

importante reserva hídrica para o agronegócio e para a região metropolitana de Fortaleza, à qual é interligado pelo Canal da Integração.

Os primeiros projetos de uma grande barragem no Boqueirão do Cunha, na localidade Castanhão, remontam ao ano de 1910, mas só foram levados a termo a partir do ano de 1985, ano de grande cheia na região Jaguaribana. A construção foi iniciada em 1995 e toda a década antecedente foi marcada pela resistência da cidade de Jaguaribara, que seria totalmente removida, por estar em área a ser inundada pelo corpo hídrico.

Figura 17 — Açude Castanhão



Fonte: Divulgação Dnocs⁵

Apesar das polêmicas e discussões, o Castanhão foi inaugurado em 2002, um ano depois da inauguração da nova Jaguaribara.

De Alto Santo para o Brasil, se projetou o poeta e escritor Bráulio Bessa, inicialmente através de uma página no Facebook - Nação Nordestina - e sem seguida como integrante do programa Encontro, da apresentadora Fátima Bernardes, na Rede Globo de Televisão.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/12/castanhao-tera-recuperacao-de-45-do-volume-em-2017-diz-climatempo.html>. Acesso em 15 jan 2024.

Figura 18 — Poeta Bráulio Bessa



Fonte: Reprodução do instagram

Nascido no ano de 1985, na cidade de Alto Santo, Bráulio Bessa Uchôa afirma ter começado a se interessar por poesia aos 14 anos, após entrar em contato com a obra do poeta Patativa do Assaré⁶ em um trabalho da escola. Além da inspiração em Patativa, Bráulio revela uma influência do grupo pernambucano Cordel do Fogo Encantado, que conheceu também no colégio.

O ponto que o vincula à literatura de cordel é a métrica dos versos e estrutura das estrofes. Traços que o distinguem são poemas curtos e de cunho filosófico e motivacional, já que na poesia de cordel observa-se uma predominância de narrativas longas e de caráter épico.

A página Nação Nordestina, no Facebook, foi criada em 14 de Dezembro de 2011. Em 2014, em resposta a uma onda de ataques a Nordestinos, nas redes sociais, ele publicou em sua página um vídeo declamando o poema “Nordeste Independente”⁷, de Bráulio Tavares⁸ e Ivanildo Vila Nova⁹. A agressão virtual havia sido motivada por causa do peso do Nordeste na eleição de Dilma Rousseff, no pleito presidencial daquele ano. O vídeo viralizou e Bráulio foi convidado a dar uma entrevista pela internet ao programa Encontro, da rede Globo de televisão, comandado pela apresentadora Fátima Bernardes. Depois fez algumas participações

⁶Antônio Gonçalves da Silva (Assaré/Ce 5 de março de 1909 — Assaré/Ce 8 de julho de 2002). Foi um poeta popular, compositor, cantor e improvisador cearense.

⁷Reprodução em IMAGINE o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente. Alto Santo: [s.n], 2014. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Bráulio Bessa. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=0rBCKrgO3vg>. Acesso em 16 nov 2022.

⁸Escritor, compositor, letrista, poeta, dramaturgo e pesquisador de literatura fantástica. Nasceu em Campina Grande/Pb, em 1950.

⁹Poeta repentista, nasceu em Caruarú/PE, em 13 de Outubro de 1945.

presenciais e no dia 08 de outubro de 2015, dia do Nordeste, ganhou um quadro fixo na atração, às sextas-feiras, denominado Poesia com rapadura.

Para Andrade (2021), o Nordeste na obra de Bráulio aparece de forma pontual em meio à diversidade de temas e os recursos utilizados na “profissionalização da exposição de si”, um suporte que oferece um legitimador de sabedoria, associados à ideia da humildade, resiliência e força:

[...] enquanto Patativa configurou e difundiu, junto com outros artistas da época, como Luiz Gonzaga, esse tipo de sertanejo, a paisagem do sertão e o modelo idealizado de artista popular, Bráulio não precisou mais construir essa conexão. O sertão já é algo dado para ele, onde ele se apoia nessas tipificações e seleciona aquilo que servirá para legitimar sua autenticidade no palco e na vida. E, para isso, já é parte de uma série de modificações relativas à apresentação artística do cordelista, bem como a forma com que estiliza a exposição de si como um nordestino em seu cotidiano. (Andrade, 2021, p. 41)

Sobre o aspecto motivacional da poesia de Bráulio e seus recursos de aproximação para ocasionar uma grande identificação por parte do público, Andrade *op. cit.*, p. 90, analisa que:

Bráulio Bessa, aborda, em suas poesias, diferentes temas, mas o foco principal das suas discussões se volta para o discurso motivacional do sujeito ser sempre franco com os seus propósitos. Sua narrativa torna-se reconhecível pelos seus leitores pois o cordelista utiliza a própria história de vida e a converte em um modelo de superação. A imagem de um sujeito simples, que conquistou o sucesso e que mesmo diante das dificuldades não precisou fugir de si mesmo, atua como um esquema de autoajuda. Não há, em sua narrativa e poesias, adjetivos que denotem ou insinuem a ideia de fracasso.

Também em Alto Santo nasceu a cantora e compositora Rita de Cássia Reis, falecida aos 50 anos, no dia 03 de janeiro de 2023, em decorrência de uma fibrose pulmonar. A comoção em torno de sua morte, no meio forrozeiro, e a repercussão em nível nacional afirmaram o título do qual já era detentora: o de maior compositora de forró do Brasil, com mais de 500 letras registradas em seu nome, algumas gravadas por bandas de sucesso do chamado forró das antigas¹⁰, como: Mastruz com Leite, Cavalo de Pau, Mel com Terra, Catuaba com Amendoim, Banda Stylus, Aviões do Forró, Eliane, Kátia di Tróia e outros.

¹⁰Embora não exista uma periodização oficial, o forró é referido popularmente como: raiz, que vai de nomes como Luiz Gonzaga até por volta dos anos 80; das antigas, dos anos 80 a 2000, de arranjos mais melódiosos; e eletrônico, a partir dos anos 2000, com o uso massivo do computador, na produção e tratamento de notas.

Figura 19 — Compositora Rita de Cássia



Fonte: Kaleb Oliveira/SVM¹¹

Filha de um pescador sanfoneiro com uma professora, Rita, além de compor também cantava, tendo sido intérprete da banda Som do Norte, do seu irmão - o sanfoneiro Redondo, de meados dos anos 80 ao início dos anos 2000. Depois disso passou a atuar de forma solo. São de sua autoria clássicos como: “Brilho da Lua”, gravado pela cantora Eliana em 1992; “Meu Vaqueiro, Meu Peão”, interpretada pela banda Mastruz com Leite em 1993 e a épica “Saga de um Vaqueiro”, musicada pela banda Catuaba com Amendoim, no ano de 2001.

Suas composições transitam entre o lirismo do amor sublime e a cultura e ambiente do Nordeste. Em uma letra que retrata o êxodo nordestino, Rita externou o sentimento eternizado em por Luiz Gonzaga, na música “Asa Branca”:

VOO DA ASA BRANCA

Peguei o voo da asa branca
E tive que partir
Coração em pedaços
Pedindo pra não desistir

A vontade, coragem
Tudo na contramão
Deus sabe como deixei
O meu pequeno sertão

A saudade me invade
Me fazendo lembrar
Da minha liberdade
De todos que deixei por lá

Das vaquejadas e forró

¹¹Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/joao-lima-neto/morre-a-compositora-rita-de-cassia-autora-de-meu-vaqueiro-meu-peao-e-saga-de-um-vaqueiro-1.3319947>. Acesso em: 09 dez 2023.

Eu via o Sol clarear
 Meu cantinho, minha casa
 Minha rede a balançar

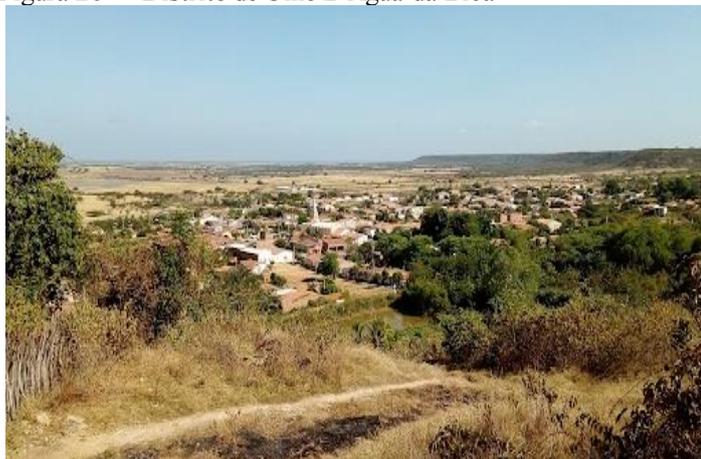
Mas eu vou voltar, eu sei que vou voltar
 Que eu encontre sorrindo
 Quem ficou a chorar
 Mas eu vou voltar, eu sei que vou voltar
 Que eu encontre sorrindo
 Quem ficou a chorar

Eu me sinto um pássaro sem poder voar
 Ainda escuto ao longe o canto do sabiá
 Aqui tudo é fantasia ou pura ilusão
 Não há nada que faça esquecer meu sertão (REIS, Rita de Cássia, S.l.)¹²

Três distritos jaguaribanos pleiteiam emancipação, atualmente: Flores, em Russas; São João do Aruarú, em Morada Nova e Olho d'Água da Bica, em Tabuleiro do Norte. Este último se constituiu em torno de uma adoração em torno de Nossa Senhora da Saúde e é hoje um importante destino religioso do Ceará e dos vizinhos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba.

Um elemento fundamental no culto e crença é uma fonte de água na encosta da cuesta do Apodi, acidente geográfico localmente referido como chapada, em que os visitantes coletam amostras do líquido para conservar como relíquia e instrumento de cura.

Figura 20 — Distrito de Olho D'Água da Bica



Fonte: O autor (2020)

Sobre esta romaria Malveira (1986) assinala que ela foi iniciada a partir da construção de uma igreja no local pelo Padre Joaquim de Menezes, de Limoeiro do Norte. O templo, cuja

¹² Extraído de <https://www.letras.mus.br/rita-de-cassia/394836/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

implantação teria sido recomendada ao religioso em um sonho, foi construído em 1881 e inaugurado no dia 31 de maio de 1882. Em 1899 acabou desmoronando durante uma quadra chuvosa, por instabilidade do terreno, e, reconstruído em 1903, desabou novamente em 1917, vindo a ser reedificado em 1924, em um local mais estável, em que permanece até hoje.

A regulação da criação de novos municípios no Brasil é regida pela Lei Complementar nº 1, de 9 de novembro de 1967. Ela determina os seguintes requisitos para a emancipação de um núcleo:

- I - População estimada, superior a 10.000 (dez mil) habitantes ou não inferior a 5 (cinco) milésimos da existente no Estado;
- II - Eleitorado não inferior a 10% (dez por cento) da população;
- III - Centro urbano já constituído, com número de casas superior a 200 (duzentas);
- IV - Arrecadação, no último exercício, de 5 (cinco) milésimos da receita estadual de impostos.

São critérios quantitativos, que se complementados por análises socioeconômicas, resultam em outras classificações que classifica os municípios como urbanos ou agrários, de acordo com a predominância da agropecuária ou indústria e serviços nas suas gerações de renda.

Tabuleiro do Norte é reconhecida no Ceará e até mesmo no Brasil como “cidade dos caminhoneiros”, pela alta proporção desses profissionais e veículos de cargas que possui. É também um importante núcleo comercial e metalomecânico em ascensão.

De acordo com o Detran/Ce, até julho de 2023 existiam 2.187 condutores em Tabuleiro do Norte habilitados nas categorias C, D ou E, as exigidas para conduzir algum tipo de caminhão ou carreta. Dividindo-se esse quantitativo por uma população de 30.652 pessoas, a população contabilizada no município, pelo censo de 2022 do IBGE, encontra-se uma taxa de 0,071 caminhoneiro per capita em Tabuleiro. Já em Fortaleza, tomando um total de 94.901 motoristas com habilitação C, D ou E em uma população de 2.428.678 hab. (IBGE, 2022), chega-se uma taxa de apenas 0,039 caminhoneiro per capita, o que significa dizer que, em números proporcionais, Tabuleiro do Norte possui quase o dobro de caminhoneiros da capital.

Figura 21 — Vias públicas em Tabuleiro do Norte



Fonte: O autor (2022)

Em se tratando de frota, Tabuleiro tinha 461 caminhões em julho de 2023, contra 24.486 em Fortaleza, o que equivale a 0,015 e 0,010 caminhões per capita, respectivamente, com mais uma vantagem para Tabuleiro. A discrepância entre o número de habilitados e o quantitativo de veículos se deve ao fato de que nem todos os motoristas possuem caminhão próprio e muitos trabalham como funcionários de empresas ou pessoas de outras cidades ou estados.

No dia 07 de setembro de 1993 foi criada oficialmente a Associação dos Caminhoneiros de Tabuleiro do Norte/Ce - ACATAN, sociedade de natureza jurídica e civil, sem fins lucrativos, não sujeita à falência. A iniciativa partiu do então vereador Aragaci Monteiro Chaves, filho de caminhoneiro, e foi acalentada a partir do I Festival de Caminhoneiros de Tabuleiro Norte, realizado no dia 09 de Setembro de 1990, na Associação Recreativa Tabuleirense. Neste festival também houve uma missa na Igreja Matriz, seguida de uma passeata com caminhões percorrendo as ruas da cidade (Carneiro, Ferreira e Maciel, 2010).

Com a fundação da ACATAN, em 93, o festival e a carreata passam a ser tradicionais, na cidade, sempre no dia 07 de setembro, coincidindo com os desfiles cívicos do Dia da Pátria e com os festejos da padroeira da cidade, cujo dia é 08 de setembro.

Atualmente a associação conta com um número aproximado de 2.300 associados, prestando para eles os serviços de ponto de abastecimento, estacionamento, clube para eventos, desconto especiais em lojas, supermercado, farmácia e venda de pneus. Recentemente também foi criado um plano funerário em parceria com a Caixa Econômica, que oferece traslado internacional, cesta básica e um valor em dinheiro.

A partir de 2022 a realização do festival anual acontece em dezembro, no período natalino, quando é menor a oferta de trabalho e torna-se mais favorável para os profissionais recolherem-se à cidade. Na ocasião ocorrem missas, cultos evangélicos, desfile da escolha da rainha, festa dos grupos de rádio PX, futebol, vaquejada e distribuição de brindes.

Quanto a São João do Jaguaribe, chega ao censo de 2022 com uma população de 5.855 habitantes, um número bem menor que os 7.902 do censo anterior, em 2010. É uma realidade observada em outros pequenos municípios cearenses e brasileiros e pode ser explicada em parte pela dispersão população, em especial a juvenil, em busca de trabalho e de acesso ao ensino superior. Terras férteis às margens de um rio perene e o slogan “São João em São João”, construído através da devoção ao padroeiro São João Batista constituem bons potenciais de afirmação.

Figura 22 — São João do Jaguaribe



Fonte: Portal Turismo Ceará¹³

Na lista estadual dos menores municípios em população São João do Jaguaribe ocupa a quarta posição, ficando atrás de Granjeiro (4.841 habitantes), Guaramiranga (5.654) e Baixio (5.704) (IBGE, 2022).

Em resumo, o Vale do Jaguaribe é uma região dinâmica, com vida própria, que potencializa o próprio desenvolvimento. Ainda precisa avançar no quesito industrialização, mas o aumento da oferta de instituições de ensino superior em cidades como Aracati, Jaguaribe, Limoeiro do Norte, Tabuleiro do Norte e Russas tem contribuído para a fixação dentro da regional. O encolhimento de alguns núcleos é inevitável, mas há a oferta de

¹³ Disponível em: <https://turismoceara.com/municipios-do-ceara/sao-joao-do-jaguaribe/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

produtos e serviços em cidades próximas e, como o desenvolvimento é volátil, eles podem explorar alternativas e potências de crescimento.

2.4 Da devassa nativa à diocese visionária: um passeio desbravador pela história jaguaribana

A colonização jaguaribana confunde-se com a colonização do Ceará, por que o vale do rio Jaguaribe, foi a primeira área cearense a ser de fato desbravada. Antes houveram iniciativas relacionadas à defesa do território e catequização de nativos, como as expedições de Pero Coelho de Sousa, em 1603, dos Jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira, em 1607, e também a fixação de Martim Soares Moreno, na Barra do Ceará, mas para autores como Girão (1986), elas não podem ser vistas como efetivo povoamento da Capitania cearense, mas como “denodado pioneirismo”.

O confronto entre europeus e nativos na ribeira do Jaguaribe se deu a partir do século XVIII, através da pecuária extensiva entre as hoje cidades de Icó, agrupada atualmente como Centro-Sul, e Aracati, no litoral leste do estado. O estudo do assunto ainda é um território com muito a ser desbravado, mas as produções já existentes delineiam os contornos do contexto: uma alternância entre diferentes polos de crescimento, onde locais inicialmente promissores foram ultrapassados por lugares outrora mais remotos.

Neto (2003), referenda o posicionamento de Girão *op. cit.* ao afirmar que o Ceará e, por consequência o Vale do Jaguaribe, permaneceram desconhecidos dos portugueses ao longo de todo o século XVI, tendo, portanto, uma colonização tardia, em comparação a outras áreas nordestinas como a Zona da Mata pernambucana. Ele narra a tomada do vale jaguaribano dos nativos, no período entre 1680 e 1730, numa guerra violenta, repleta de arbitrariedades e acordos não cumpridos dos colonizadores com os indígenas e também com a coroa portuguesa.

O autor lembra também que, apesar de não possuírem armas de fogo, os índios resistiram com bravura, mas, além da desvantagem armamentista, foram assolados também por epidemias de doenças trazidas pelos invasores, um contexto que foi geral na colonização brasileira. A isto, Jucá Neto (2012) acrescenta que “Além do embate com os índios, as brigas entre os sesmeiros também coloriram de sangue a colonização.”

Em se tratando da colonização brasileira, sempre é conveniente lembrar o equivocado nome de “índios” dado aos nativos aqui encontrados. Este equívoco teria acontecido por os

portugueses supostamente acharem que tinham chegado às Índias, denominação dada à época para a Ásia, em vez de saberem que haviam descoberto um novo território. Com o esclarecimento do questionável engano, a denominação nunca foi corrigida e os nativos, apesar de toda a diversidade étnica que possuíam, são até hoje chamados de índios.

Para Bispo (2015) esta generalização lembra uma técnica de adestramento animal que usa a mudança de nome como meio facilitador da domesticação. Assim: “[...] os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/ desumanizar” (Bispo, 2015, p. 27)

Sobre a pecuária, Jucá Neto (2012) rememora que o seu deslocamento para o interior do Brasil se deu após ordens régias portuguesas no final do séc. XVII e início do séc. XVIII de reservar a faixa litorânea apenas para a criação de gado: “A expulsão da pecuária implicou uma primeira separação geoeconômica no Nordeste brasileiro. Enquanto a atividade açucareira desenvolveu-se no próximo e rico litoral, ao criatório restou o longínquo e pobre sertão”

Lima (1996) lembra que o Ceará foi ocupado pelas duas frentes de expansão da pecuária no Nordeste: uma interiorana, denominada “Sertão de Dentro” e outra litorânea, chamada “Sertão de Fora”. A primeira partia da Bahia, ocupando a margem esquerda do rio São Francisco, indo até o Maranhão, e a segunda saía de Pernambuco, passando pela atual Paraíba e Rio Grande do Norte, até adentrar o território cearense pelo litoral.

Figura 23 — Frentes coloniais de ocupação do Nordeste brasileiro



Fonte: Portal Multirio¹⁴

Conforme a indicação de Lima (1996) e Neto (2003) as sesmarias jaguaribanas possuíam dimensões de 02 léguas de largura por 02 léguas de comprimento, dispostas sobre o leito e margens do rio Jaguaribe, e iam da foz deste, no Oceano Atlântico, até o Boqueirão do Cunha, cerca de 170 km a sul. Neste lugar está hoje construída a parede do açude Castanhão.

Bezerra (1918) fala da vinda do criador de gado João de Sousa Vasconcelos, que veio da bacia do rio São Francisco, em 1687, para um lugar a que deu o nome de São João das Vargens, onde hoje é a cidade de São João do Jaguaribe, e ali construiu uma igreja. Estava fundada, para Girão (1986), a mais antiga povoação do Ceará, ou pelo menos a primeira do sertão cearense.

Feitosa (2001) afirma que João de Sousa Vasconcelos era filho do português Antônio Duarte Queiroz e sua esposa Isabel, esta filha do casal pernambucano Manuel Duarte de Queiroz (tio de Antônio Duarte) e Ângela Cavalcante Vasconcelos. A convite do também português Antônio Dias, residente no Ceará, Antônio Duarte comprou duas fazendas em solo cearense, uma à margem direita do Rio Jaguaribe, chamada Boa Vista, e outra de nome Barro Vermelho, na margem vermelha do Rio Banabuiú. Quando o casal veio conhecer as fazendas estabeleceu-se na Boa Vista, que hoje é uma localidade de São João do Jaguaribe.

A pesquisadora retoma ainda como 1712 o ano de restauração de uma igreja, por João de Sousa Vasconcelos, erigida sobre o túmulo de seus pais. A mesma teria sido reconstruída

¹⁴ Disponível em: https://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/feiras_gado.html. Acesso em: 2 dez. 2023.

em 1749, com a frente voltada para o Rio Jaguaribe e, por fim, em 1924, voltada para o nascer do sol.

Também no território da vila de São João se instalou o português Luciano Cardoso de Vargas, amplamente referenciado na historiografia cearense como o Abraão do Vale do Jaguaribe, pela grande participação de sua descendência no povoamento da região. Girão (1972) situa a sua origem como açoriana. Para São João ele veio de Pernambuco, ainda no final do séc. XVII, em data incerta, restando a dúvida se proveniente da cidade de Goiana ou Ipojuca (Almeida, 2016). Em solo cearense ele obtém a concessão de uma sesmaria em 1716, em parceria com Simão Ferreira de Guerra e Francisco Gomes Landim.

Almeida *op. cit.* em uma investigação sobre a provável filiação judaica do “Abraão” associa a sua vinda para o Ceará aos conflitos decorrentes da Guerra dos Mascates, disputa entre os senhores de engenho de Olinda e comerciantes de Recife, entre 1710 e 1711. Essa transferência significava a perda de um grande público para o exercício do seu ofício de médico e a opção por São João ocorreu possivelmente por ser um dos poucos núcleos de concentração populacional, às margens do Jaguaribe, à época.

Girão (1972) assim resume a descendência inicial do “Abraão do Jaguaribe”:

Dos seus dois filhos, ambos pernambucanos, um Luciano, faleceu inupto e o outro, Antônio Pires Cardoso, casou-se com Maria de Barros Franco. Das cinco filhas, Caetana Maria Maciel, nascida em Ipojuca, casou-se com o português, de Lisboa, Antônio Alves de Carvalho; Ana Maria Maciel, nascida no Cabo, contraiu matrimônio duas vezes: a primeira com o português Gaspar Pinto Lopes, e a outra com sargento-mor André Nogueira Ribeiro; Rosa Maria Maciel, casou-se com o português Manuel Pinheiro do Lago Landim; Maria Maciel, com Semeão da Guerra Passos; e Joana Paes Maciel, nascida em Ipojuca, com o Português, de Braga, João Rodrigues de Aguiar. Registre-se a versão de que eram sete as filhas de Luciano, ‘duas das quais casaram-se para o Rio Grande do Sul’

Almeida (2016), enumera da seguinte maneira a multiplicação dos descendentes de Vargas:

Dois exemplos: do casal Rosa Maria Maciel – filha de Vargas e de Rosa Maria Maciel de Carvalho – e Manoel Pinheiro do Lago, formam-se os Pinheiros, os Nogueiras e suas ramificações, dentre as quais Nogueira de Queiroz, Nogueira de Souza, Nogueira Lima, Campos Pereira, Pinheiro Landim, Pinheiro Maciel, Maciel de Passos e Rodrigues. 1070 Uma linha direta liga os Maias oriundos de Russas ao casal Joana Paz (Paes) Maciel – outra filha de Vargas e de Rosa Maria Maciel – e João Rodrigues de Aguiar, cuja filha Lusía Maria Maciel casa com Francisco Alves Maia Alarcon. Todos eles descendentes deste ‘Abraão’ tido e havido por cristão-novo e cujas evidências levam a assim pensar.

Lima (1996, p. 173) resgata que no início da colonização cearense havia apenas dois municípios: Aquiraz, criado em 1726 e Icó, criado em 1735 e instalado em 1738. Em 1747, por conta da importância do seu porto, foi criada a vila de Aracati, com área de abrangência diminuta, em relação aos dois outros territórios existentes. Era no caminho entre Icó e Aracati, que estava a povoação de São João e que, através de uma fazenda de gado pertencente à família Rodrigues, foi se constituindo o povoamento de Limoeiro.

Ao longo do século VIII, era intenso, entre Icó e Aracati, o fluxo de rebanhos e de cargas transportadas em carros-de-bois, por conta da produção e exportação de carne-de-charque, que era escoada pelo porto aracatiense.

Continuando o resgate de Lima (1996) *op. cit.*, São João do Jaguaribe passa dos domínios de Aquiraz para Campo Maior (Quixeramobim), quando este foi criado em 1788; em seguida passa a pertencer a São Bernardo de Russas (hoje Russas, somente), que foi desmembrada de Campo Maior em agosto de 1801. Em 1897 Limoeiro é desmembrado de Russas, no entanto São João foi detentor de uma antiga municipalidade entre 1868 e 1871, tendo Limoeiro e Tabuleiro sob sua jurisdição. Em 1871 essa municipalidade foi revogada e incorporada novamente a São Bernardo de Russas.

Sobre Tabuleiro do Norte, Andrade (1980) remete o início de sua povoação a uma fazenda de nome São José, ainda no século XVIII. Continuando, ele explana que a mesma foi adquirida por um padre de nome Francisco Alves Maia, entre 1720 e 1730, que entregou a administração a cargo de um parente seu, de nome Francisco Alves Maia Alarcon.

Mas o povoamento só aconteceu de fato quando o casal Francisco Alves Maia Alarcon e sua esposa Luzia Maciel iniciaram a construção de uma igreja, em 1766, em honra a Nossa Senhora das Brotas. A obra teria sido recomendada em sonho, ao casal, para que a senhora Luzia se recuperasse de um câncer no seio. A referida adoração Mariana ainda era desconhecida do casal e a construção do templo foi iniciada somente após eles se certificarem que existia esta denominação para Maria, Mãe de Jesus, em Portugal.

A imagem da Santa, vinda da Bahia, foi colocada na igreja no ano de 1770.

Maia (1999) afirma, embasado em dados de João Brígido (1919, p. 144), que Maia Alarcon era um jesuíta que fugira das perseguições do Marquês de Pombal. Por ser licenciado em Latim, fundou um colégio onde ministrava essa disciplina para os jovens da aristocracia. O estabelecimento foi fechado em 1796, quando o mestre parou de trabalhar, por razões de saúde, vindo a falecer dois anos depois, em 1798 (Maia, 1998).

Voltando a Limoeiro, Lima (1996) destaca que embora a povoação estivesse na rota de vaqueiros e comboieiros vindo da cidade de Icó rumo porto de Aracati e vice-versa, viveu um longo período de ostracismo, por situar-se em uma ilha fluvial formada por ramificações do rio Jaguaribe e pelo encontro deste com o rio Banabuiú (é a única ilha ao longo de toda a extensão dos dois rios).

A conclusão e bênção de uma igreja no local, fator de grande relevância no povoamento de uma área, na colonização brasileira, se deu dia 09 de dezembro de 1845, bem depois Russas (1707) e até mesmo Tabuleiro (1766) e São João (1712). No entanto, a povoação contou com a atuação de um primeiro padre, Vicente Rodrigues (1806 - 1859), religioso e representante político - vereador em Russas. Por não dispor de uma capela nem de uma nomeação oficial como pároco, realizava as celebrações em um altar portátil.

Foi um militante pela construção de uma igreja em Limoeiro, mas defendia que ela deveria ser erguida nas proximidades de onde hoje é a BR 116, fora do perímetro da ilha fluvial que circunda a cidade hoje. Como não contou com o apoio da população, acabou nunca realizando o seu intento, que foi materializado em 1845, por Bonifácio Carneiro, empresário oriundo de União, atual Jaguaruana.

O ostracismo e atraso de Limoeiro foram rapidamente compensados na primeira metade do século XX: em 1938, apenas 74 anos após a criação de uma freguesia (paróquia) Limoeiro tornava-se sede da nova Diocese do Ceará, a do Vale do Jaguaribe, a terceira a ser criada no estado. A partir de então, na figura de Dom Aureliano Matos, o primeiro bispo, e os dirigentes políticos de então, a urbe deu um salto desenvolvimentista.

Algumas de suas realizações foram: o Ginásio Diocesano (1942), Maternidade São Raimundo, o Liceu de Artes e Ofícios, Patronato santo Antônio dos Pobres, a ponte sobre o Rio Jaguaribe (1965), o Seminário Cura D'Ars, o Tiro de Guerra, a Rádio Educadora Jaguaribana e uma faculdade de licenciaturas que hoje é parte integrante do patrimônio da Universidade Estadual do Ceará - UECE, entre outras.

Na cidade ele é homenageado com uma estátua de bronze no centro da cidade, nome de uma avenida arterial e também na denominação da faculdade que ajudou a criar.

Aconteceu entre Russas e limoeiro uma trajetória parecida com a de Crato e Juazeiro do Norte, no Cariri cearense¹⁵, em que a cidade mãe, no caso Russas, se viu ultrapassada e

¹⁵Juazeiro do Norte/Ce, cuja emancipação ocorreu em 1911, era um distrito da cidade de Crato; desenvolve u-se através da pessoa do Padre Cícero Romão Batista e teve o referido padre como primeiro prefeito. Com a

ofuscada pela cidade-filha, emancipada 96 anos depois da (cidade) mãe. A união entre religiosidade e política foi também aqui o elemento preponderante no processo desenvolvimentista.

Embora nunca tenha exercido algum cargo político, Dom Aureliano é citado popularmente como “o maior prefeito da história de Limoeiro”, conforme explica Freire (2016, p. 498):

[...]Para realizar o feito de transformar a antiga vila do Limoeiro em uma “cidade-convento”, mantendo assim o Vale do Jaguaribe fechado dentro do conservadorismo católico, dom Aureliano se apoderou do “cajado de ferro”, brandindo-o em “mãos enluvadas”, bem como da carência e docilidade da fé do povo. No momento em que oferecia uma cidade modernizada com uma mão, com a outra exigia que o rebanho não se desgarrasse do aprisco (a Igreja), preservando a hegemonia do catolicismo ultramontano, só superada após o Concílio do Vaticano II. A ação pastoral holística do bispo, que exigia dele, segundo sua peculiar cosmovisão, o transitar entre políticos com desenvoltura, acabaria por criar um imaginário mitológico.

Conforme relata Freire *op. cit.*, a criação da diocese jaguaribana se efetivou sob o pretexto de uma melhor assistência religiosa à região, mas visava também conter o avanço do protestantismo na área. A ideia teria sido gestada em 1936, pelo então arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, durante um período de visitas às cidades do vale.

Inicialmente o bispo cogitou como sede a cidade de Aracati, por ser a mais antiga da região, mas, diante do desinteresse desta, transferiu suas atenções rumo a Russas, igualmente antiga e de longa tradição religiosa. Limoeiro sequer era pensada como sede, mas, diante do apelo das lideranças locais, passou a fazer parte da campanha para arrecadar a quantia de duzentos mil contos de réis, exigida pelo arcebispo de Fortaleza para a instalação da nova área episcopal. Metade do valor seria destinado à construção de patrimônio da nova diocese e a outra metade seria destinada a indenizar a arquidiocese de Fortaleza, pela perda da área.

A cidade que primeiro conseguisse atingir o valor, seria agraciada como sede e Limoeiro acabou conseguindo o feito, embora parte dele fosse na forma de promessa de um crédito bancário. O fato é que a cidade remota e de pouca infraestrutura à posição teve que ser desenvolvida para fazer jus à posição que acabara de receber.

Um pouco antes da implantação do bispado os comerciantes, políticos e demais pessoas de prestígio na área já vinha empreendendo uma campanha para superar o analfabetismo e baixo desenvolvimento intelectual, processo que culminou com criação do

adoração que se formou em torno de sua figura, atribuindo-lhe milagres e dons sobrenaturais, a cidade se consolidou como um centro de peregrinação e logo ultrapassou Crato em crescimento.

grupo escolar Padre Joaquim de Menezes, em 1937, para alfabetizar as crianças carentes e Escola Normal Rural, para a formação de professoras, em 1938.

Dom Aureliano foi Bispo de Limoeiro entre 1940 e 1967, ano de sua morte.

Em 1943, o Decreto Lei nº 1.114, de 30 de dezembro, acrescentou ao nome da cidade o advérbio do Norte para distingui-la de duas cidades homônimas, uma em Pernambuco, que permaneceu com o nome inalterado e outra em Alagoas, que passou a se chamar Limoeiro de Anadia. O mesmo decreto altera o nome dos distritos de Tabuleiro de Areia e São João para Ibicuipeba e Jandoim, nomes indígenas, o que é classificado por Lima (1996), como um “rasgo de nacionalidade”. Pela lei estadual nº 1.153, de 22 de novembro de 1951, o distrito de Jandoim passou a denominar-se São João do Jaguaribe e Ibicuipeba: Tabuleiro do Norte.

Figura 24 — Estátua de Dom Aureliano Matos



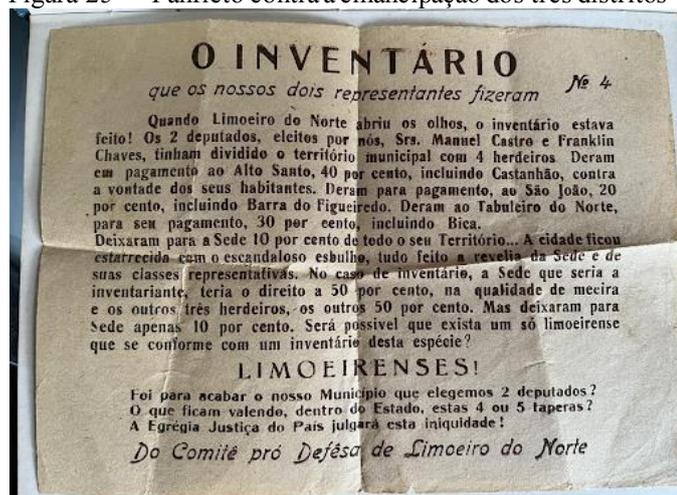
Fonte: O autor 2023

Em 1957, um duro golpe nas elites locais, quando o município de Limoeiro do Norte perde dois terços do seu território com a emancipação simultânea dos distritos de São João do Jaguaribe, Tabuleiro do Norte e Alto Santo. Andrade (2008) reconstitui, a partir de documentos e depoimentos de protagonistas dos fatos, a tripla militância: os três então distritos, insatisfeitos com a representatividade que possuíam, conseguiram eleger, na eleição de 1956, vereadores que os representassem na câmara de Limoeiro fossem favoráveis à emancipação. Diante da resistência da prefeitura da cidade em aceitar esta cessão, mostraram-se dispostos a eleger para prefeito um representante próprio, com o peso eleitoral que possuíam, e assim conseguiram dobrar a resistência à emancipação.

Dentre os três distritos, São João do Jaguaribe possuía uma frágil adequação aos preceitos exigidos, mas por já ter passado por uma municipalidade posteriormente revogada, pôde solicitar uma restauração.

As leis que criaram os três novos núcleos foram sancionadas em 13 de Setembro de 1957, pelo governador Paulo Sarasate, mas por causa de recursos impetrados pelo então prefeito de Limoeiro, Sabino Roberto de Freitas, a efetivação só se deu no ano seguinte, 1958, no dia 01 de Junho em Alto Santo e São João e 08 de Junho em Tabuleiro.

Figura 25 — Panfleto contra a emancipação dos três distritos



Fonte: Rede social Hélder Maia (2023)

Machado (2016), discorre sobre o esforço de intelectuais e artistas limoeirenses para fortalecerem a identidade de Limoeiro do Norte a partir de dois eventos devastadores para a cidade: a grande redução territorial com a perda dos três distritos, no ano de 1958, e destruição material ocorrida com o arrombamento do Açude Orós, no ano de 1960. Entre os elementos destacados pelo pesquisador estão o romantismo que passou a ser atribuído à condição da cidade como ilha fluvial, o que antes que era sinônimo de entrave e ostracismo, e a difusão do título de Princesa do Vale, termo cunhado possivelmente em 1965 pelo radialista José Nilson Osterne, ao longo das Olimpíadas Jaguaribanas de 1965.

Além de sede da diocese, a cidade hoje se destaca como um polo educacional, com uma unidade do IFCE e outra da UECE, além de escolas e universidades particulares; de saúde, com um Hospital Regional recém construído; comercial e de serviços, com representações de órgãos públicos diversos, etc. No campo do entretenimento, realiza badaladas festas de forró, ao longo do ano, e, no mês de janeiro, a micareta Limofolia. Aos

pés da cuesta do Apodi, no rio Jaguaribe, a Barragem das Pedrinhas, existente para bombear água para projetos de irrigação, mas também utilizada como ponto turístico.

Da mesma forma que Limoeiro viu em seu primeiro Bispo a personificação de um grande realizador, São João do Jaguaribe viu em seu primeiro pároco, Padre João Mendes de Andrade, a figura de um empreendedor social. O Movimento dos Padres Casados do Ceará, reproduz, em um blog próprio, um texto lido em 01 de junho de 2008, data dos cinquenta anos de emancipação política de São João do Jaguaribe. Na ocasião foi entregue uma Comenda de Ordem do Mérito do Legislativo em homenagem a filhos e pessoas importantes para a história, construção e desenvolvimento do município. O texto, enumera as seguintes ações, em São João do Jaguaribe, do padre falecido em 1990 e casado desde 1970:

- Organização de um curso de Admissão, preparando os alunos para a fundação de um Curso Ginásial em 1964;
- Fundador e 1º Presidente da Cooperativa Agrícola Mista LTDA em 1965;
- Fundação do Ginásio São João Batista, do qual foi professor de Matemática, Inglês, História e 1º Diretor em 1966;
- Construção, em 1966 do prédio onde funcionou o referido Ginásio;
- Assessorou a Prefeitura Municipal de São João do Jaguaribe, cargo exercido a título de colaborar com a Comunidade Municipal de 1960 a 1969;
- Conseguiu recursos para fazer o saneamento básico da cidade, em 1966;
- Fundou o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Jaguaribe, bem como de outros 12 municípios em 1966;
- Conseguiu recursos para fazer a ligação da cidade de São João do Jaguaribe a BR-116, em 1967;
- Fundador e 1º Presidente da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância;
- Construiu, com a participação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Jaguaribe e doação da MISEREOR-Alemanha, 50% do prédio do Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Fátima de 1968 a 1969;
- Fundou a Escola Normal de São João do Jaguaribe, em 1968;
- Orientou os agrupamentos de pequenos agricultores para produzirem em base de cooperação de 1960 a 1969;
- Estimulou a Indústria, entre 1964 a 1969;

- Estimulou os agricultores de São João do Jaguaribe no cultivo do arroz, sua atuação foi ponto decisivo no desenvolvimento social e educacional.

Em suma, o baque sofrido por Limoeiro com a emancipação de Alto Santo, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte resume-se à redução de sua extensão territorial. A cidade, que emergiu em avançado estágio do povoamento de sua região, já estava em franco processo de desenvolvimento no momento da autonomia dos três distritos e aprendeu, embora a contragosto, que qualidade é sempre melhor quantidade. A prova disto era a situação de desassistência em que estavam os núcleos que pleitearam o desligamento. E a melhor fração das terras continuou sob os domínios de Limoeiro, uma área muito bem banhada por rios e uma outra que, com os devidos impactos ambientais, foi convertida em oásis, com o bombeamento elevado da água desses rios, para irrigação.

3 O GRUPO: MOTIVAÇÕES, TEMÁTICAS E PERFIL DE PÚBLICO

[...] a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos "de baixo", pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. Se aqui os instrumentos da cultura de massa são reutilizados, o conteúdo não é, todavia, "global", nem a incitação primeira é o chamado mercado global, já que sua base se encontra no território e na cultura local e herdada. Tais expressões da cultura popular são tanto mais fortes e capazes de difusão quanto reveladoras daquilo que poderíamos chamar de regionalismos universalistas, forma de expressão que associa a espontaneidade própria à ingenuidade popular à busca de um discurso universal, que acaba por ser um alimento da política (Santos, 2001, p. 144).

Conhecido o lugar, nos debruçaremos agora sobre o ponto de encontro de seus filhos, na internet. Nesta roda de conversa, onde cada um possui abertura para participar, alguns o fazem de maneira ativa - postando e interagindo nas postagens -, outros de maneira participativa - apenas interagindo - e há também os que apenas observam. Mas todos são expectadores e potencialmente impactáveis. Antes de falarmos sobre o grupo conheceremos um pouco da história do Facebook e a evolução de suas funcionalidades, enumeraremos algumas teorias sobre as comunidades virtuais e depois debateremos sobre o ambiente rural como ambiente de vivência.

3.1 Breve histórico do Facebook

Inicialmente restrito a universitários norte-americanos e com talento para a popularidade desde a sua gênese, o Facebook nasceu da inventividade nem sempre ética de um acadêmico introvertido. Concebido sem pretensões capitalistas, a rede acabou se tornando um sucesso mundial e se transformando em um grande negócio. O responsável: Mark Elliot Zuckerberg, nascido em 14 de maio de 1984, em White Plains, New York, o segundo filho do casal Edward e Karen, que têm outras três filhas.

Casado desde 2012 com a pediatra Priscilla Chan, ele tem com ela, até o momento, um casal de filhos.

Em outubro de 2003, Mark era “apenas” um largado e enigmático acadêmico do curso de Ciências da Computação da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Genial na programação, mas inábil com as garotas, após ser dispensado por uma delas decidiu realizar uma “brincadeira” que o tornou famoso e parcialmente odiado no campus universitário. A iniciativa, que ficou mais conhecida como “hot or not” (quente ou não), consistia em um site

denominado Facemash, que exibia pares de fotos de estudantes da universidade de Havard, para que os visitantes dessem notas e escolhessem a mais sexy.

Além de terem sido hackeadas do banco de dados da instituição, as imagens continham, alguns casos, alterações realizadas no programa Photoshop.

Lancellotti (2021) associa a inspiração para o Facemash ao “Am I Hot or Not”, um site lançado no ano 2000 por Jim Yong e James Hong, dois estudantes da Universidade da Califórnia (UC Berkeley) - Estados Unidos. Neste site as pessoas faziam o upload de uma foto própria, para que as pessoas atribuissem uma nota de 0 (not) a 10 (hot).

Enquanto colocava em prática a ideia, Mark detalhava tudo em um blog que mantinha à época. O plano, no entanto, era apenas um protótipo que, ao ser compartilhado com colegas próximos, para análise, teve o link vazado e se tornou viral em poucas horas, em Havard. Por seus problemas éticos e por estar congestionando os servidores da instituição, foi imediatamente retirado do ar, rendendo a Mark uma severa advertência. Por pouco ele não foi também processado e expulso da universidade.

Meses depois, em 04 de fevereiro de 2004, Mark colocava no ar o Thefacebook, site inspirado em anuários dos colégios e faculdades, que traziam fotos e nomes dos alunos. Desta vez não havia brincadeira e o cadastro era feito pelos próprios usuários. O site contou com o investimento inicial de apenas US\$1000, que foram bancados pelo brasileiro Eduardo Saverin, um estudante brasileiro de economia, também de Havard, à época com 22 anos. Com o crescimento da plataforma, Dustin Moskovitz, Andrew McCollum e Chris Hughes foram convidados para integrar a equipe.

Figura 26 — Equipe técnica inicial do Facebook



Fonte: Prezi.com¹⁶

¹⁶ Disponível em: [prezi.com/ xuepj30tac0t/facebook](https://prezi.com/xuepj30tac0t/facebook). Acesso em: 2 dez. 2023.

Em dezembro de 2004, apenas dez meses após a sua criação, a rede atingia o número de 01 milhão de usuários.

É importante ressaltar que Mark Zuckerberg não criou as redes sociais, já que na data da criação do Facebook já existiam outros sites de redes sociais como o Friendster, o Myspace e Orkut, que fora criado um mês antes. Portanto, ele apenas lançou uma proposta a mais entre as outras já existentes, e acabou se sobressaindo. A dedicação ao Facebook foi tamanha, que ele abandonou a faculdade no segundo ano, para se dedicar ao site. Posteriormente, recebeu em 2017, da Universidade de Havard, uma graduação honorária, assim como Bill Gates, criador da Microsoft, que também largou a universidade e recebeu o mesmo título, anos depois.

Henriques e Dobedei (2013) levantam que a primeiro site de redes sociais foi o Friendster, criado no ano de 2002, por Jonathan Abrams. Ela acabou fechada por problemas técnicos e incapacidade de suportar muitos acessos simultâneos, dando lugar ao Myspace, em 2003, que posteriormente perdeu espaço para o Facebook. Antes delas já existiam os blogs e comunicadores instantâneos, como MSN e ICQ.

Kirkpatrick (2011) enumera as seguintes informações, como componentes de um perfil do Facebook na sua fase inicial: uma foto única, status de relacionamento, número de telefone; endereço de email; indicação dos cursos que estava fazendo (uma característica inspirada pelo Course Match); livros, filmes e música favoritos; os clubes aos quais pertencia; filiação política (muito liberal/liberal/moderado/conservador/muito conservador/indiferente); e uma frase favorita. No entanto, no período uma das funções mais populares e singulares, o botão cutucar, que permite despertar a atenção de um outro perfil de usuário, sem uma finalidade específica.

Funções hoje comuns como o mural e os grupos foram sendo criadas ao longo do tempo (setembro de 2004). Itens mais aprimorados como uma ferramenta de chat e o botão curtir só surgiram em 2008. A diversificação das reações veio em 2016 quando, ao “curtir” foram adicionadas outras emoções, como o coração, raiva, surpresa, riso, etc

A remoção do “the” do nome Facebook, veio em 2005, por sugestão do executivo Sean Parker, co-criador site Napster, de compartilhamento de músicas. No mesmo ano, o acesso ao Facebook, que até então era restrito a universitários, foi aberto também para estudantes de ensino médio e passou a permitir o compartilhamento de fotos.

Figura 27 — Layout inicial de uma comunidade do Facebook



Fonte: Portal G1¹⁷

A liberação para qualquer usuário, desde que maior de 13 anos de idade aconteceu em 2006. Neste mesmo ano, a introdução do News Feed foi um marco significativo. Essa funcionalidade agregou as atividades dos amigos em um feed de notícias personalizado, proporcionando aos usuários uma visão mais dinâmica e em tempo real das atividades da sua rede. Isso transformou a forma como as informações eram consumidas e compartilhadas na plataforma.

A adição de recursos multimídia também foi crucial. A introdução de fotos em 2005 e vídeos em 2007 expandiu as possibilidades de expressão e comunicação, transformando o Facebook em um espaço visualmente rico e diversificado.

O suporte à língua portuguesa aconteceu em 2007, assinalando o seu ingresso oficial no público brasileiro, na época presente em peso no Orkut.

A partir de 2008, com o lançamento das Páginas e Grupos, o Facebook se tornou uma plataforma poderosa para a construção de comunidades e o engajamento de públicos em torno de interesses específicos. Empresas, organizações e comunidades puderam criar presenças distintas na plataforma, promovendo interações mais focalizadas.

Também em 2008, Mark é condenado a pagar cerca de US\$65 milhões aos gêmeos Tyler e Cameron Winklevoss e ao programador Divya Narendra, que o acusaram de plagiar o

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>. Acesso em: 2 dez. 2023.

código de uma rede elaborada por eles em 2002, a ConnectU. Ele havia participado da equipe e saiu o projeto alegando estar muito ocupado.

Na escalada de aprimorações, é criado o aplicativo para acesso ao site através de smartphones e o Connect, serviço que liga a conta no site ao cadastro de outros serviços

No mesmo ano, no dia 04 de fevereiro, milhões de pessoas foram às ruas de cidades diversas da Colômbia, em protesto pelas FARCS - as Forças Armadas Revolucionárias Colombianas. A manifestação teve sua organização iniciada ainda em 2007, nos últimos dias de dezembro pelo analista de sistemas Oscar Morales Guevara, da cidade de Barranquilla. O veículo utilizado foi uma comunidade intitulada “Um milhão de vozes contra as Farc”, criada no Facebook exclusivamente para a causa.

Em 2009, com 130 milhões de usuários, toma o lugar do MySpace como a mais usada nos Estados Unidos. No primeiro dia útil deste ano, segundo Kirkpatrick (2011), Mark Zuckerberg, até então adepto de chinelos de borracha, camisetas e casacos de moletom, chega pela primeira vez ao trabalho usando uma gravata e uma camisa de colarinho branco. A decisão seria uma resposta simbólica aos desafios que o “Face” enfrentava pelo seu rápido crescimento e a sua consolidação como um veículo de comunicação de massa.

A integração de aplicativos e jogos em 2007, bem como a plataforma de desenvolvimento de aplicativos em 2009, impulsionou a economia de aplicativos e jogos sociais. Isso levou ao surgimento de uma vasta gama de experiências interativas que mantiveram os usuários envolvidos por horas a fio.

Em 2010 é lançado o filme “A rede Social”, dirigido pelo excelente David Fincher, uma adaptação do livro “Bilionários Por Acaso”, de Ben Mezrich.

Em 2011, quando já contava com 845 milhões de usuários, o Facebook teve papel importante na chamada "Primavera Árabe", possibilitando a mobilização de pessoas em atos contra governos ditatoriais em diversos países no Oriente Médio e África; abre seu primeiro escritório no Brasil, localizado em São Paulo; ultrapassa o Orkut como a rede mais usada no Brasil.

Sobre esta rede Kirkpatrick (2011, p.76 e 77) faz as seguintes enumerações:

[...] foi lançado em janeiro de 2004, apenas duas semanas antes do Thefacebook.com. De início, prosperou nos Estados Unidos e manteve-se firme diante da enorme onda do My Space, mas por volta do final de 2004, e de maneira um tanto extraordinária, foi inteiramente tomado pelos brasileiros. Uma grande campanha popular para conseguir mais usuários no Brasil do que nos Estados Unidos despertou o entusiasmo dos jovens do país. Uma vez alcançada a meta, o

serviço adquiriu um elenco nitidamente brasileiro e de língua portuguesa, e os americanos gradualmente começaram a abandoná-lo.

Em 2012 adquire o aplicativo Instagram, de compartilhamento de fotos e vídeos e em 2015 o WhatsApp, de mensagens instantâneas, consolidando-se como uma potência na indústria de mídias sociais e comunicação instantânea. Essas aquisições trouxeram novas funcionalidades e formatos de conteúdo para a rede, como compartilhamento de fotos e vídeos de curta duração.

A partir de 2015, o Facebook passou a apostar em recursos de vídeo ao vivo e realidade aumentada, promovendo experiências mais imersivas e interativas para os usuários. A plataforma também intensificou seus esforços para combater a disseminação de desinformação e promover um ambiente mais seguro.

Em 2021 o conglomerado Facebook/Instagram/Whatsapp passa a se chamar Meta, em direcionamento para o metaverso, um tipo de realidade virtual que tenta simular o mundo real através de dispositivos digitais e a utilização da representação tridimensional. Na sua página de termos e serviços no Facebook a Meta (2022) afirma que:

[...] desenvolve tecnologias e serviços para que as pessoas se conectem umas com as outras, criem comunidades e expandam seus negócios. Estes Termos regem o uso do Facebook, do Messenger e de outros produtos, recursos, aplicativos, serviços, tecnologias e software que oferecemos (os Produtos da Meta ou Produtos), exceto quando declaramos expressamente que outros termos (e não estes) se aplicam.

Ao longo de sua jornada, o Facebook evoluiu de uma simples rede de conexão para uma plataforma multifuncional que abrange comunicação, entretenimento, notícias e comércio. Sua capacidade de se adaptar e inovar continuamente demonstra sua importância no panorama das mídias sociais, moldando a forma como as pessoas interagem e se conectam em um mundo cada vez mais digital

Apesar da concorrência com inovações que ganham o gosto popular, como *Tik Tok* e *Kwai* ainda detém o seu posto de gigante na interação interpessoal, grupal, institucional e comercial, etc. Em uma divulgação própria, o grupo Meta (2023), informa ter atingido no mês de março de 2023 a marca de 2 bilhões de usuários ativos diários, o maior número já alcançado, e também mais de 140 bilhões de reproduções de Reels (vídeos de até um minuto de duração) no Facebook e no Instagram todos os dias.

Em um grupo como o “Tapuio – Fotos e História” é possível fazer publicações em foto ou vídeo, acompanhada de texto explicativo, dando ao usuário a oportunidade de tecer

seus comentários, logo abaixo, e dispor de cinco opções de reações: joinha, amei, abraço, risada, surpresa, tristeza e ira. Edições posteriores podem ser realizadas pelo autor da postagem e os comentários podem ser apagados ou descontinuados. Como o alcance do grupo é restrito aos participantes, a função compartilhar é inexistente.

Figura 28 – Layout de uma postagem no grupo TFH



Fonte: arquivos do grupo TFH

No entendimento de Rheingold (1998) as Comunidades virtuais são agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas mantém discussões públicas por tempo suficiente, com sentimento humano suficiente, para formar teias de relacionamentos pessoais no ciberespaço. Complementando, ele afirma que, além de serem lugares onde as pessoas se encontram, elas também podem ser usadas como ferramentas.

Para Castells (1999, p. 459):

Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. Portanto, o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual.

Infere-se pelo trecho acima que o diferencial da comunicação eletrônica, não está apenas na abstração que ela proporciona, mas na sua capacidade de ser construída ativamente. Desta forma, as pessoas não apenas consomem a realidade virtual, mas participam de forma

ativa na sua criação e definição, por meio das interações, dos conteúdos compartilhados e das escolhas feitas neste ambiente simbólico.

Levy (1999, p. 127) lista os seguintes elementos como participantes do processo de construção das comunidades virtuais: as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Ele diz também que, juntamente com a interconexão e a inteligência coletiva, as comunidades virtuais participam da orientação do crescimento inicial do ciberespaço.

Melo (2021) *et al.* ressaltam o protagonismo do processo comunicativo no ciberespaço e mídias digitais, com as interações mais flexíveis e superação das limitações de tempo e de espaço, associada ao entrelaçamento das diferentes procedências culturais e individuais. Por outro lado, ponderam que:

[...] não é possível dizer que essas tecnologias apresentam aspectos somente positivos — é necessário enxergá-las de outras perspectivas, com um olhar crítico, e entender que elas são produtos da cultura tecnológica capitalista a serviço dos interesses das empresas que as criaram e as mantêm no mercado.

Um grande exemplo da exploração econômica das redes é a vigilância constante dos algoritmos que pulverizam os perfis pessoais com publicidade, de acordo com o histórico de acesso dos indivíduos. É uma medida que, embora automática, consiste numa violação de privacidade e que resulta em uma insistência bastante incômoda. Um outro retrato deste contexto é o surgimento dos *digitais influencers*, pessoas que tornaram-se famosas a partir da internet e fazem fortuna através dos contratos publicitários que assinam juntos aos seus perfis nas redes sociais.

Os famosos pelos meios convencionais, como a música e artes cênicas, entre outros, também exploram este nicho, o fato é que não é mais necessário ser um grande astro da música ou da TV para ser alçado ao posto de pop star, a internet hoje oferece um atalho para isto.

Amaral (2010) lembra que há dois tipos de comunidades virtuais, as que são originadas de relações off line que migraram para o contexto virtual e as são compostas por relações unicamente on line. As duas tipologias podem ser objetos de estudo da pesquisa netnográfica.

Scherer-Warren (2021) aborda três modalidades de análise do cenário das redes sociais na sociedade da informação, considerando o tradicional e o moderno (e, inclusive, o pós-moderno), o local e o global, e o individual e o coletivo:

- Temporalidade: comunicação em rede em tempo real, mas que permite a conexão de tempos sociais distintos;

- Espacialidade: criação de territorialidades de novo tipo virtuais e presenciais, e a conexão entre ambas;

- Sociabilidade: novas formas de relações sociais, em intensidade, abrangência, intencionalidade e, em especial, seu significado e alcance num novo tipo de esfera pública.

Um importante ponto destacado por ela é que as redes virtuais podem ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa, “numa constante dialética entre o local e o mais global, entre o presencial e o virtual, entre o ativismo do cotidiano e o ciberativismo, podendo vir a auxiliar na formação de movimentos cidadãos planetarizados.” (Scherer-Warren, 2021, p. 41).

Ainda em Warren *op. cit* encontramos três categorias analíticas em que a sociabilidade, identificação e assimetrias de poder podem ser nomeadas, nas redes: reciprocidade, solidariedade, estratégia e cognição. A reciprocidade estaria relacionada a uma ajuda mútua em nível local; a solidariedade a um humanitarismo em escalas diversas; a estratégia à organização política e a cognitiva às transformações sociais.

Na esfera cognitiva ela destaca quatro novas narrativas que os movimentos contemporâneos vêm construindo para a compreensão da complexidade na sociedade globalizada e da informação:

- a) Desfundamentalização: concebendo os movimentos como coletivos múltiplos, em torno de projetos alternativos, como feminismo, ecologismo, movimentos étnicos, de direitos humanos, dentre outros, confrontando-se com a grande noção do marxismo, que projeta um rumo previsto para a luta de classes. Pode difundir novos códigos culturais, em oposição aos códigos dominantes;

- b) Descentramento: concepção do sujeito a partir de suas múltiplas identidades;

- c) Dos essencialismos rumo ao interculturalismo: a construção da solidariedade através do reconhecimento das diferenças, utilizando o diálogo em oposição ao radicalismo;

d) Da separação entre teoria e prática ao engajamento dialógico na rede: a necessidade da interação e articulação entre academia produção intelectual), ONGs (agentes da mediação entre pensar e agir) e militância de base (sujeitos do ativismo e da participação cidadã).

Para Lévy (1999, p.118):

[...]longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional.

As emoções no contexto on line costumam ser potencializadas para o aumento, seja para o desabafo em suas diferentes vertentes ou para o ódio. Este último é favorecido pela possibilidade de anonimato e, embora o rastreamento seja possível, a impunidade prevalece, tornando latente o aprimoramento da regulamentação.

Para Recuero (2009, p.24) uma rede é “uma metáfora para observar os padrões de conexões de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Dois outros conceitos essenciais no estudo das redes, destacados por ela são os de laços e capital social, o primeiro referente às conexões e o segundo aos valores do grupo.

Bertolini e Bravo (2016) apresentam cinco categorias de capital social:

- Relacional: a soma das conexões de relações e de troca;
- Normativo: a soma das regras e normas de comportamento e os valores internalizados pelos atores;
- Cognitivo: o somatório do conhecimento compartilhado e das informações possuídas sobre os problemas que o ator ou o grupo de referência se encontra enfrentando;
- Confiabilidade do ambiente social: a confiança geral conferida ao comportamento dos indivíduos presentes em um determinado sistema;
- Institucional: composto por instituições formais e informais.

Sobre o público, Silveira e Almeida (2019) *et al.* o definem como uma agremiação composta por sujeitos dispersos geograficamente, movidos por interesses comuns. Embora não sigam os mesmos estímulos, não há contato físico e as reações se dão de forma espontânea. Seguem uma organização.

Sobre as redes sociais, Bessa (2018) fez as seguintes rimas:

REDES SOCIAIS

Lá nas redes sociais
O mundo é bem diferente
dá pra ter milhões de amigos
e assim mesmo ser carente
Tem like, a tal curtida
tem todo tipo de vida
pra todo tipo de gente.

Tem gente que é tão feliz
que a vontade é de excluir.
Tem gente que você segue
mas nunca vai lhe seguir.
Tem gente que nem disfarça,
diz que a vida só tem graça
com mais gente pra assistir.

Por falar nisso, tem gente
que esquece de comer,
jogando, batendo papo,
nem sente a fome bater.
Celular virou fogão,
pois no toque de um botão
o rango vem pra você

Mudou até a rotina
de quem tá se alimentando
Se a comida for chique,
vai logo fotografando
Porém, repare meu povo:
quando é feijão com ovo
não vejo ninguém postando.

Esse mundo virtual
tem feito o povo gastar,
exibir roupas de marca,
ir pra festa, viajar,
e claro, o mais importante,
que é ter, de instante em instante,
um retrato pra postar.

Tem gente que vai pro show
do artista preferido,
no final volta pra casa
sem nada ter assistido
pois foi lá só pra filmar.
Mas pra ver no celular
nem precisava ter ido.

Lá nas redes sociais
todo mundo é honesto,
é contra corrupção,
participa de protesto,
porém, sem fazer login,
não é tão bonito assim
O real é indigesto...

Fura a fila, não respeita
quando o sinal tá fechado,
tenta corromper um guarda
quando está sendo multado.
Depois, quando chega em casa,
digitando manda brasa
criticando um deputado.

Lá nas redes sociais
a tendência é ser juiz
e condenar muitas vezes
sem saber nem o que diz.
Mas não é nenhum segredo
que quando se aponta um dedo
voltam três pro seu nariz.

Conversar por uma tela
é tão frio, tão incerto.
Prefiro pessoalmente,
pra mim sempre foi o certo.
Soa meio destoante,
pois junta quem tá distante
mas afasta quem tá perto.

Tem grupos de todo tipo,
todo tipo de conversa
com assuntos importantes
e outros, nem interessa.
Mas tem uma garantia:
receber durante o dia
um cordel do Bráulio Bessa.

E se você receber
esse singelo cordel
que eu escrevi à mão
num pedaço de papel,
que tem um tom de humor
mas no fundo é um clamor
lhe pedindo pra viver.
Viva a vida e o real,
pois a curtida final
ninguém consegue prever (Bessa, 2018, local 62 a 65).

Nos versos são citados alguns problemas da internet e dos sites de redes sociais como: efemeridade dos laços (“ter milhões de amigos e ainda ser carente”), necessidade de atenção (“que a vida só tem graça com mais gente para assistir”), ostentação (“se a comida é chique vai logo postando”), cancelamentos (a tendência é ser juiz e condenar muitas vezes sem saber nem o que diz”) e sobreposição do virtual sobre o presencial (“conversar por uma tela é tão frio, tão incerto”), entre outros.

Um paradoxo do mundo atual, as redes sociais revolucionaram na comunicabilidade humana. Gerir bem essa ferramenta é uma imposição e uma necessidade para uma comunicação saudável e eficaz.

3.2 O Grupo - Motivações e perfil de público

O ano era 1969: movido pela perspectiva de um futuro promissor um jovem de 20 anos deixa a casa paterna no interior do Ceará e parte rumo à capital do estado para pleitear uma vaga no exército brasileiro. Presta serviços por alguns meses e em dos muitos testes eliminatórios é dispensado, a carreira militar não estava em seu destino.

O sentimento mais previsível nesta história seria o de frustração, mas no coração daquele jovem pairou a certeza do dever cumprido, o alívio de quem ao menos tentou. Agora podia voltar ao meio que realmente despertava seu interesse e prestar um suporte tão necessário na velhice dos pais, que já se aproximava. Na bagagem de volta um item que teria um valor bem maior que a recompensa financeira que geraria: uma câmera fotográfica, juntamente com alguns rolos de filme.

Figura 29 — Câmera Fotográfica Certo Photo Ano 1969



Fonte: O autor (2023)

Nos fins de semana, em complemento às atividades laborais na agricultura, o jovem decidiu sair a cavalo pelos rincões do seu município e outros vizinhos. Apresentando de forma objetiva a novidade que portava, não foi difícil conquistar a adesão da clientela e em pouco tempo já possuía uma bicicleta com os rendimentos do seu novo ofício. Prosseguiu, então, firme e forte e, ao final de uma década, no ano de 1979, além da bicicleta, contava também

com uma moto, um carro popular e um televisor na lista de aquisições, com o representativo auxílio dos rendimentos da fotografia.

Depois de voltar os olhos para si, através das fotos, o Tapuio voltava os olhos agora para o mundo, através do televisor. E no alvorecer do novo milênio a comunidade e suas fotos ganha visibilidade em caráter potencialmente mundial, através da ação dos filhos do fotógrafo, com a criação de um grupo que disponibiliza as imagens em um grupo na internet.

A criação do grupo “Tapuio - Fotos e História”, se deu no dia 01 de dezembro de 2012, conforme registrado nas suas configurações. A criação da página se deu por Raerte Lima, que em seguida adicionou Rozana Lima e Ribamar Sousa, como moderadores. Em 03 de janeiro de 2024, às 15:50, o número de membros estava em 1602, com a presença de pessoas que estão no Brasil, Canadá, França, Hungria, Itália e Portugal, todos com vinculação com o Tapuio.

O espaço também é aberto ao registro de informações de localidades vizinhas, embora estas apareçam em menor número.

Com isto, os registros de seu Rozemar, o pioneiro fotógrafo do Tapuio, foram parar na internet. Em 30 anos de trabalho ele esteve presente em aniversários, casamentos, batizados, comícios e qualquer tipo de ocasião em que uma fotografia fosse desejada ou necessária. A principal marca foi na memória afetiva daqueles que tiveram seus momentos e principalmente suas infâncias registradas por ele, que, entre os anos de 1970 a 2000, era presença certa na feira popular de São João do Jaguaribe, aos domingos de manhã.

O restante do dia ele preenchia em festividades públicas ou particulares, nas margens do rio Jaguaribe, à espera de mais alguns registros. Ao cair da noite retornava ao Tapuio, cujos retratos são os que interessam a este trabalho.

Figura 30 — Rozemar Oliveira - Anos 70



Fonte: Rozemar Oliveira

Em ciências sociais o grupo é uma agremiação aberta e efêmera, de formação e dissolução mais fácil e espontânea, podendo ir de uma reunião de condomínio a um conjunto de pessoas esperando para atravessar um sinal, como ilustra Araújo (2016). Para o “Tapuío - Fotos e História” a definição mais adequada é a de “coletivo” por se tratar de uma organização mais coesa, intensa e de laços mais duradouros. No entanto, continuaremos a chamá-lo de grupo, que é a denominação utilizada pelos sites de redes sociais.

Um dado relevante no público da página é a prevalência de mulheres, numa proporção de 63%, contra 37% de homens, de acordo com as métricas do grupo. Em se tratando de distribuição etária, as idades estão dispostas conforme o gráfico a seguir:

Tabela 2 — Distribuição dos membros do grupo por faixa etária e gênero

FAIXA DE IDADE	FEMININO	MASCULINO
13-17	0	0
18-24	7%	6%
25-34	16%	11%
35-44	13%	9%
45-54	13%	6%
55-64	8%	3%
+65	6%	2%

Fonte: Métricas do grupo TFH

As principais cidades presentes no grupo, em 03 de janeiro de 2024, às 16:15, eram as seguintes, com os respectivos quantitativos de participantes:

Tabela 3 — Principais cidades presentes no grupo “Tapuio Fotos e História”

CIDADES	PESSOAS
Tabuleiro do Norte/Ce	709
Fortaleza/Ce	189
São João do Jaguaribe/Ce	135
Limoeiro do Norte	82
São Paulo/SP	38
Pacajus/Ce	32
Mossoró/RN	27
Russas/Ce	23
Rio de Janeiro/RJ	16

Fonte: Métricas do grupo TFH.

Um formulário postado no grupo no mês de agosto de 2023 foi respondido por 30 pessoas, 66,7% foram do gênero feminino e 33,3% do gênero masculino, uma proporção fiel às métricas reais da página, apesar da baixa adesão do público. Dentro desta amostra foram levantadas as seguintes informações:

a) Escolaridade:

- Fundamental incompleto: 01 (3,3%);
- Fundamental completo: 04 (13,3%);
- Médio incompleto: 02 (6,7%);
- Médio completo: 09 (30%);
- Superior incompleto: 02 (6,7%);
- Superior completo: 05 (16,7%);
- Pós-graduação: 07 (23,3%).

b) Estado civil:

- Solteiro (a): 11 (36,7%);

- Casado (a): 16 (53,3%);
- Divorciado (a): 2 (6,7%);
- Viúvo (a): 1(3,3%).

c) Filhos?

- Sim: 20 (66,7%);
- Não: 10 (33,3%).

d) Netos?

- Sim: 6 (20%);
- Não: 24 (80%).

e) Religião:

- Católico: 22 (73,%);
- Evangélico: 3 (10%);
- Afrodescendente: -
- Espírita: 1(3,3%);
- Ecumênico (segue mais de uma): 1(3,3%);
- Acredito em Deus, mas não sigo nenhuma: 3 (10%);
- Ateu: -

f) Raízes com o lugar:

- Nasceu e mora no lugar: 05 (16,7%);
- Nasceu fora e veio morar no lugar, onde ainda reside: -
- Nasceu no lugar e hoje mora fora: 12 (40%);
- Nasceu fora, foi morar lá e hoje mora em outro local: 4 (13,3%);
- Nunca residiu, apenas tem amigos ou parentes no lugar: 08 (26,7%);
- Outra situação: 01 (3,3%)

g) Relação com o lugar:

- Mora no lugar: 05 (16,7%);
- Visita com frequência (muitas vezes em um ano): 12 (40%);

- Visita pouco (ao menos uma vez em um ano): 05 (16,7%);
- Menos de uma vez em um ano: 07 (23,3%);
- Não visitou mais depois que saiu de lá: 01 (3,3%);
- Nunca esteve no lugar: -

h) Convivência direta (quanto tempo viveu ou há quanto tempo vive no lugar):

- Menos de um ano: 04 (13,3%);
- Entre um e cinco anos: 03 (10%);
- Entre cinco e dez anos: 02 (6,7%);
- Entre dez e vinte anos: 09 (30%);
- Entre vinte e trinta anos: 04 (13,3%);
- Mais de trinta anos: 08 (26,7%).

i) Nível de interação com a página:

- Apenas acompanho: 17 (56,7%);
- Acompanho, posto e interajo: 05 (16,7 %);
- Acompanho e interajo: 08 (26,7%)

Pelas informações acima, infere-se que o público predominante no grupo "Tapuio - Fotos e História é composto majoritariamente por mulheres entre 25 e 54 anos; residentes em Tabuleiro do Norte, Fortaleza ou São João do Jaguaribe; com ensino médio ou pós-graduação; casadas; com filhos e sem netos; de religião católica, que nasceram no lugar e hoje moram fora; que visitam o lugar o frequência; que viveram entre 10 e 20 anos no lugar e que apenas acompanham as postagens, sem interagir.

É um perfil que afirma uma vinculação com o lugar, em grande parte por causa de uma fixação anterior, alimentada hoje por uma situação no entre lugares, através da internet e de uma visitação frequente. Generalidades à parte, cada indivíduo possui uma história única e algumas delas carregam detalhes marcantes.

C, 74 anos, foi diretamente impactada pela tragédia de 1985; o filho mais velho foi uma das cinco vítimas fatais de um atropelamento coletivo na BR 116, quando uma multidão observava a passagem da água proveniente do rompimento da lagoa do Tapuio. Por conta do trauma a família migrou à época para Caruaru, em Pernambuco, e permaneceu lá por três

anos. Duas das filhas casaram na cidade e lá e residem até hoje. Além delas há um casal de filhos mais novos que voltaram com os pais para o Ceará.

O núcleo em que viviam no Tapuio foi esvaziado com o falecimento dos mais velhos e a migração dos jovens. *C* viveu no lugar até o ano de 2002, quando perdeu o esposo e passou a residir em Tabuleiro. Para ela, voltar às ruínas do local onde morava é uma conexão feliz com o passado; para os filhos esta experiência não é muito agradável. Mas no grupo todos encontram uma oportunidade de recordar os bons momentos, sem sofrer com as lembranças tristes.

A, 87 anos, reside no interior paulista e nunca morou no Tapuio, apenas vinha passar temporadas na casa de uma tia, no primeiro decênio de vida. Tomou conhecimento do TFH através de um outro grupo que participa, sobre a história de Tabuleiro do Norte, e decidiu participar. A casa da tia era localizada na margem esquerda na lagoa, em uma época em que esta era povoada, demandando inclusive uma travessia de canoa (hoje é desabitada). Ele tem boas lembranças dos banhos no lago e recorda com nitidez as pessoas e os costumes da época. Foi uma grata surpresa, surgida no ano de 2020, pelas boas colaborações que passou a fornecer nas interações das fotos.

Já *D*, 22 anos, vive no Mato Grosso e nunca esteve no Tapuio. Ingressou na página em 2021, em busca de informações para *B*, sua avó, que migrou do lugar no final dos anos 60, em um grupo de pessoas que partiu para o Paraná, para trabalhar na colheita de café. Das pessoas que fizeram esta migração muitos retornaram, outros ficaram no estado paranaense e alguns, como a avó de *D*, mudaram para o Mato Grosso. Ela manteve contato com a mãe, via carta, mas não visitou mais o lugar. Hoje não tem mais parentes diretos, já que os pais e irmãos são falecidos, mas sentiu o desejo de saber sobre outros parentes e pessoas conhecidas.

Através de uma busca pelo termo Tapuio, no Facebook, *D* chegou ao grupo TFH em 2021 e decidiu ingressar. Depois de um tempo observando as postagens, checando-as com a avó, concluíram tratar-se do lugar que procuravam e o elo foi retomado.

Uma postagem do dia 02 de dezembro de 2022, em comemoração aos 10 anos do grupo "Tapuio - Fotos e História"¹⁸ despertou importantes demonstrações a respeito dos laços e conexões da comunidade:

¹⁸O aniversariante de hoje é um "menino" de dez anos. Ele foi concebido sem muita expectativa, talvez até como uma forma de brincadeira, mas foi despertando atenção e hoje possui mais de 1500 "amigos". Sua tarefa se intercala entre contar histórias e mostrar gravuras, exibindo também, sempre que possível, algum conteúdo em vídeo. O que ele narra não diz muito de si, mas de todos, sua grande função é levar às pessoas a consciência de percepção a um grupo e a forma como isso moldou o percurso da vida de cada um. Portanto o menino, cuja

- *A história de um povo é sua maior herança aos descendentes. Este grupo abriu espaço para muitas memórias, novas histórias e reencontros entre pessoas e com a nossa própria identidade. Ele cresce e nos enriquece a cada dia. Que possamos utilizar esse espaço da melhor forma possível. Parabéns Ribamar Sousa que foi o criador e que mantém vivo a esse grupo, assim como todos nós que participamos dele;*
- *Que maravilha! Que esse grupo se eternize. E que através dele possamos relembrar fatos, encontrar pessoas e conhecer histórias;*
- *Com certeza esse grupo é maravilhoso a gente lembra de tudo que a gente passou aí é o nosso território que nós amamos muito e agradecer o nosso amigo Ribamar e a todos;*
- *Parabéns Ribamar, que Deus te abençoe mas é mas e que vc continue sendo essa pessoa maravilhosa;*
- *Vida longa ao “menino”!;*
- *Muito linda a história;*
- *Muito interessante fiquei emocionada, parabéns para este gênio. É para voc amigo;*
- *Parabens para voce jovem Ribamar que ama sua terra valoriza seu pedaco de chao porque nao dizer seu torrao as vezes tao seco mais voce esta ai sempre firme mostrando para aqueles que saíram das suas raizes poderem matar a saudade eu nao conhecia antes de voce alguem que amassem tanto esse tapuio sou grata a Deus e a voce por fazer parte desse grupo apesar de ter sido apresentado por minha prima leidiana em um momento dificil quando meu papai faleceu mais esse grupo ja mim trouxe muitas alegrias e recordacoes boas continue firme nesse proposito Deus te abencoe e te ilumine muiito;*
- *Parabéns meu amigo. Que privilégio fazer parte dessa história. Abraço.*

São transcrições das vozes de quem viveu este lugar e o vive e revive cotidianamente, através das postagens do grupo TFH e das recordações e emoções que ele proporciona.

O “Tapuio - Fotos e História” está inserido em uma rede regional de grupos no Facebook, destinados ao inventário de memórias municipais, entre os quais podem ser citados:

- São João do Jaguaribe - História, Vida e Memória;
- Resgate da História de Tabuleiro do Norte/Ce;
- Limoeiro do Norte de Ontem e de Hoje em Fatos e Fotos;
- Resgatando a História - Olho D’água da Bica;
- Jaguaribara de Ontem e de Hoje: Fatos, Fotos e Lembranças.

década de existência se traduz em mais de um século de memórias, é o porta-voz de um lugar de fala, como dizem os estudiosos da cultura popular. E essa fala está aberta não só a ele, mas a todos que estão a observá-lo, levando à oportunidade de uma ampla narração coletiva. E o teor? Seu único objetivo é tocar a cada um, embora este toque desperte emoções sensíveis ou ruins. O palco do “menino” é uma partilha em que todos se nutrem, rememorando, repensando e valorizando a própria trajetória, juntamente com outros que fizeram ou não parte dela. Reproduzindo a máxima: é impossível voltar atrás e fazer um novo começo, mas pode-se tentar construir um presente melhor e um futuro diferente do previsível. Nestes 10 anos do nosso grupo, os parabéns e a vitória são de todos, por acreditarem, fazerem parte e lançarem este olhar para si próprio. Reproduzindo uma outra máxima: as raízes nos fixam, mas também nos fazem crescer.

3.3 O Grupo - Temáticas predominantes

As fotos pessoais e de família são elementos predominante na rede social, mas é possível identificar outros que também se destacam, como: poetização do ambiente, transformações naturais e arquitetônicas, fotos da lagoa, homenagens póstumas, registros de eventos sociais, festividades religiosas e retratação do inverno e da seca. Numa classificação mais elaborada, as temáticas podem reunidas em: temporalidades, ambiente natural, cultura e religiosidade, homenagens póstumas.

Algumas imagens podem vir acompanhadas de um texto explicativo ou mensagem mais elaborada.

Além das fotos é comum a postagem de pequenos vídeos, com duração entre três e cinco minutos, produzidos com agrupamentos de fotos ou pequenas filmagens do cotidiano do lugar, com fundo sonoro. Os chamados slides shows ou video makes são produzidos a partir de aplicativos de computador ou celular, de fácil operação, e enriquecem o leque de linguagens. Em sua conta no site youtube, Ribamar Sousa, moderador do grupo, possui uma playlist somente com vídeos ambientados no Tapuio.

Conforme lembra Kossoy (2012, p. 119) a imagem fotográfica é válida e devida como fonte histórica, deve-se apenas ter em mente que ela é um fragmento da realidade. Além disto:

Não é demais enfatizar que este conteúdo é o resultado final de uma seleção de possibilidades de ver, optar e fixar um certo aspecto da realidade primeira, cuja decisão cabe exclusivamente ao fotógrafo, quer esteja ele registrando o mundo para si mesmo, quer a serviço de seu contratante.

Desta forma, temos em "Tapuio - Fotos e História" uma retratação que se assemelha aos autorretratos difundidos atualmente com a popular denominação de *selfies*: uma documentação de si mesmo, em momentos selecionados previamente, procurando postar-se da melhor forma.

Um dos grandes momentos do grupo é um texto postado em 07 de março de 2018, com edições posteriores, denominado "Como Cria do Tapuio." A produção foi elaborada seguindo uma tendência vigente nas redes sociais, em que as pessoas utilizavam este *mote* para recordar elementos pitorescos dos lugares em que viviam. O resultado foi um texto de 40 linhas, onde pessoas e eventos do lugar eram listados em sequência. A seguir segue um resumo do seu teor, com a introdução, alguns trechos do desenvolvimento e a conclusão. Por questões de pessoalidade o conteúdo foi omitido na íntegra:

Como cria do Tapuio vou falar das novenas de São José, que felizmente ainda existem, assim como os terços de São João, Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião e Santa Luzia. [...] E as férias de julho? Não seriam as mesmas sem as novenas de Nossa Senhora do Carmo. Quer uma foto? Vá em Rozemar e assista também o Chacrinha na TV amarela. [...] É incrível como um lugar tão pequeno pode ser palco de tantas histórias! Por isso que eu tenho um grande orgulho em ser "de lá".

Nos comentários alguns exemplos de reações à superlista:

- *Eita meu, quantas lembranças, muito bom, Ribamar;*
- *Nao moro no tapuiu, mas sei o quanto.essas lembranças sao boas pois de algumas ainda tive o prazer de partipar. como ainda participo das novenas dos terços ! No Tapuio e assim quem vai la jamais esquecera!!!*
- *Fui a uma festa de noite de ano de frente a lagoa a iluminação ou era à bateria ou um gerador sei que não aguentou a noite toda, mas quem disse que nosso povo foi embora aí foi que ficou animado obrigado Tapuio por tudo;*
- *Lindo isso tudo que vc botou, vivi um pouco disso mexeu com minha infância adolescência e tudo gostei parabéns;*
- *Muito bem. lendo isso da ate p voltar a infancia. amo meu lugar e as pessoas tambem.se eu pudesse escolher entre esse lugar e outro ainda assim escolheria aqui;*
- *Que felicidades termos um historiador em nosso torrão. Sempre resgatando a nossa historia. Parabéns Ribamar Sousa;*
- *Adorei seu texto Ribamar, vc descreveu nosso Tapuio, lembro tbm dos tempos de Quadrilhas, eu amava ir com minha Tia ver os ensaios , casamento matuto 🤔*
- *As festas na Quadra e as Novenas de São José, era tudo muito bom. Vale a pena relembrar. Amo nosso Tapuio 🍷;*
- *Muito bom ribamar lembrar de todos esses moradores do tapuio e fatos tambem legal esse e o nosso tapuio;*
- *Que legal primo!! lembrar de todos estes nomes que fazem parte da nossa historia da nossa terrinha, bem lembrado o fusquinha amarelo da minha mae era massa mesmo aprendi a dirigir nele,quase deixava atolar nas areias mais ele era forte e seguia obrigada! por essas riquezas de lembranças fico feliz por ter lembrado do Fusquinha amarelo um abraço primo pra todos dai!!!*
- *Lembro das desmacha la na casa do seu bisavó. Com o Dandao. Lembro das brincadeiras nas novenas na casa do meus pais brinca do roda pega pega e outras;*
- *Muito legal relembrar tudo isso, era muito bom. Parabéns Ribamar Sousa;*
- *Realmente nosso Tapuio tem história e Ribamar tem resgatado bem e nos colocando nostálgicos é muito bom ter feito ou fazer parte das histórias do Tapuio parabéns a todas(os);*
- *tapuio fotos historia nao tera fim de geracao a geracao do mais velho ao mais novo sempre alguem tem uma uma historinha a contar 🤔❤️❤️❤️*
- *Relembrando minha infância no Tapuio. Tinham também as Festas Juninas. Rezas, terços, muita devoção e festa mesmo com músicas e fogos nas casa dos dois lados da lagoa. Lembro que havia naquela época um costume de tomar alguém por compadre ou padrinho numa demonstração de grande respeito entre as pessoas envolvidas. Lembro parte da ritualística: Postava- se em frente a fogueira e pronunciava- se - São João disse e São Pedro confirmou que você seria meu padrinho (ou compadre) porque Jesus Cristo mandou. Posteriormente seguiam se os cumprimentos abraços e bênçãos entre os participantes e familiares. O mais importante disso era que estabelecia-se daí um profundo respeito entre as pessoas envolvidas e que duravam infinitamente.*
- *Obrigado. voce é imcrivel demais, as pesooas ficam feliz pôr terem os nomes revelados por voce nao o conheço mais já te admiro.*

- *Obg jovem Ribamar voce e uma mistura de poeta romantico e de uma pessoa que ama sua terra natal ama suas raizes adimiro pessoas assim ,tem nomes que voce falou que lembro , alguns lugares , como a quadra de cicero juliao voce falando e veio um filme lembrei me de minha mae dancando nas festas de sao joao lembro ate as musicas os tocadores se nao me engano era valdir nonato e manoel do joao do quirino eu era muito pequena sai dair com 9 anos mais jamais esqueco tapuio e charneca amo esses torroes velhos e adimiro quem tem esse mesmo amor lembrei me das oiticicas de Americo um riachino que passavamos quando iamos pra la lembrancas boas obg pela carona nessa viagem Deus lhe abencoe.*
- *Parabéns Ribamar Sousa, vc ã esqueceu suas raizes. Lindo o que vc escreveu.*
- *Muito bom ter alguém que relembra direto nossas raízes parabéns Ribamar vc é um amor de pessoa que Deus te abençoe hoje e sempre.*
- *Ouvi minha mãe falar muitos destes nomes....*

É a peculiaridade de um microcosmo revelando o universo de histórias e memórias que um lugar de relações intensas pode originar.

3.3.1 Temporalidades

A fotografia no lugar passou a ser praticada a partir do ano de 1969, mas a antes disto as pessoas realizavam registros pontuais nos centros urbanos. Portanto é possível encontrar no grupo registros de anos anteriores a esta data, embora em menor número. Mas de maneira massiva, podem ser identificadas fotos dos anos 70, 80, 90 e reproduções de exemplares analógicos da primeira década dos anos 2000. Após isto, a temporalidade se confunde com as documentações de eventos e cotidianidade do lugar.

Um pouco da evolução tecnológica da fotografia pode ser observada no grupo, também: no heterogêneo arquivo, permanentemente em construção, existem fotos analógicas e digitais, coloridas e em preto e branco e, muito comumente, extraídas de monóculo, micro slide popular entre os anos 60 e 80, no Brasil. Apesar de existirem técnicas específicas para a digitalização desses minúsculos registros, ela pode ser improvisada posicionando a lente de uma câmera de celular no visor do pequeno objeto, em local iluminado, e então fotografar a visualização obtida, fazendo depois as edições necessárias.

Figura 31 — Fotografia de monóculo



Fonte: O autor (2022)

Menezes (2017) explica que a revelação dos slides dos monóculos era realizada através de um processo chamado E-6, um método inteiramente químico, que exigia pouco investimento em equipamentos e dispensava o uso de energia elétrica. Isto favorecia a sua produção de forma rápida e itinerante, o que popularizou este tipo de fotografia em feiras livres, festas populares e locais turísticos.

No embalo da cultura *vintage*, hoje é possível encomendar o item em sites da internet, no atacado, em forma de chaveiro, retratando, por exemplo, a imagem de uma marca, ou na forma de mimo individual, com uma foto pessoal.

São muitos populares também painéis de caráter comparativo, do tipo “antes e agora” exibindo lado a lado fotos de uma mesma construção ou paisagem em momentos distintos, geralmente com um espaço de décadas.

Figura 32 — Capela de São José em diferentes momentos



Fonte: Rozemar Oliveira/Raerte Sousa

É um tópico importante para autoconsciência do lugar, em suas diversas gerações, especialmente as mais recentes.

3.3.2 *Ambiente natural*

É uma temática de grande representatividade na página, por retratar a natureza local, até mesmo em momentos não muito prediletos pelo público em geral, como na estação seca.

Figura 33 — Pôr-do-sol no Tapuio



Fonte: O autor (2020)

De grande repercussão, as fotos da lagoa cheia representam um dos assuntos prediletos e contribuem para manter em alta a auto estima do lugar. É um momento raro, mas que foi amplamente documentado nos três últimos anos em que se repetiu: 2004, 2008 e 2009.

Figura 34 — Lagoa do Tapuio cheia



Fonte: Raerte Lima (2008)

O grupo é também um monitorador do tempo e clima do lugar, seja através dos informes da ocorrência de chuvas ou do registro das médias mensais e anuais da pluviometria do lugar. Seu Rozemar, em sua versatilidade, em que dia foi fotógrafo e funcionário público, por vocação agricultor, colabora também como homem do tempo, anotando cotidianamente o volume das chuvas locais.

Figura 35 — Histórico de chuvas no lugar 2008 - 2023



Fonte: Rozemar Oliveira

E em tempos de globalização e comunicações via satélite, a abordagem também deste ângulo de visão, que é muito importante para a percepção de um lugar no espaço geográfico.

Figura 36 — Imagem de satélite do lugar



Fonte: Google Earth (2022)

Para Sontag (1977, p.96):

A fotografia não apenas reproduz o real, recicla-o — um procedimento fundamental numa sociedade moderna. Na forma de imagens fotográficas, coisas e fatos recebem

novos usos, destinados a novos significados, que ultrapassam as distinções entre o belo e o feio, o verdadeiro e o falso, o útil e o inútil, bom gosto e mau gosto. A fotografia é um dos principais meios de produzir esse atributo, conferido às coisas e às situações, que apaga aquelas distinções: “o interessante”.

Desta forma, com uma câmera na mão, com filtros ou não, sempre é possível conferir beleza ou atribuir valor a um instante em um lugar, como o Tapuio. Na imagem abaixo, uma névoa matutina em proporções incomuns foi eternizada por uma lente:

Figura 37 — Cerração¹⁹



Fonte: O autor (2020)

Cada estação tem sua beleza, da mesma forma que há encanto com a chuva e o verde, também há poesia com a seca, e quando esta se prolonga as imagens dos " dias bons" transmitem alento e esperança.

3.3.3 *Cultura e religiosidade*

Um momento de intensificação das atividades do grupo ocorre durante a celebração da festa do padroeiro - São José - entre 10 e 19 de março, com uma solene missa de encerramento nesta última data. Ao longo da semana ocorre o novenário, com a presença de comunidade convidadas e atividades sociais após as celebrações.

¹⁹ Névoa comum no semiárido no período do amanhecer, por volta do mês de maio, sinalizando a transição entre a quadra chuvosa e a estação seca.

Figura 38 — Missa de São José - 2023



Fonte: O autor (2023)

O mesmo acontece em julho, entre os dias 07 e 16, ao longo dos festejos de Nossa Senhora do Carmo, em uma outra capela.

Figura 39 — Festa de Nossa Senhora do Carmo - 2023



Fonte: O autor (2023)

Também ganharam expressão e visibilidade no grupo os versos de seu Acelino Vicente, expoente local da sabedoria e arte do repente de viola, tio paterno de seu Rozemar Oliveira, o pioneiro fotógrafo do lugar. Ele viveu entre 1912 e 1998, no Tapuio, com rápidas passagens por lugares próximos, em casa de parentes. Pela sua familiaridade com as letras exerceu, em alguns momentos, o ofício de professor, razão pelo qual era chamado por muitos de mestre Acelino.

Versificava com maestria eventos gerais ou do lugar. Conforme é usual na literatura de cordel, seus temas transitam entre o épico, trágico e o cômico. Numa época em que não se falava em *memes* e *viralizações*, as pessoas localmente temiam e de certa forma gostavam,

quando algum evento inusitado pelos quais passavam tornavam-se tema de seus versos. Um exemplo de um poema:

A REDE

Numa madrugada fria
 No dia 20 de Agosto
 Eu tive um grande desgosto
 O que não esperaria
 Pois a rede que dormia
 Na casa do cidadão
 Rasgou-se de supetão
 Eu ouvi ela se romper
 E não tive o que fazer
 Cai de costas no chão

Foi mesmo em noventa e um
 Que esse caso se deu
 Quando a rede se rompeu
 Que eu ouvi o zunzum
 Pensei é sempre comum
 Mas achei a coisa feia
 Pois a gente se aperreia
 Entristece num segundo
 Que coisa ruim no mundo
 Rasgar rede em casa alheia

Já era de madrugada
 Quando eu fui me levantar
 Vi a rede se torar
 De uma a outra beirada
 Eu caí de bordoadada
 E dei com o pé na parede
 Chegou-me até uma sede
 Bebi água sem querer
 Ouvi uma voz dizer
 Esse é um acaba rede

Os punhos da rede eu juntei
 Pegados numa só beira
 Em cima de uma cadeira
 Fiz um nó e coloquei
 Com o lençol ajeitei
 Para ver se ninguém via
 Mas quando amanheceu o dia
 A mulher foi lavar roupa
 Quando encontrou disse opa
 Eu senti uma agonia

Levantei e saí fora
 Ao voltar de novamente
 Quando passei o batente
 Lembrei-me naquela hora
 Vou mudar o lado agora
 Tomar outra posição
 Me segurei mim cordão
 Pensando de ser melhor

Aí foi muito pior
Larguei a bunda no chão

Me disse a dona da casa
Está certo a rede é fraca
Mas você tem uma faca
De maneira que atrasa
Toda rede se arrasa
Quando esse homem se deita
Parece que é uma empleita
Que ele fez em meu lar
Querendo as redes acabar
Cabra você se ajeita (Oliveira, Acelino Vicente de, S.l)

Após "mestre" Acelino, não ocorreu outra manifestação do dom do repente entre os habitantes do lugar.

3.3.4 Homenagens póstumas

As homenagens póstumas ocorrem por ocasião do falecimento de alguém da comunidade ou relacionado a ela. Representam um momento de dor, mas são um registro necessário. Além de tornar público o fato, a postagem se constitui em um mural onde as pessoas podem externar seus sentimentos e prestar duas solidariedades aos familiares envolvidos.

Sempre que necessário, outras ações de utilidade pública são efetivadas como avisos, campanhas de conscientização, convocações para reuniões e mutirões, entre outras.

JM, de 38 anos, é um apaixonado por genealogias. Movido pelo desejo de expandir seu conhecimento sobre sua rede de parentes, ele tomou a decisão de ingressar em grupo, em 2016, sabendo que um de seus bisavôs maternos era oriundo do Tapuio.

Até então visitara o lugar uma vez, aos dez anos, na companhia do avô. Atualmente ele procura fazer outras visitas, sempre que possível, para conhecer novas pessoas com algum grau de parentesco.

Com dedicação e muita pesquisa, JM explorou fontes valiosas, incluindo o site Family Search, dedicado à genealogia. Através desse trabalho árduo, ele conseguiu traçar sua ascendência até a oitava geração. Esse rastreamento revelou uma história rica e diversificada, incluindo antepassados de origem portuguesa e até mesmo judeus.

Sua jornada na genealogia não apenas o conectou com suas raízes, mas também o inspirou a explorar sua herança cultural de maneira mais profunda. Seu compromisso em

desvendar os laços que o conectam ao passado é uma prova do poder das histórias de família e da importância de compreender nossas raízes para melhor compreendermos a nós mesmos.

As seguintes colocações foram extraídas da postagem de fotos de um mutirão de jardinagem no cemitério, às vésperas de um dia de finados.

- Neste lugar está enterrados meus pais queridos e avós e avós paternos e maternos, primos e primas. *quê Deus ilumine sempre no reino dos céus;*
- *Que legal!!! Pessoas humildes gente Boa Gente do BEM me orgulho muito de ser Nordestina, Desejo muita saúde a todos!! 🙏🙏🙏🙏;*
- *Parabéns a toda a equipe empenhada 🙏🙏🙏;*
- *Obrigado a todos que partisiparam desta linpesa tava linda parabens;*
- *lindo gesto parabéns para todos vcs que Deus abençoe cada um com muita saúde e paz;*
- *Parabéns a todos! Cuidar é importante para todos;*
- *Muito obrigado a todos ai tem uma pessoa muito especial. 🙏🙏🙏;*
- *Até onde sei pense num povo unido, o cemitério nunca passou um dia de finados cheio de mato. Sabe o que isso é amor pelos entes queridos. Parabéns pra vocês.*

Figura 40 — Cemitério do lugar



Fonte: O autor (2021)

Assim como a religiosidade é um pretexto e um fomento para vida social, em um local como o Tapuio, a lembrança dos que partiram media vínculos e confraternizações entre os vivos: no dia de Finados o lugar é muito visitado.

3.4 A vida no campo no contexto da globalização

Dos seus 39 anos de vida G passou apenas um fora do Tapuio, quando trabalhou numa obra de construção civil, em outro estado. É solteiro. Vive no lugar porque gosta e para ajudar os pais na lida cotidiana, a plantação de milho e feijão na época chuvosa e a colheita de

castanha no segundo semestre do ano. Quando pensa em um dia morar fora é em outro lugar bucólico ou agrícola, talvez em outro estado, mas jamais numa metrópole.

A partir de 2009 ele e a família possuem, por iniciativa própria, em casa, um quintal produtivo, uma mistura de horta e pomar que, com o apoio de organizações não-governamentais, ganhou implementos como cisterna de placas, fogão ecológico e horta suspensa. Produz também mudas de plantas, para venda, atividade que pensa em abandonar, pela baixa procura localmente. O que comercializa do quintal é apenas o excedente do que consomem, o foco é a subsistência.

Aos poucos estão construindo também uma casa extra, no terreno onde possuem o roçado, para lazer e suporte na atividade laboral.

Acha que o lugar já teve um êxito rural maior, mas avalia que a pandemia contribuiu, de certa forma, para o crescimento local, com as pessoas fazendo uma migração de retorno, em busca de refúgio. É otimista quanto ao crescimento local, com a parceria das instituições e participação do povo, lutando pelos mesmos objetivos. Acha que muito já foi conquistado através do associativismo.

Ingressou nos movimentos sociais há 25 anos, quando participou de um projeto de alfabetização popular. Depois foi membro da associação de moradores local e atualmente é membro de uma casa de sementes da localidade. Ao longo desse tempo sempre procurou realizar intercâmbios culturais, visitas técnicas propostas por ONG's ou instituições, para conhecer experiências, geralmente de convivência com o semiárido, no Ceará e em outros estados do Nordeste.

Acha que para o lugar progredir "*é preciso união e engajamento, políticas públicas... interesse político, mas principalmente a participação popular.*" Nos eventos em que participa, sente falta do envolvimento dos jovens, que são o futuro do país, mas não tem consciência disto.

Questionado se identifica-se mais com agricultura ou ecologia ele afirma que com a agroecologia. E entre a cultura e os movimentos sociais, acha que identifica-se com os dois.

Não frequenta nenhuma matriz religiosa, mas respeita todas. É sobrinho de uma tradicional benzedeira do lugar, hoje falecida e revela que pediu-lhe que repassasse a ele os seus saberes, mas ela demoveu-lhe da ideia, por achar que a prática tinha um espécie de custo espiritual para quem a exercia, por levar à absorção de parte dos problemas que curava.

No entanto, ele segue a tradição familiar e sertaneja da cura pelas plantas, dando preferência aos medicamentos naturais até onde é possível.

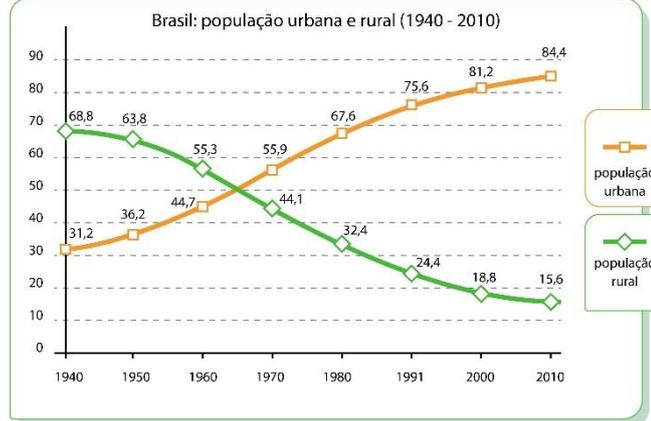
Há três anos posta vídeos no Youtube. Começou quando um canal que ele segue, do interior paulista, incentivou a colaboração dos internautas e ele gravou um vídeo com relatos de seu avô, seu Néelson Daniel, sobre a juventude no lugar e as dificuldades de convivência com a seca. Como o depoimento ficou muito extenso ele decidiu não enviar e, em vez disto postou. Com engajamento obtido foi postando outros que já possuía e ganhou motivação para continuar gravando para postar, sempre sobre o cotidiano natural do semiárido.

Embora pareçam sinônimos, há uma distinção entre as definições dos termos rural e agrário. Bertollo *et. al.* (2020) lembra que o primeiro termo refere-se à dinâmicas, culturas e vivências típicas da vida no campo e o segundo às práticas econômicas e agropecuárias, principalmente em larga escala. Desta forma, um espaço rural pode não ser também agrário e vice-versa. Na prática, assiste-se a uma sobreposição do agrário sobre o rural, com todos os problemas ambientais advindos da exploração predatória do agronegócio.

Conforme resgata Mizubuti (2007), a urbanização brasileira até a Primeira República (1890-1930), era mais concentrada na linha litorânea; a partir de 1930 a industrialização do Brasil, iniciada em fins do séc. XIX, é intensificada e inicia-se a transferência de populações rurais em direção às cidades. No entanto, é somente após a década de 1950 que a urbanização do nosso país atinge grande velocidade e São Paulo e Rio de Janeiro ganham o status de metrópoles.

Santos & Silveira (2006) apresentam três grandes momentos da organização histórica do território brasileiro: os meios “naturais”, os meios técnicos e o meio técnico-científico-informacional. O primeiro é caracterizado pelos ritmos lentos da natureza no comando das ações humanas das populações nativas e dos povos colonizadores; na segunda fase, representada por elementos como ferrovias portos e telégrafos, a técnica começa a, gradualmente, atenuar o império natural, embora de forma concentrada; o terceiro período, situado nos anos de 1970, é caracterizado por uma revolução nas telecomunicações.

Conforme vemos no gráfico a seguir, a população urbana ultrapassou a rural, no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970.

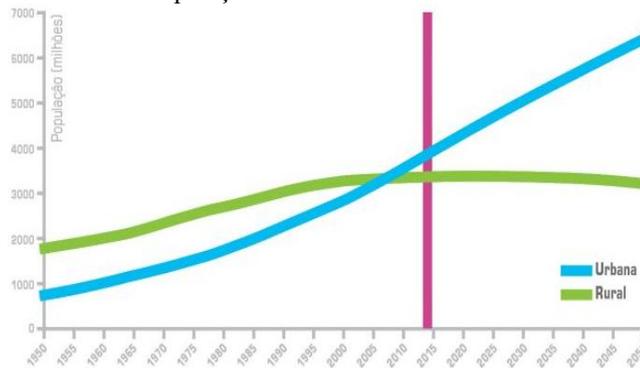
Gráfico 1 – População rural e urbana no Brasil – 1940/2010²⁰

Fonte: IBGE *apud* brainly.com²¹

A partir da virada populacional da cidade sobre o campo, o distanciamento no nível de povoação entre os dois só cresceu, como vemos, estando no último período mostrado em uma proporção próxima dos 85 % a 15%, respectivamente.

Em nível mundial a revanche da população urbana sobre a rural aconteceu no ano de 2007.

Gráfico 2 – População rural e urbana no mundo – 1950/2050



População urbana e rural no mundo 1950-2050

Fonte: *World Urbanization Prospects*, da ONU²²

De acordo com a projeção apontada acima, para as próximas duas décadas, a população urbana tende a se manter crescente e a rural em estabilidade, no mundo.

Silva (2002, p.29), fala da pluriatividade no ambiente rural, o desenvolvimento de atividades diversas das inerentes ao agro, em paralelo a estas. A criação de empregos não-

²⁰ Até o final da redação deste trabalho o IBGE não havia divulgado os dados do censo de 2022 referentes às populações urbana e rural, no Brasil.

²¹ Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/28084509>. Acesso em 7 jan 2024.

²² Disponível em: <https://urbe.me/lab/em-30-anos-a-populacao-urbana-mundial-deve-ultrapassar-as-6-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em 7 jan 2024.

agrícolas no campo é apontada por ele como “a única estratégia capaz de reter a população rural pobre nos seus locais de moradia e, ao mesmo tempo, elevar a sua renda”.

Kageyama & Rehder (1993) *apud* Sousa (2002) chamam a atenção para o fato de que as melhorias nas condições de vida da população rural não são alcançadas apenas com modernização agrícola, mas também com a descentralização da concentração populacional. Quando a população aumenta em médias cidades do interior, em detrimento das regiões metropolitanas, cria-se, na visão dos autores citados, uma cadeia de acessibilidades em torno das cidades pequenas e áreas rurais em volta.

Este contexto apareceu nos resultados do censo de 2022, do IBGE. Matéria do portal G1²³ destaca que dos mais de 12 milhões de habitantes que o Brasil ganhou entre 2010 e 2022, segundo o levantamento do órgão, 8,3 milhões, o equivalente a 67,5% foram nestas cidades. Foi o único grupo de municípios que apresentou crescimento percentual, já que as cidades pequenas e grandes perderam relevância proporcional, conforme mostra o gráfico abaixo.

Bertollo *et. al.* (2020) afirmam que através da paisagem rural é possível observar as mudanças dos diferentes períodos históricos no espaço. Eles ressaltam também a importância do turismo rural como um aumento da fonte de renda, valorização da cultura e preservação da natureza local.

Alentejano (2003) lembra o quanto os estereótipos existentes entre o campo e a cidade são relativos e questionáveis. Para ilustrar, ele fala que a segregação dos moradores urbanos em condomínios ou residências protegidas contra a violência pode ser equiparada ao provincianismo tradicionalmente atribuído ao campo, que por sua vez, possui uma mobilidade mais livre, neste aspecto. Continuando seu raciocínio ele afirma que para se falar em “novo rural”, seria necessário “avançar em formulações que rompam com a dicotomia rural/urbano”

No entanto, as dicotomias e contradições ainda persistem, ficando a cargo do campo, na visão de Whitaker (2021), um grande ônus para manter o ambiente urbano teoricamente organizado: hidrelétricas destruindo ecossistemas, desflorestamento e defaunamento para a produção de carne para o consumo e exportação, plantação de cana para o álcool dos automóveis, soja transgênica para obter divisas e pagar royalties e um grande volume de lixo urbano depositado integralmente nos espaços rurais. Indo mais a fundo, ela analisa que:

²³FARIAS, Victor; BISCHOFF, Wesley. Censo do IBGE: Cidades médias 'puxam' crescimento do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/07/01/censo-do-ibge-cidades-medias-puxam-crescimento-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 7 ago. 2023.

Vivemos em um sistema que nega ao campo: hospitais, universidades, teatros e salários dignos, além de todos os equipamentos urbanos que transformam a cidade em ponto de atração universal, e depois acusa-se a zona rural de atraso. Ora, o “atraso” do campo é projeto, projeto de dominação, para extrair dele a riqueza que sustenta o suposto “adiantamento” da cidade e esconde a anomia provocada pelo capital. Assim, as perversas articulações entre o campo e a cidade vão se delineando com análises mais profundas para além da ideia de unificação.

Mas, conforme aponta Alentejano (2003), a intensificação da urbanização no Brasil, já não possui, no séc. XXI, as mesmas benesses da segunda metade do séc. XX, e o modelo urbano é marcado por problemas como violência miséria e poluição. Quanto ao retorno ao ambiente rural como uma solução para os problemas sociais das grandes cidades ele coloca que isto não é uma medida tão simples e que implica em uma completa revisão do modelo de desenvolvimento agropecuário dominante no país, onde predomina o grande capital e a grande propriedade.

A reforma agrária é sugerida, pelo pesquisador, como uma medida, no curto prazo, para garantir melhores condições de sobrevivência para uma grande massa de excluídos, no campo e nas cidades. Mas uma reforma agrária diversificada, com a incorporação de atividades não agrícolas e que disseminasse infraestrutura social e produtiva nas áreas rurais.

Como destino migratório ou instrumento de alívio do stress urbano, o campo tem muito a oferecer a quem se dispuser a explorá-lo ou desfrutá-lo.

Silva (2002) afirma que está cada vez mais difícil delimitar o rural e o urbano, por que nas cidades não podem ser identificadas apenas com atividades secundárias e terciárias (indústria e serviços) e nem o campo com as atividades primárias (agricultura e pecuária). Ele fala de quatro subconjuntos que compõem o espaço rural na contemporaneidade:

- a. agropecuária moderna, o chamado *agrobusiness*, voltada ao macro mercado;
- b. agropecuária de subsistência, rudimentar e à margem do agronegócio;
- c. atividades não-agrícolas no meio rural, como moradia, lazer, indústrias, prestação de serviços e outros;
- d. atividades agropecuárias localizadas em nichos específicos de mercado, como: piscicultura, horticultura, floricultura, criação de pequenos animais, etc.

Com relação ao uso do ambiente rural para turismo e lazer, Sousa (2002) aponta três aspectos positivos: preservação e recuperação da flora, ao converter o meio natural é um produto de consumo sustentável; expulsão das grandes culturas e seus efeitos nocivos sobre o meio; e um novo uso à terra e nova ocupação a indivíduos que subsistiam de forma precária.

Como pontos negativos deste novo uso do rural ele aponta a especulação imobiliária, a sonegação fiscal e trabalhista e o desvio de recursos do crédito rural.

Damiani (2002) lembra que o ecúmeno, a ocupação da humanidade no globo terrestre, é determinado não só por razões naturais, mas também históricas, trazendo de Pierre George a menção da industrialização no incremento da habitabilidade do planeta.

Para Santos (2001, p. 81) a antiga definição de ecúmeno ganha uma nova dimensão e já não se aplica apenas ao planeta efetivamente habitado: “Com a globalização, todo e qualquer pedaço da superfície da Terra se torna funcional às necessidades, usos e apetites de Estados e empresas nesta fase da história.” Portanto, por mais inóspitos que um lugar possa parecer, a tecnologia e o capital encontram soluções para contornar as adversidades ou descobrem como explorar economicamente as condições adversas.

Santos (2001) propõe três percepções do processo globalizatório: a primeira como fábula, uma concepção fantasiosa e imposta; a segunda como perversidade, a concepção real; e a terceira uma concepção idealizada, “uma outra globalização”.

O primeiro posicionamento é justificado, pelo autor, pela falsa ideia de uniformização ocasionada pelos meios de transportes e comunicações, que podem sim, encurtar as distâncias mas sem um acesso universalizado. A segunda é explicada por problemas como desemprego crônico, fome, baixos salários, corrupção e doenças como a AIDS. As bases para construir a “outra globalização” seriam a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta, as mesmas em que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa.

Como causa para a crise econômica, social, política e moral do globo, ele aponta o fato de os atores hegemônicos lutarem para afastar apenas a crise financeira:

O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considerá-lo o único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar sua ação, como se tal “crise” fosse a mesma para todos e como se a receita para afastá-la devesse ser geralmente a mesma. Na verdade, porém, a única crise que os responsáveis desejam afastar é a crise financeira e não qualquer outra. Aí está, na verdade, uma causa para mais aprofundamento da crise real – econômica, social, política, moral – que caracteriza o nosso tempo (Santos, 2001, p.18).

Não é de hoje que o lucro se sobrepõe à dignidade humana, inclusive ao custo da degradação ambiental. Porém se agrava a cada dia a insustentabilidade deste modelo

desenvolvimentista, através das crises nas mais diversas esferas, tanto em nível natural, como social.

Haesbaert (2007, p. 68) entende que no mundo dito globalizado o acesso pleno a um território como ‘experiência sagrada do espaço’ só acontecerá quando todos puderem vivenciar o mundo em suas escalas múltiplas, porque o território é, hoje, multiescalar e em rede. Por isso, o combate à desterritorialização como exclusão socioespacial “significa também o acesso amplo às diferentes escalas e redes que, ainda hoje, constitui-se um privilégio de uma elite planetária cada vez mais auto-segregada.”

Assim, a integração campo/cidade, em nível econômico e social, e o acesso universal a isso são fundamentais no mundo globalizado. De um lado o campo fornece produtos *in natura* e beneficia-se com os bens industrializados; de outro, a urbe agiliza a resolução dos problemas campestres e também pode recorrer a este ambiente como forma de alívio e escape. Excluir alguém destes fluxos é, além de socialmente injusto, prejudicial à fluidez deste processo.

4 A VOZ DOS SUJEITOS: RELATOS MEMORIAIS E DE CONSUMO E RECEPÇÃO DE SEGUIDORES DA PÁGINA

Uma vida plena de sentido é naturalmente reconhecível em comunidades pequenas e tradicionais, porém na complexidade do cotidiano moderno, o sentido vem permeado, reelaborado por instituições e meios produtores de ideias e mensagens. Aquilo que não faz parte da compreensão de um pode se tornar presente por meio da exposição da ideia por outro sujeito ou grupo. Para a composição do vivido o diálogo é imprescindível. O que se põe em relação na vida social, ao mesmo tempo em que afeta também é afetado. (Heidrich, 2013, p. 54)

Chegamos à culminância do nosso trabalho, com depoimentos qualitativos, atividade de recepção de conteúdo e os resultados de um questionário quantitativo. Antes disto falaremos um pouco sobre a relação entre fotografia e memória, identidade social e detalharemos o percurso teórico metodológico da pesquisa.

4.1 Fotografia e memória

Entre as muitas possibilidades de termos para se referir a uma imagem fotográfica, alguns muito utilizados são: documentação de um instante, flagrante de um momento, cristalização de uma cena e outros. Realizado o registro, o tempo atua em duas frentes antagônicas que é o envelhecimento ou comprometimento da mídia utilizada, seja ela física ou digital, e a valorização da imagem contida que, como o vinho, torna-se mais preciosa, com o passar dos anos. Independentemente do assunto fotografado, uma fotografia é sempre um canal de reflexão e interpretações diversas.

Martín-Barbero (1997, p. 152) lembra que a relação das classes populares com a imagem é distinta da sua relação com os textos escritos:

Cifradas também, mas a partir de códigos de composição e de leitura "secundários", as imagens foram desde a Idade Média o "livro dos pobres", o texto em que as massas aprenderam uma história e uma visão do mundo imaginadas em chave cristã. Com as figuras e cenas dos retábulos e capitéis, e depois com os grupos escultóricos e os baixos-relevos das catedrais góticas, a igreja cria uma imaginária compartilhada por todos, clérigos e leigos, ricos e pobres. Mas a "proximidade" do povo às imagens é paradoxal: o mundo que apresenta a iconografia é muito mais estranho, exterior e distante do mundo popular que o que recolhem e difundem os relatos escritos. Precisamente porque nas imagens se produzia um discurso acessível às massas, a seleção do dizível e difundível será muito mais cuidadosa e censurada.

No cenário atual, esta lógica permanece em evidência, com as imagens predominando sobre os textos, acompanhadas de manchetes sensacionalistas que sintetizam e agilizam o que

os emissores querem despertar na grande massa que se deixa levar pelo impulso, sem apurar a veracidade e totalidade das informações consumidas.

Kossoy (2012) alerta que, apesar de a fotografia ser uma "cristalização da memória", sua objetividade é apenas aparente já que imagens pouco ou nada informam do contexto histórico em que se originaram. Em face disto, a imaginação ou curiosidade de quem não conhece o contexto tratarão de criar ou o indagar o restante; para aqueles que conhecem o momento que permeia a cena, a memória será instigada a trazer os fatos à tona.

Sontag (1977, p. 18) define o limite do conhecimento fotográfico como uma incitação da consciência, sem conhecimento ético ou político:

O conhecimento adquirido por meio de fotos será sempre um tipo de sentimentalismo, seja ele cínico ou humanista. Há de ser um conhecimento barateado — uma aparência de conhecimento, uma aparência de sabedoria; assim como o ato de tirar fotos é uma aparência de apropriação, uma aparência de estupro. A própria mudez do que seria, hipoteticamente, compreensível nas fotos é o que constitui seu caráter atraente e provocador. A onipresença das fotos produz um efeito incalculável em nossa sensibilidade ética. Ao munir este mundo, já abarrotado, de uma duplicata do mundo feita de imagens, a fotografia nos faz sentir que o mundo é mais acessível do que é na realidade.

Altamente teatralizados, os registros fotográficos carregam, historicamente, o status de perpetuadores da realidade ou de um fragmento dela. Com a proliferação dos dispositivos móveis de fotografia e vídeo esta realidade evoluiu ou involuiu para um ponto em que o fotografar ou filmar, principalmente para postar, acaba se sobrepondo à vivência do momento. E dada a facilidade com que se faz os registros, flagrantes da realidade são obtidos, mas narrativas falsas podem ser construídas, pelas mãos de quem registra uma cena, em áudio ou vídeo, e as apresenta com a versão que deseja.

Para Sontag (1977, p. 08) “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento — e, portanto, ao poder.” Um dia este recurso foi um privilégio para poucos, mas, com a evolução tecnológica, ele foi tornando-se gradativamente acessível, até tornar-se, de certa forma, banal. A realidade, hoje, além de apropriada, pode ser manipulada e até mesmo falseada.

Para Kossoy (2012) uma fotografia representa a interrupção do tempo e, portanto, da vida, um fragmento do real, sem antes, nem depois. Desta forma:

A fotografia ou um conjunto de fotografias não reconstituem os fatos passados. A fotografia ou um conjunto de fotografias apenas congelam, nos limites do plano da imagem, fragmentos desconectados de um instante de vida das pessoas, coisas, natureza, paisagens urbana e rural. Cabe ao intérprete compreender a imagem

fotográfica enquanto informação descontínua da vida passada, na qual se pretende mergulhar. (Kossoy, 2001, p.125)

Da mesma ideia comungam Buitoni, Prado e Redisch (2012), ao vincularem o registro fotográfico ao contexto em que ele está inserido.

É algo que, a princípio, pode parecer uma limitação, mas, visto por outro ângulo, pode ser um interessante instigador da memória ou da imaginação. Desta forma, uma foto de um determinado evento ou momento desperta muitas lembranças em quem o vivenciou e inúmeras indagações ou suposições em quem não fez parte daquela cena.

Já para Sontag (1977, p. 15): “Fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo. A televisão é um fluxo de imagens pouco selecionadas, em que cada imagem cancela a precedente.”

Figura 41 — Sequência de imagens de um vídeo de pôr-do-sol



Fonte: O autor (2022)

Flusser (2002) propõe que o fator decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos. O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem, em um procedimento chamado *scanning*.

Sobre isto Kossoy (2012, p. 53 e 54) destaca que:

Alguns entendem o que veem em sua aparência primeira, comum, um entendimento que se desvanece na sua própria superficialidade: e nesse ponto estacionam. Outros observam não apenas dados da realidade imediata que se apresenta, mas algo além do óbvio, nos detalhes de ordem material, nas marcas no solo, no tipo de vegetação,

no traçado das ruas, na arquitetura do lugar, em certos gestos e olhares: e procuram transferir e organizar esteticamente essas informações em seus registros. Nessas imagens temos um meio de informação de importante valor documental sobre o objeto, em função de certos elementos do real que são incluídos no retângulo fotográfico e que podem ser de grande valia para pesquisas iconográficas nas Ciências Humanas.

Na cena abaixo vemos uma possibilidade de deciframento por *scanning*, em uma imagem com muitas camadas, que vão desde a folha de uma planta, ao restante de uma lavoura, uma pastagem em seguida, uma mata logo após e uma mudança na vegetação e no relevo, ao fundo, culminando com o horizonte.

Figura 42 — Lavoura



Fonte: O autor (2023)

Kossoy (2012, p.79) lembra também que, em se tratando de fotografia, refere-se comumente à imagem e ao assunto nela retratado. Porém, uma foto “faz saber também de seu autor, o fotógrafo, e da tecnologia que lhe proporcionou uma configuração característica e viabilizou seu conteúdo”.

Barthes (1980) propõe três conceitos a respeito do ato fotográfico: *operator* (o fotógrafo), *spectrum* (o fotografado) e *spectador* (quem observa a foto). Sobre quem posa ele menciona a perda de autenticidade diante do fato de estar sendo observado, “fabricando-se instantaneamente em outro corpo e metamorfoseando-se antecipadamente em imagem”. Com relação ao observador, ele destaca a utilização da fotografia como forma de aprendizagem da cultura e costume das civilizações. Por não ter experiência como fotógrafo, ele não comenta o ponto de vista do *operator*.

As *selfies*, autorregistros realizados através das câmeras frontais dos dispositivos móveis, tornaram-se muito populares com o advento das redes sociais. Elas confluem numa

mesma pessoas as figuras do *operator*, *spectrum* e *spectador* e são altamente compostas pelo metamorfoseamento antecipado definido por Barthes.

Figura 43 – *Selfie* em um açude



Fonte: O autor (2021)

Sontag (1977, p.97) conflui o olhar do fotógrafo com olho visual - a fotografia artística - com o registrador objetivo - a fotografia documental. Para ela, os dois são “extensões lógicas do que a fotografia significa: anotar potencialmente tudo no mundo, de todos os ângulos possíveis.”

Dubois (1993) apresenta três óticas em que a fotografia pode ser vista:

- Espelho do real, a semelhança entre a imagem e o seu referente;
- Transformação do real, uma representação mais elaborada, com o objetivo de despertar leitura e análise;
- Traço de real, uma vinculação inevitável com a realidade, apesar das múltiplas possibilidades de interpretação.

Em todas as opções esteve presente no registro a figura de uma pessoa que, intencionalmente ou não, impôs suas visões ou intenções.

Kossoy (2012) ressalta que esta condição ambígua do registro deve ser considerada na análise e estudo da fotografia. Como fatores que “influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural”, ele destaca a seleção de um determinado aspecto, a organização visual dos detalhes e a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia. Buitoni, Prado e Redisch (2012, p.07) reforçam este posicionamento ao afirmar que “Para ser um bom fotógrafo ou um consumidor consciente de imagens, é preciso

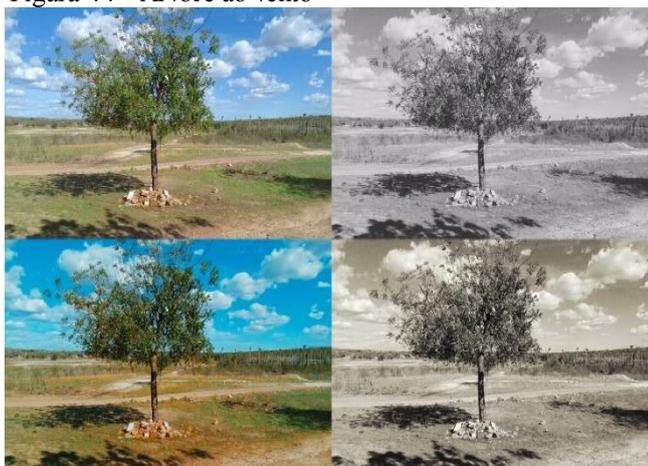
desenvolver um terceiro olho muito sensível, além de instruir-se nos detalhes técnicos. Não existe imagem inocente”.

A consequência é resumida por Kossoy *op. cit.*, ao afirmar que, na interpretação das imagens fixas, com ou sem o auxílio de textos, abre-se um leque para interpretações diversas “a partir daquilo que o receptor projeta de si, em função do seu repertório cultural, de sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural” (Kossoy, 2012, p.225).

A fotografia digital revolucionou o registro de imagens, não só pela popularização como também pela banalidade. E com a mesma facilidade com que podem ser produzidas, também podem se extinguir, dada a vulnerabilidade e obsolescência das mídias de armazenamento. Buitoni, Prado e Redisch (2012) alertam para a perda de referência com o real, dados os inúmeros recursos de alteração da imagem, como os filtros e as montagens.

Na imagem a seguir vemos uma primeira imagem, no canto superior esquerdo e algumas opções de filtro aplicados a ela, uma tendência generalizada nos registros atuais. Antes restritos às lentes de fotógrafos profissionais, os filtros são hoje um recurso facilmente disponibilizados pelos dispositivos móveis

Figura 44 – Árvore ao vento



Fonte: O autor (2023)

Um outro elemento ressaltado também por Buitoni, Prado e Redisch *op. cit.* é a mudança do que eles chamam de “instante decisivo”, o momento do registro da imagem. Nas câmeras digitais ele ocorre um pouco após o clique, enquanto na fotografia analógica acontecia imediatamente após o acionamento da máquina.

Sontag (1977) fala da necessidade de confirmar e realçar a realidade através de fotos como um “consumo estético em que todos estão viciados”. O hábito causaria dependência e poluição mental. No entanto, ela também admite que “Fotografar é atribuir importância. Provavelmente não existe tema que não possa ser embelezado; além disso, não há como suprimir a tendência, inerente a todas as fotos, de conferir valor a seus temas” (Sontag, 1977, p. 21 e 22).

E, ponderando, ela considera também que, embora cada tema possa ser válido, em princípio, “formou-se a convenção de que a visão fotográfica é mais nítida quando se trata de assuntos excêntricos ou triviais. Os temas são escolhidos por serem enfadonhos ou banais.” (Sontag, 1977, p. 78).

Na imagem que segue, uma cena de um cotidiano sofrido foi eternizada por clique desinteressado. Tal como o vinho que aprimora seu sabor quanto maior o tempo de fermentação, o registro ganhou poesia e valor artístico com o passar dos anos.

Figura 45 — Mulher com lata d'água



Fonte: Rozemar Oliveira (anos 70)

Em resumo, a ligação entre fotografia e memória é uma relação complexa e que envolve múltiplos fatores, como recursos utilizados, intenções e bagagem do autor e a visão de mundo do receptor, entre outros. A riqueza desta interrelação não se resume ao acesso, portanto, mas na multiplicidade de intenções na produção e disseminação e diversidades de leitura na recepção e consumo.

4.2 O pertencimento social

A identidade coletiva é definida por Polak (1992, p. 207) como “todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência.” Nesta definição percebemos o quanto é variável a escala de abrangência da pertença, indo da casa ao país, neste exemplo.

Para Heiderich (2013, p. 57):

Os vínculos que as sociedades possuem com seus territórios são resultado de uma história. Quando se faz parte de um determinado agrupamento humano, ao mesmo tempo se vivenciam as relações com o espaço ocupado por esse grupo. Permanecer numa determinada área de modo continuado e repetido e compreender uma história da qual se participa, constrói uma experiência que liga o indivíduo ao grupo e a seu respectivo espaço de convivência e uso. Significa que as pessoas possuem sentimento de pertencimento, a crença entre os sujeitos de que possuem origem comum e que faz sentido intervir na sociedade e no território do qual se faz parte.

É um raciocínio referendado por Polak *op. cit.*, ao afirmar que os elementos constitutivos da memória individual e coletiva são, em primeiro lugar os acontecimentos pessoais e, em segundo, os acontecimentos “vividos por tabela”, aqueles vividos pelo grupo ao qual se pertence. Neste último caso, os fatos não precisam necessariamente ter sido vivenciados pelos sujeitos e serem apenas componentes de uma memória herdada. Desta forma, a identidade de uma pessoa é composta pelas experiências que ele viveu e pelos fatos acontecidos até mesmo antes do seu nascimento, em seu grupo social.

Rodrigues (2013, p.119) também compartilha desta visão, ao dizer que:

Os lugares, ao mesmo tempo em que são portadores da memória coletiva (a qual colabora na formação das identidades regionais e possibilita os agrupamentos sociais entre aqueles que compartilham das mesmas referências identitárias); eles também fazem parte do universo representativo memorável de cada habitante de uma localidade. Assim, ao mesmo tempo em que os lugares lembram alguma coisa, eles são lembrados por alguém.

Temos em Tapuio acontecimentos como as secas, em maior número, ou até mesmo um evento como a enchente de 1985, que deixou tantas marcas na memória do lugar. Tais eventos, entre outros, acumulam-se na história coletiva do lugar e fazem parte também da constituição individual dos sujeitos.

Para Canclini (1999, p. 163):

A identidade é uma construção que se narra. Estabelecem-se acontecimentos fundadores, quase sempre relacionado à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros. Vão se somando as façanhas em que os habitantes defendem esse território, ordenam seus conflitos e estabelecem os modos legítimos de convivência, a fim de se diferenciarem dos outros.

O mesmo diz Hall (2006, p.51), ao falar sobre a constituição da identidade nacional:

Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre 'a nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Na narrativa tapuiense aparecem os nativos refugiados, os vaqueiros que chegaram e a suposta convivência pacífica entre eles, já que as terras locais não eram alvos de grandes disputas, por estarem distantes das margens do rio Jaguaribe. Posteriormente vem os empreendedores sociais e culturais do lugar, construindo a capela, o cemitério e demais equipamentos ou migrando para "vencer na vida".

A fábula do patinho feio tem muito a nos dizer sobre o pertencimento social: um filhote de cisne criado em meio a patos, que o excluíam por causa da sua diferença em relação a seus "irmãos". No final da história o "patinho" cresceu e se revelou um belo cisne, que apenas era de uma espécie diferente da que achava ser a sua família. Através desta situação metafórica, vemos o quanto a noção de pertencimento é relativa e vulnerável aos valores de um grupo.

Ela vai de encontro às ideias de Goffman (1963), que agrupa as perspectivas e ideias pré-concebidas em uma visão denominada identidade virtual e os verdadeiros atributos como identidade real. Assim como acontece na fábula do patinho/ganso feio, o equilíbrio entre as duas definições costuma ocorrer com o passar do tempo.

São comuns localmente as histórias de superação de pessoas que deram a volta por cima ao migrarem ou vencerem na vida pelo trabalho ou estudos.

Galinkin e Zauli (2011) chamam atenção para o fato de que a identidade social surge não só do pertencimento a um grupo, mas também da comparação com outros grupos, procurando identificar características positivas no grupo a que se pertence e livrar-se de predicações negativas, até mesmo ao custo de uma mudança de grupo.

Reflexos deste posicionamento podem ser encontradas na militância por melhorias comunitárias ou também no movimento migratório.

Para Hall (2006), a identidade é uma construção histórica e não biológica; à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. Assim, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos e, se sentimos que temos uma mesma identidade unificada, do nascimento até a morte, isto significa que acumulamos uma cômoda estória sobre nós mesmos.

Um exemplo prático deste caráter histórico da identidade descrito por Hall são as mudanças linguísticas e culturais sofridas pelos sujeitos, fato que antes era associado às migrações, mas hoje ocorre pelo simples acesso às informações pelos meios de comunicação, especialmente os digitais.

Polak (1992) também fala da identidade como uma construção da memória, que se organiza de forma a apresentar aos outros e a si própria a representação que se deseja possuir e ser percebida pelos outros. Em concordância, Rodrigues (2013, p.119) quando afirma que “nem tudo que é passado interessa ser recuperado: a seletividade da memória social transformada em memória coletiva tem o propósito político de enaltecer os marcos memoriais daquilo que interessa ao grupo dominante.”

Este contexto é explorado de forma cômica no filme *Narradores de Javé* (2003), quando os habitantes de um vilarejo que está prestes a ser inundado pelas águas de uma barragem, entram em conflito, ao tentarem enfatizar ancestrais e realizações pessoais na elaboração de um relato da história do distrito.

É algo observável nas autorepresentações realizadas em redes sociais. Dificilmente alguém fará uma má exposição de si, já basta os outros, para fazê-lo livremente. Portanto, no Grupo TFH é compreensível que as pessoas façam uma representação seletiva de si e da imagem do lugar, ou então utilizando-se de eufemismo ou poetizações ao referir-se a aspectos ou memórias indesejados.

Cinco elementos são apontados por Hall (2006) como principais na narração da cultura nacional: a narrativa da nação, as memórias que conectam o passado com o presente; a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; invenção da tradição; o mito fundacional, “uma estória que localiza a origem da nação, do povo e do seu caráter nacional

num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo 'real', mas de um tempo 'mítico' (Hall, 2006, p. 54/55); a identidade nacional simbolicamente baseada na ideia de um povo ou folk puro, original.

Todos estes elementos, com exceção da pureza, já que a mestiçagem é localmente aceita e admitida, podem ser identificados na narrativa das origens da "nação" Tapuio.

Da geografia humanística vem o conceito de lugar - uma porção do território com a qual se relaciona de forma afetiva ou intimista. Para Thuan (1980, p. 05): "Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal." Ele também afirma que:

Tal como o pretense "amor pela humanidade" levanta nossas suspeitas, também a topofilia soa falsa quando é manifestada por um extenso território. Parece que a topofilia necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela parece ser uma unidade natural (Thuan, 1980, p. 116 e 117).

Aqui entende-se o amor dos tapuienses pelo seu torrão natal, porque, dentro desta perspectiva, quanto menor a extensão do espaço, maior a probabilidade de se apegar a ele.

Para Thuan *op. cit.* a percepção de um indivíduo em relação ao local onde se vive pode ser influenciada pelos seguintes fatores de sua realidade individual:

- a) O tempo em que se vive no lugar;
- b) As relações sociais e econômicas que acontecem nesse lugar;
- c) As características das paisagens naturais ou humanizadas que foram historicamente construídas nesse lugar;
- d) Comparando-se cada uma destas características com outros lugares, quer estes sejam considerados melhores ou piores.

Das suas proposições sobre a topofilia, o apego a um lugar, podem ser destacadas algumas observações importantes:

- 1) Os seres humanos estão bem equipados para registrar uma variedade de estímulos ambientais, mas a maioria faz pouco uso dos seus poderes perceptivos. No mundo moderno, dá-se uma ênfase à visão em detrimento dos outros sentidos, por eles requererem uma maior proximidade e ritmo mais lento;
- 2) O grupo pode afetar fortemente a percepção, atitude e o valor que os seus membros atribuem a o meio ambiente;

3) A Topofilia assume várias formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade: prazer visual efêmero; deleite sensual de contato físico; apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação e alegria nas coisas devido à saúde e vitalidade;

4) As visões de mundo dos analfabetos e das sociedades tradicionais diferem significativamente daquelas dos homens modernos, que vivem da influência mesmo indireta da ciência e da tecnologia. Enquanto na era pré-científica as pessoas adaptaram-se à natureza, agora elas a dominam;

5) A cidade é um local de ordenamento onde teoricamente as pessoas estão protegidas dos caprichos da natureza. É um lugar onde as pessoas estão próximas, mas ao mesmo tempo distantes, em contraposição ao meio rural onde, apesar da dispersão das moradias, os habitantes tendem a adotar uma maior interação e união;

6) Existem vários tipos de ambientes e um certo grau de liberdade para optar por eles. Os seres humanos persistentemente têm procurado um meio ambiente ideal.

Heiderich (2013) afirma que os lugares produzem uma territorialidade refletida no corpo e dão identidade às pessoas. Essa identidade pode levar à atribuição de adjetivos, tanto bons como ruins e ao conduzir consigo o seu lugar, o homem pode ser tratado com preconceito.

De acordo Santos & Silveira (2006) o entendimento do território como a extensão apropriada e usada ultrapassa a raça humana e independe da existência de Estado, se estendendo aos animais como sinônimo da área de vivência e reprodução. Porém os dois autores ponderam que a territorialidade com preocupação com o destino e a construção do futuro é, entre os seres vivos, privilégio do homem.

Heidrich (2013) chama a atenção para o fato de que nas sociedades modernas, aquelas que não foram formadas pela etnicidade de um povo, pode-se desenvolver identificações múltiplas, por causa da diversidade de experiências e condições socioeconômicas e culturais. Mas a identidade estabelecida com o território pode ser compartilhada por todos, sem exceção. Pode-se, no entanto, adotar uma segunda identidade, quando ocorrem migrações, ou identidades múltiplas, como indígena e brasileira, sem que uma exclua a outra.

Muito se fala sobre os impactos da globalização nas identidades locais e, ao fazê-lo, prevê-se com frequência uma perda de referência nas culturas locais, em detrimento dos costumes impostos por nações hegemônicas na lógica global. Santos (2001), entretanto, vê

com bons olhos a mistura de povos e culturas em todos os continentes, o que denomina de sociodiversidade e considera mais rico que a biodiversidade. Associado a isto, ele fala que “a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas” permitindo àquela uma revanche ou vingança sobre esta última.

Hall (2006) recorda que tanto o liberalismo quanto o marxismo davam a entender que o apego ao local e ao particular seriam substituídos, gradualmente, por valores e identidades mais universalistas e cosmopolitas ou internacionais. Entretanto, a globalização, ainda na visão de Hall, não parece estar produzindo o triunfo do “global” nem do “local”. E mesmo alimentada, em muitos aspectos, pelo ocidente, “a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do ocidente” (Hall, 2006, p. 97).

Ele examina três possíveis consequências do aumento do alcance e ritmo da interação global, que acelerou os fluxos e os laços entre as nações:

- 1) A desintegração das identidades nacionais, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’;
- 2) O reforço das identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas pela resistência à globalização;
- 3) O declínio das novas identidades nacionais, substituídas, entretanto, por novas identidades - híbridas.

Ele prevê ainda uma outra possibilidade - a da tradução, conceito que descreve as formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, quando pessoas são dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas passam a negociar com as novas culturas, sem serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades, carregando os traços das culturas, tradições, linguagens e histórias particulares pelas quais foram marcadas.

Sobre a multiculturalidade, Hall (2008), p. 53 chama a atenção para o fato de que ela não é algo novo e existe bem antes da expansão europeia no século XV. Os impérios, produtos de conquista e dominação, a exemplo do grego, romano, islâmico, otomano e europeu foram todos multiétnicos e multiculturais. E os deslocamentos têm sido, ao longo da história, mais uma regra que uma exceção, o que produz sociedades étnica e culturalmente mistas. Sobre as razões para as pessoas se mudarem ele lista: desastres naturais, alterações

ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semiescravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico.

Em “Tapuio – Fotos e Histórias” pessoas com diferentes histórias, localizações e motivações estão reunidas em torno de uma origem comum que as une e as fazem pensar e repensar suas vivências com o lugar.

4.3 Percurso teórico metodológico

Os métodos presentes na realização deste trabalho foram a netnografia, entrevistas quali-quantitativas e pesquisa de recepção. A pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, descritiva e investigativa.

De acordo com Kozinetz (2014, p. 09 e 10)) a netnografia é "uma forma de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores". Ele delimita alguns requisitos necessários à compreensão e execução deste método:

- Tópico focal coletivo e intermediário - nem micro (individual) nem macro (social);
- Analisa as conexões que resultam das conexões na internet;
- A existência de um elemento comunicativo é necessária, independentemente do formato (escrito, visual ou audiovisual);
- Número suficiente de pessoas (mínimo e máximo) no grupo;
- Discussões públicas;
- Continuidade dos relacionamentos no grupo;
- Contato autêntico e sentimental entre os participantes;
- Existência de redes de relacionamentos interpessoais.

Amaral (2010) nos mostra três terminologias distintas para a pesquisa no ambiente virtual:

- a) Etnografia digital: criação de narrativas audiovisuais colaborativas, através de material coletado no uso constante das redes digitais;
- b) Webnografia: mais relacionado à pesquisa aplicada de marketing, com ênfase nas métricas e audiências, em especial nos ambientes de discussão;
- c) Ciberantropologia: estudo do comportamento humano nos ambientes conectados.

Autores como Hine (2000) também enfatizam a importância de abordar a netnografia com sensibilidade cultural, reconhecendo a diversidade de contextos online e evitando generalizações simplistas sobre as comunidades virtuais.

Uma atividade de recepção fotográfica realizada junto à pesquisa qualitativa é fundamentada na teoria dos estudos culturais, campo investigativo interdisciplinar, surgido na Inglaterra nos anos de 1960 que estuda as produções ou criações de significados e suas disseminações nas sociedades atuais. É uma teoria que muito contempla os objetivos deste trabalho.

Até a primeira metade do séc. XX a tradição vigente na pesquisa em comunicação era centrar a prática investigativa na figura do emissor. Os estudos culturais foram inovadores ao mudar este foco e ao incluir as manifestações populares no conceito de cultura, que antes era mais associado às práticas eruditas. Na América Latina a disseminação desta abordagem ocorre a partir dos anos de 1980.

Melo *et al.* (2021, p. 16), nos trazem uma definição didática dos preceitos da teoria, que é hoje um campo teórico de abrangência internacional e permeado pela multiplicidade teórica.

Os estudos culturais dentro da teoria da comunicação podem ser entendidos como aquela perspectiva que leva o olhar para as culturas, para a vida das pessoas, com interesse em descrever e analisar como o público interage com os meios. Foi (e ainda é) um projeto transdisciplinar que dialoga com o campo da psicologia, da antropologia, da filosofia, entre outros, mas, ao mesmo tempo, localiza-se na trilha das teorias da comunicação. As relações culturais estabelecidas por meio dos meios de comunicação passam a ser um dos objetos principais de estudo. Quem se aventura nessa empreitada teórico-política precisará trabalhar de maneira ampla, evitando reduzir a comunicação apenas aos aparelhos.

Três grandes conceitos são os de codificação e decodificação do sociólogo jamaicano/britânico Stuart Hall (1932 – 2014); mediações sociais do pesquisador espanhol/colombiano Jesús-Martín Barbero e a abordagem de consumo do filósofo argentino Néstor Canclini. Os dois primeiros centram suas atenções nas produções de sentido realizadas pelos sujeitos consumidores das informações, independentemente das intencionalidades existentes na figura do emissor; Canclini, igualmente, compartilha de uma visão mais centrada na base do processo, ao procurar romper com a ideia de um consumidor passivo.

Na teoria da codificação e decodificação etapas independentes (produção, circulação, consumo/distribuição e reprodução) participam da formação da mensagem e sua posterior compreensão. Hall considera também que fatores sociais, políticos e culturais podem alterar a

forma como o indivíduo interpreta o conteúdo, inexistindo a possibilidade de um erro receptivo, mas uma assimetria entre o que pretendeu o produtor (posição dominante) e o que foi decodificado pelo receptor.

Para Hall (2008, p.366):

[...]Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido - transformado de novo - em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum “sentido” é apreendido, não pode haver “consumo”. Se o sentido não é articulado em prática, ele não tem efeito.

Para Martín-Barbero (2000, p.155):

Há uma história pessoal, mas muito daquilo que escutamos, nossos gostos, nossas concepções do mundo, não são individuais, são coletivos. Tem a ver com a classe social, com o grupo familiar, tem a ver com a região da qual procede ou onde vive, elementos raciais, elementos étnicos, idade. Os jovens não ouvem rádio como ouvem os adultos. Eu penso que há uma maneira individual, mas essa maneira individual está impregnada, moldada, por uma série de dimensões culturais, que são coletivas.

Para Canclini (1999, p. 77):

O Consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos seus produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pela pesquisa de mercado.

Guilherme Orozco, mexicano, realizou suas pesquisas através do campo educacional - a educomunicação - e Nestór Garcia Canclini, argentino, optou por observar consumos culturais, em grandes centros urbanos, desenvolvendo o conceito de hibridismo cultural ou culturas híbridas, principalmente no contexto latino.

Lopes (2018) ressalta que não há uma definição única para *mediação*, sendo mais adequado o termo *mediações*. Ela lembra também que esta teoria se distingue da teoria da recepção por estender o seu alcance compreensivo ao inteiro processo da comunicação e lista um conjunto de princípios atribuídos por Martín-Barbero ao conceito de mediação:

- a) A comunicação hoje é uma questão de mediações mais do que de meios de comunicação;
- b) A mediação constitui uma perspectiva teórica compreensiva tanto dos processos de produção, do produto, como da recepção;
- c) Todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações

Os estudos culturais foram associados e aplicados até por volta dos anos 90 em maior parte no meio televisivo e jornalístico, mas são uma metodologia de grande adequação ao universo atual de pluralidade e convergência midiática.

Conforme ressalta Melo *et. al.* (2021, p. 19) o diferencial do legado deixado por Stuart Hall e Martín-Barbero, é a mudança de foco, dos meios, artefatos e aparelhos eletrônicos de comunicação para aqueles que estão em redor deles. Desta forma:

Se priorizarmos uma visão focada apenas no objeto, ou ainda se mantivermos uma concepção meramente instrumental dos meios, a teoria dos estudos culturais não nos ajudará. Isso porque ela está interessada nas relações simbólicas, nas dimensões profundas criadas pelos objetos, estes mesmos que entram em conflito, pois se faz pertinente questionar se o campo da comunicação teria limites e contornos nítidos.

Corroborando esta visão, Levy (1999, p. 87) fala de uma interação permanente em que:

[...]De fato, seria trivial mostrar que um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras e, sempre de forma diferente de seu vizinho. Além disso, como os satélites e o cabo dão acesso a centenas de canais diferentes conectados a um videocassete permitem a criação de uma videoteca e definem um dispositivo televisual evidentemente mais “interativo” que aquele da emissora única sem videocassete. A possibilidade de apropriação e de recombinação material da mensagem por seu receptor é um parâmetro fundamental para avaliar o grau de interatividade do produto. Encontramos esse parâmetro também em outras mídias.

Hall dividiu a recepção em três categorias de decodificação: dominante, oposicional e negociada:

- a) Dominante: onde predomina uma visão hegemônica, naturalizada como forma legítima e inevitável;
- b) Oposicional: caracterizada por interpretar a mensagem a partir de um outro modo de ver, uma visão de mundo contrária;
- c) Negociada: uma mesclagem entre os elementos de oposição e de adaptação, em que os valores dominantes se unem a argumentos de refutação do que é geralmente aceito.

O primeiro momento da redação deste trabalho foi no final segundo semestre do ano de 2021. Em uma atividade avaliativa da disciplina Imagens, Imaginários e Representações Midiáticas, ministrada pela professora Sílvia Belmino, orientadora desta pesquisa, foi produzido um artigo com as informações socioambientais e históricas da localidade de

Tapuio. Também fazia parte deste material algumas informações gerais sobre a região jaguaribana e sobre o grupo TFH.

Este material, posteriormente expandido e desmembrado, deu origem ao primeiro e partes do segundo capítulo desta produção.

Foi gratificante e envolvente nesta primeira etapa descobrir as conexões do lugar com o contexto histórico da região jaguaribana, tão representativa no processo de colonização cearense. Dois grandes exemplos destas conexões são o refúgio de nativos no lugar, no processo colonizatório e a construção da capela da comunidade nos primeiros anos do bispado, em Limoeiro do Norte.

Com a realização de mais algumas leituras, sobre comunidade virtuais e teoria fotográfica, foi possível realizar o trabalho de qualificação da pesquisa, no final de 2022, e os contornos do trabalho foram sendo delineados.

Uma outra etapa instigante foi a descrição do conteúdo da página. Esta medida vem sendo implementada desde as primeiras aulas do curso, para apresentar o trabalho em disciplinas epistemológicas e metodológicas da grade curricular ou em eventos acadêmicos. A princípio é uma tarefa que pode parecer fácil, por causa da atuação do autor como moderador do grupo TFH, mas esta moderação acontece de forma perene, nem sempre acompanhada de uma autoanálise; desta forma foi muito enriquecedor para o trabalho e para o grupo este processo de autoconhecimento.

A este conteúdo inicial foi acrescentado posteriormente o material de pesquisa netnográfica, que consiste na coleta de comentários existentes em fotografias de temas representativas no grupo como eventos e elementos do lugar e a própria atividade do grupo em si. Portanto, os resultados de pesquisa não se restringem aos depoimentos apresentados no quarto tópico deste capítulo, mas encontram-se distribuídos também em outras partes do trabalho.

O experimento final da pesquisa utilizou o método da entrevista qualitativa, acompanhada de um exercício de recepção fotográfica, com painéis temáticos construídos com fotos do grupo TFH. A amostra foi composta por seis sujeitos, quatro mulheres e dois homens, em aproximação à proporção encontrada no grupo, em que 64% dos membros são mulheres e 36% são homens. Os selecionados foram escolhidos pelo nível de interação na página e por particularidades em suas histórias de vida que representassem um diferencial

agregador. Dos seis, quatro são migrantes e dois vivem na comunidade ou mantém uma relação contínua com ela.

Os sujeitos falaram primeiramente sobre suas histórias pessoais e modo como conheceram e se relacionam com o grupo. Em seguida foram apresentados aos painéis e relataram as impressões obtidas através deles. Os painéis eram compostos por imagens de cinco categorias: anos 60 e 70, em preto e branco; anos 80 e 90, em cores; homenagens póstumas; ambiente natural e manifestações socioculturais do lugar.

A listagem e perfil dos entrevistados foram os seguintes:

Quadro 1 — Listagem e perfil dos depoentes

Nome	Idade	Residência	Gênero	Escolaridade
Iv	41	Tapuio	feminino	superior
M	43	Tabuleiro do Norte	feminino	médio
F	71	Fortaleza	masculino	fundamental
A	59	Uberaba – MG	feminino	médio
W	76	Rio de Janeiro – RJ	masculino	superior
Os	41	Budapeste (Hungria)	feminino	médio

Fonte: O autor (2023)

As entrevistas foram norteadas pelas seguintes questões:

Quadro 2 — Questões norteadoras da entrevista qualitativa

PERGUNTAS
1) Há quanto tempo você vive (ou quanto tempo viveu no Tapuio)? Nasceu no lugar ou veio de fora?
2) O que faz você permanecer (ou fez você migrar)?
3) O que você mais gosta da moradia no lugar (ou gostava quando vivia nele)?
4) O que você não gosta (ou não gostava)?
5) Como você tomou conhecimento do grupo “Tapuio - Fotos e História” e há quanto tempo você participa ?
6) O que você mais gosta de ver no grupo? E o que você não gosta muito?
7) Como você vê o Tapuio? O grupo mudou de alguma forma essa sua visão?
8) O que você acha que pode ser feito pelo desenvolvimento do lugar?
9) Você pretende continuar a viver (ou voltar a morar no lugar)?
10) Na sua opinião, qual a importância do grupo para os habitantes locais e para as pessoas que moram fora?

Fonte: O autor (2023)

Como a maior parte do corpus entrevistado é composto por indivíduos migrantes, que não poderiam ser ouvidos presencialmente, foi adotado o padrão de ouvir toda a amostra de forma virtual, via aplicativo *Google Meet*. Além de nivelar o método, isto também simplificou o processo de gravação das entrevistas.

O momento de recepção das imagens foi realizado de duas formas, uma qualitativa, onde o entrevistado deveria relatar as impressões e emoções transmitidas por cada categoria de imagens, com atribuição de palavras-chaves a cada painel, quando não haviam manifestações espontâneas. Depois foi realizado um exercício objetivo, onde, diante das cinco categorias, os sujeitos deveriam ordená-las de 01 a 5, de acordo com a sua ordem predileção por cada tema; em seguida deveriam optar entre os painéis 01 (anos 60 e 70) e 02 (anos 80 e 90) e entre o 04 (natureza) e 05 (manifestações socioculturais).

No painel 01 aparecem casais de idosos em três delas, pessoas solitárias em outras três, e grupos de pessoas nas três restantes:

Figura 46 — Painel 01: Anos 60 e 70



Fonte: elaboração própria a partir do acervo do grupo

No painel 02 aparecem pessoas em momentos de lazer. Três fotos retratam festas escolares, outras três mostram pessoas consumindo bebidas, uma outra uma festa junina, outra uma festa de aniversário e mais uma onde avô e netos posam diante de um carro-de-bois:

Figura 47 — Painei 02: Anos 80 e 90



Fonte: elaboração própria a partir do acervo do grupo

No painei 03, das homenagens póstumas, estão quatro fotos representam casais e outras cinco mostram pessoas sozinhas:

Figura 48 — Painei 03: Homenagens Póstumas



Fonte: elaboração própria a partir do acervo do grupo

No painei 04, do ambiente natural estão quatro fotografias da lagoa, duas fotos de fotos de lavouras, uma de foto uma estrada, outra de pôr-do-sol e mais uma de açude menor:

Figura 49 — Pannel 4: Ambiente natural



Fonte: elaboração própria a partir do acervo do grupo

No painel 05, das manifestações socioculturais, estão presentes três fotos da capela de São José, duas da fachada e uma do interior, durante uma missa; duas da capela de Nossa Senhora do Carmo, outra de uma reunião comunitária, mais de uma procissão e também uma de um banner religioso:

Figura 50 — Pannel 5: Manifestações socioculturais



Fonte: elaboração própria a partir do acervo do grupo

Para Martino, (1992, p. 17):

A informação é uma comunicação que pode ser ativada a qualquer momento, desde que outra consciência (ou aquela mesma que codificou a mensagem) venha resgatar, quer dizer, ler, ouvir, assistir... enfim decodificar ou interpretar aqueles traços materiais de forma a reconstituir a mensagem. Em outras palavras, a informação é o rastro que uma consciência deixa sobre um suporte material de modo que uma outra consciência possa resgatar, recuperar, então simular, o estado em que se encontrava a primeira consciência.

Desta forma, uma imagem ou um agrupamento delas são um meio comunicativo de potencial inesgotável, que pode ser acionado e interpretado de diversos modos, a cada vez que alguém lhe dirige o olhar.

A respeito do relativismo e fragilidade da oralidade como fonte de pesquisa Polak (1992, p. 207) afirma que:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.

Partindo deste pressuposto, uma desvantagem possível entre as fontes oral e escrita de pesquisa seria talvez a ausência de transcrição da primeira, mas, estando ela registrada de modo fidedigno, sua validade é comparável à das fontes escritas, já que elas são também passíveis de crítica e contestação.

Sobre a utilização da fotografia como meio comunicativo, Hoffman (2011, p. 210) nos lembra e adverte que:

Os entrevistados, por intermédio da imagem, narram suas experiências de acordo com seus filtros culturais, seu caleidoscópio, criado a partir de suas experiências pessoais, destacando aquilo que para eles tem importância e significado. Dessa maneira, as narrativas de memórias individuais são também construções que acarretam em interpretações seletivas do passado, que trazem implícitas as relações do indivíduo em seu contexto familiar e social. Assim como, por meio da desconstrução da imagem fotográfica, é possível analisar suas relações internas e sua circulação enquanto artefato, por meio de microrrelatos é possível analisar e compreender as relações dos indivíduos comuns dentro de seu grupo, o que permite um entendimento mais profundo de determinado momento histórico.

Neste excerto encontramos a grande essência motivadora deste trabalho de pesquisa: a reflexão sobre a forma como o consumo das imagens relacionadas ao lugar faz os sujeitos revisitarem as vivências que possuem com este lugar, ao longo de suas histórias de vida.

Os depoimentos serão compreendidos também à luz da teoria da percepção ambiental, abordagem da geografia humanística elaborada pelo geógrafo cultural Y-Fu Thuan, de origem chinesa e radicação norte-americana. Thuan concentra sua visão na forma como os seres humanos percebem e interpretam o ambiente ao seu redor e sua teoria contribuiu significativamente para o entendimento das relações entre as pessoas e o espaço que as cerca.

No entendimento de Thuan (1980, p. 68):

Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Em nenhum dos casos é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente físico. Os conceitos "cultura" e "meio ambiente" se superpõem do mesmo modo que os conceitos "homem" e "natureza". No entanto, inicialmente, é conveniente discuti-los separadamente.

Uma pessoa não se resume ao seu momento presente, mas é composta por todas as experiências que ela acumulou e que estão em constante processo de consolidação ou redefinição. Por tudo isto, foi impossível investigar o consumo dos indivíduos, sem indagar sobre suas constituições e histórias de vida.

Pereira e Fernandes (2011) destacam que Thuan constrói seu raciocínio articulando três dimensões da vivência humana:

- I. Dimensão biológica (físico-natural);
- II. Dimensão cultural (sociocultural);
- III. Dimensão humanística (humana-espiritual).

Principais pontos da teoria da percepção ambiental de Y-Fu Thuan:

1. Papel da Experiência Pessoal: a importância da experiência pessoal na forma como percebemos o ambiente. Ele argumenta que nossas experiências individuais, memórias e emoções influenciam profundamente a maneira como interpretamos e nos relacionamos com o espaço ao nosso redor.
2. Topofilia e Topofobia: Topofilia refere-se ao apego afetivo e emocional por lugares específicos, muitas vezes associados a memórias positivas e experiências gratificantes. Topofobia, por outro lado, descreve a aversão ou medo em relação a determinados lugares, frequentemente associados a experiências negativas ou traumáticas.
3. Significado Cultural do Espaço: o espaço adquire significado cultural através da interação contínua entre as pessoas e o ambiente. Lugares tornam-se simbólicos e carregados de significado através das atividades humanas, rituais e narrativas que ocorrem neles.
4. Percepção Multissensorial: a percepção do ambiente não se limita apenas à visão, mas envolve todos os sentidos. Sons, cheiros, texturas e outros estímulos sensoriais contribuem para a nossa compreensão e apreciação do espaço.
5. Espaço Vivido e Espaço Concebido: Thuan distingue entre "espaço vivido" (espaço físico onde vivemos e experimentamos) e "espaço concebido" (a forma como

concebemos, imaginamos ou representamos mentalmente o espaço). Ele argumenta que essas duas perspectivas muitas vezes podem ser diferentes e podem afetar nossa relação com o ambiente.

6. Mudança e Percepção: Thuan também considera como a percepção do ambiente pode ser influenciada por mudanças ao longo do tempo. Transformações no ambiente natural ou construído podem alterar nossa percepção e conexão emocional com um determinado lugar.

A teoria da percepção ambiental é valiosa para entendermos como as pessoas atribuem significado ao espaço e como essas percepções moldam nossas interações com o ambiente. Ela destaca a importância de considerar a dimensão emocional e subjetiva na análise geográfica e no planejamento do espaço urbano e rural.

4.4 Depoimentos

4.4.1 Iv - 40 anos - Tapuío

Foi selecionada por sua fixação no lugar. É licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará, campus de Limoeiro do Norte, casada desde 2006 e mãe de 04 filhos. Sua mãe, falecida em 2021, dedicou a vida à sabedoria da cura pelas orações e plantas; era rezadeira de males inflamatórios em adultos e problemas diversos em crianças. Seu pai faleceu apenas um ano depois de sua mãe, os dois de câncer.

Ao longo de sua vida Iv viveu apenas um ano fora do Tapuío, durante o período do Ensino Médio. Questionada sobre sua permanência no lugar ela relata que sempre gostou do ambiente campesino e que nunca almejou morar em um grande centro urbano. Se um dia tiver que ir talvez seja pela continuidade dos estudos dos filhos. Sente-se motivada a dar continuidade ao legado deixado pelos pais.

Lecionou por dez anos, mas com o nascimento da terceira filha decidiu se dedicar a ela e depois teve que se dedicar à saúde dos pais. Apesar de as escolas locais estarem desativadas, ainda pretende voltar a lecionar, embora parcialmente, por uma questão de realização pessoal, já que o diploma encontra-se engavetado, como define.

Sobre os pontos negativos do lugar aponta apenas a falta de trabalho formal. Na possibilidade de uma saída pretende continuar a vir nos fins de semana, por conta da tranquilidade e por considerar um ambiente ideal para criar os filhos.

Fica um pouco apreensiva com relação às gerações mais jovens, *"que não se prendem muito às raízes, possuem uma perspectiva de crescer, ir embora, morar fora, trabalhar fora, um dia irão embora para trabalhar e estudar,"* aí pensa *"O que será do futuro aqui, quando as pessoas mais velhas se forem e ficar só a nação mais jovem, será que vão permanecer aqui, será que vão sair do lugar ou ficar alguns ? Eu acho que para melhorar deveria ter um investimento nos jovens da comunidade, um desenvolvimento das formas de trabalho,"* opina.

Sobre o grupo, é membra desde 12 de dezembro de 2012, adicionada por Raerte Sousa, no mesmo dia da criação da página, portanto. Gosta de todos os conteúdos.

No primeiro grupo de imagens reparou nas tradições que são diferentes das atuais. Observou também as vestimentas, transportes e que as imagens *"de certa forma nos levam ao passado."* Atribuiu ao painel as palavras simplicidade, sossego e *"que era um período mais difícil"*.

No segundo grupo observou que *"ainda é muito diferente com relação ao agora"*. Detendo-se inicialmente em uma foto que retratava uma festinha escolar, destacou a palavra conhecimento e depois diversão e amizade.

No terceiro grupo (homenagens póstumas) opinou que é muito interessante, *"porque muitas pessoas contribuíram para o crescimento e desenvolvimento da comunidade, mas as pessoas hoje, às vezes, nem sabem e quando é feita essa homenagem, de certa forma, é lembrada, então é interessante essa homenagem"*. Sugeriu também que fossem feitas homenagens às pessoas em vida. Atribuiu ao painel as palavras saudade, momentos, por causa da vida como uma passagem, e memórias.

No quarto grupo (ambiente natural do lugar), atribuiu as palavras paz, com relação à natureza, harmonia e vida. Lamentou o esvaziamento da fauna nativa local, onde, na sua infância, era comum ver espécies como o tejo e preá no quintal de casa e hoje não mais. Fez o seu trabalho de conclusão de curso, na graduação, sobre o meio ambiente da comunidade, onde constatou o acúmulo de lixo em córregos e nas margens do açude público da comunidade.

No quinto grupo (manifestações socioculturais) atribuiu as palavras cultura, desenvolvimento e participação. Observou que antes essa participação era bem maior, como na época de sua infância, em que a igreja fica cheia nas novenas. Na associação também. Acha que os jovens atuais não tem mais engajamento de participar dos projetos da

comunitários como antes, a exemplo dos grupos juninos, que não são mais constituídos. E observa as procissões também tinham bem mais público no passado.

Confrontada com as cinco imagens selecionou em primeiro lugar a da natureza (painel 4), depois a das homenagens póstumas (painel 3), em terceiro a das fotos mais antigas (painel 1), em seguida a do passado intermediário (painel 2) e sem seguida a da cultura (painel 5).

Entre passado mais antigo e o intermediário, optou pelo mais atual, por ter sido a época em que viveu e tem lembranças.

Entre os elementos socioculturais e os naturais, escolheu os naturais.

4.4.2 M - 43 anos - Tapuio/Tabuleiro do Norte

Foi selecionada por sua militância social na comunidade e também por sua posição no entre-lugares, alternando-se entre a cidade de Tabuleiro do Norte nos dias úteis e o Tapuio nos fins de semana. Na segunda metade dos anos 90 atuou como organizadora de uma quadrilha junina na comunidade e atualmente auxilia nas atividades religiosas da capela.

Viveu na comunidade até o ano de 2003, quando foi trabalhar numa casa de família, em Tabuleiro, sucedendo uma cunhada que teve a primeira filha e abriu mão deste trabalho. Em 2006 prestou concurso público para a prefeitura do município e foi admitida em 2008.

Da vivência no lugar recorda e lamenta a escassez de água. Mas opina que, apesar das condições mais humildes da época de sua adolescência, tudo era mais animado e tranquilo, sem tanta maldade como hoje.

Fez parte das primeiras turmas de tele ensino no lugar, nos anos 90, com as tele aulas transmitidas pela TV CEARÀ. Concluiu os anos finais do hoje denominado ensino fundamental desta forma, entre 1994 e 1997. Foi no passeio de conclusão de curso da sua turma de 8º série, para a praia de Majorlândia, em Aracati, que viu pela primeira vez o mar.

Com relação ao grupo foi adicionada por uma prima em 25 de março de 2013. Confessa que apenas observa e não interage muito. Gosta de descobrir coisas novas com as fotos e as histórias, principalmente os laços parentais. Fica impactada com os comunicados de falecimentos, "*a notícia em tempo real*", como define, mas acha importante. Parabeniza pela iniciativa do grupo, que classifica como gratificante, um exemplo de bom uso da internet.

A alternância maior entre o lugar e a cidade, onde reside, veio após o falecimento do seu pai, 2011. Com isso ela teve que prestar uma assistência maior à sua mãe e pôde também dedicar-se às atividades da capela local, principalmente quando ela passou para o domínio da

paróquia de São João do Jaguaribe, em 2013, com a necessidade de direcionamentos locais da comunidade rumo àquele centro urbano.

No primeiro grupo das imagens (anos 60 e 70) relatou curiosidade quanto ao modo de vida da época. Observou alegria no rosto das pessoas, calor humano. Vivendo em uma época em que é tão popular o hábito das *selfies*, os famosos *closes* da própria face, destacou o fato de os registros desta época reunirem tantas pessoas.

No segundo painel (anos 80 e 90) ressaltou o divertimento, o prazer do momento, em contraponto com a anterior que se assemelhava mais com uma documentação histórica.

Nas homenagens póstumas, ela que perdeu o pai por um infarto fulminante usou as expressões "*aperto no peito*", "*coração apertado*", "*saudade*", "*saber que essas pessoas contribuíram muito para a nossa história.*"

No ambiente natural classificou como "*muito bonito, o nosso retrato, da nossa gente*". Destacou a foto do sangradouro do açude que, juntamente com a igreja, são, na sua opinião os cartões postais do lugar.

Na parte das manifestações socioculturais falou que é um tipo de postagem "*que faz o coração bater mais forte, como se a gente não deixasse as antigas tradições morrerem*". Lembrou a frase de um padre que diz que um templo católico não deve ser mantido fechado, depois de construído deve ser mantido aberto e a comunidade vem procurando fazer isso. Na medida em que a comunidade vai evoluindo e lutando, isso é, na opinião dela, muito gratificante, embora nem sempre possa participar das militâncias e só usufrua da parte festiva, por só estar na comunidade nos finais de semana.

Sobre o futuro do lugar, acha que está passando por uma transição muito difícil por causa do envelhecimento da população, mas pensa que é preciso ter esperança, "*rezar para que outras pessoas, outros jovens comecem a se engajar nesses movimentos de alavancar nossa comunidade, não só na religiosidade, mas na cultura!*"

Nas cinco imagens optou em primeiro lugar pelas manifestações socioculturais, depois o ambiente natural, em seguida os anos 80/90, em quarto os anos 60 e 70 e por último as homenagens póstumas.

Entre o passado mais antigo e o intermediário optou pelo mais antigo, optou por este último, utilizando a metáfora de uma luz na escuridão, Para o primeiro falou que esta um olho fechado que se abriu, referindo-se ao ativar das memórias.

Entre os aspectos socioculturais e os naturais, optou pelos simbólicos. "*Os naturais são uma obra prima de Deus, mas os culturais precisam do nosso pé no chão para fazê-los.*"

4.4.3 F - 71 anos - Fortaleza

Foi selecionando por sua presente interação na página e por sua representatividade como filho de dois grandes benfeitores do lugar. Seus pais atuaram na militância para a construção da capela e do cemitério e também na reivindicação por melhorias para a comunidade. Sua mãe foi dirigente nas celebrações por longos anos e presidiu também um clube de mães. O primeiro grupo escolar da comunidade, hoje desativado e servindo de sede para a associação comunitária e posto de saúde, foi batizado com o nome de seu avô paterno.

F informa que viveu no Tapuio até 1970, ano em que fez 18 anos e foi para São Paulo trabalhar. Por lá permaneceu até o início de 1974, quando retornou ao Ceará. Em 1976 casou, depois morou em outros estados trabalhando em obras de engenharia e a partir de 1979 passou a residir em Fortaleza. Aposentou-se na função de motorista de ônibus e a esposa dedicou-se a estabelecimento comercial próprio, do ramo de calçado e vestuário. Tiveram um casal de filhos, que hoje são casados e já lhes deram netos.

Da convivência no lugar queixa-se apenas da seca, o restante define como "*tudo beleza*". Acrescenta que, se lhe fosse facultado escolher, optaria novamente por nascer no Tapuio e com os mesmos pais.

É membro do grupo desde agosto de 2016, adicionado por uma parente. Gosta de tudo que é postado, com realce para as fotos da época de sua infância e dos antepassados. "*Você vai buscar coisas que eu já nem lembrava mais,*" informa.

Sobre o futuro do lugar acha "*que falta alguém que se interessasse, algum político...*", menciona o assoreamento do açude.

Na recepção das fotos, no primeiro painel (anos 60 e 70), teve sua atenção voltada para um jovem amigo, já falecido, ao lado de um caminhão recém adquirido. Atribuiu a palavra saudade e destacou uma outra foto em que aparecem antigos caminhões no Posto Mundial, vizinho ao Tapuio, informando que sempre gostou de caminhões e ia com frequência a este posto para observá-los.

No segundo painel (anos 80 e 90) destacou uma foto em que aparece um carro-de-bois, mostrando mais uma vez a sua predileção por meios de transportes.

No terceiro painel, o dos antepassados e homenagens póstumas, falou que acha importante a homenagem "*aos que já se foram e não voltam mais.*"

No quarto painel - do ambiente natural - falou que é algo que sem dúvida gosta de visualizar.

No quinto, falou que as manifestações socioculturais são importantes para o desenvolvimento do lugar.

Diante das cinco categorias escolheu os anos 60 e 70 em primeiro lugar, depois as homenagens póstumas; manifestações socioculturais; natureza e, por último, os anos 80 e 90.

Entre os anos 60/70 e 80/90, optou pelo primeiro grupo, que definiu como "*os anos de ouro do nosso país.*"

E entre as manifestações socioculturais e o ambiente natural, optou pelo primeiro painel.

Sobre sua relação atual com o lugar confessou que gostaria de visitá-lo mais, porém, para prestar suporte à filha, que mora no mesmo bairro, prefere permanecer em Fortaleza. "*Se pudesse estar lá e cá eu estaria, eu gosto demais daí, o lugar em que eu nasci e fui criado*", afirma.

O filho reside no exterior, com a família.

4.4.4 A - 59 anos - Uberaba/MG

Foi selecionada pelo seus posicionamentos crítico-sociais e pela participação da sua família na vida social e cultural do lugar. Seu pai também militou por melhorias para a comunidade, foi comerciante por muitos anos, promotor de animados forrós e construtor da capela em adoração a Nossa Senhora do Carmo, cuja festa ainda é celebrada nos dias atuais. Também foi visionário e pioneiro na educação dos filhos, numa época em que o ensino primário era o único nível de instrução disponível localmente.

A relata que nasceu em 1964. Estudou no Tapuio até a 3º série do ensino primário e na série seguinte estuda no Mundial, a localidade vizinha, já que no Tapuio só tinha até a terceira. A mestra era de São João do Jaguaribe e hospedava-se durante a semana na casa de uma tia sua, retornando à cidade nos finais de semana. A partir da 5º série foi mandada para estudar em Limoeiro do Norte, sendo matriculada no Patronato São Vicente de Paulo, uma escola particular, à época mantida por freiras, ainda existente na cidade, hoje sem vinculação religiosa.

Em 1986 concluiu o então segundo grau na escola estadual Lauro Rebouças de Oliveira, ainda em Limoeiro. Elogia o nível cultural e engajamento político dos estudantes da cidade e do país em geral, no período.

Ao concluir esta etapa do ensino migrou para Porto Velho, em Rondônia, que na época era um estado recém-formado e promissor. Fala que muitos colegas de sua turma fizeram o mesmo, aí *"uns foram levando os outros."* *"Uma viagem de sete dias, de ônibus."* Trabalhava em uma seguradora e às vezes, nos finais de semana, prestava expediente na redação de um jornal, para ganhar um dinheiro extra. Em 1988 foi transferida para Salvador, onde permaneceu um ano e meio. Retornou depois para Rondônia, para trabalhar numa outra empresa, mas decidiu voltar para Salvador, para trabalhar na empresa anterior.

No ano de 1990 engravidou e veio ter o filho em Limoeiro do Norte, permanecendo até o ano 2000. Foi a Porto Velho, depois Cuiabá, esteve novamente em Salvador e no mesmo ano 2000 fixou-se em Uberaba, onde vive até hoje e considera uma cidade ideal. Lá teve uma outra filha, que hoje cursa medicina, juntamente com irmão mais velho, que já é graduado em Farmácia e trabalha como perito criminal.

Ressalta a importância do suporte dos pais na educação e sucesso dos filhos. Destaca também que encorajará-los a ser profissionais éticos e comprometidos com um bom desempenho profissional, em vez do lucro em primeiro plano.

Do Tapuio menciona a paisagem do reflexo da lua na lagoa cheia, *"a água correndo naquele córrego, os sapos coaxando, não tem como esquecer aquilo ali."* Informa também que trabalhou na agricultura com o pai e que gostava. Se voltasse a morar no Tapuio, *"ia mostrar que era possível ter horta ali."* Lembra uma frase da mãe que dizia que (se uma planta) *"morre de um lado eu planto do outro"*. Acharia interessante também festejos relacionados às colheitas típicas do lugar, como o feijão, caju, mandioca e outros.

Por outro lado, reconhece que a sua visão é a ótica de quem está distante do problema e que quem permanece pode se render ao acômodo. Analisa que o que falta à comunidade ainda é a água.

Escreve contos ambientados no Tapuio e imediações, a partir de histórias reais que ouvia de sua mãe e se compromete a compartilhar alguns no grupo TFH.

Relata influência do poeta Acelino Vicente em sua formação. Por morar próximo a ele, no Tapuio, afirma que conversavam bastante e ela se emocionava ou se divertia com seus versos.

No primeiro grupo de imagens (anos 60 e 70) sentiu-se atraída por algumas que retratavam caminhões no pátio do posto Mundial, por lembrar os retirantes em paus-de-arara e do antigo deslocamento de Limoeiro à cidade de Mossoró/RN, em um veículo semelhante, denominado localmente de Misto. *"São boas lembranças desse povo que são os fundadores do Tapuio."* Destacou também uma foto onde aparecem muitas pessoas reunidas.

No segundo grupo (anos 80/90), destacou a foto de um carro-de-bois. Apesar de não conhecer ninguém, relatou que é muito bacana, as pessoas jovens que estão dando seguimento a história.

Na parte das homenagens póstumas relatou ser importantes porque *"são pessoas dali, que contribuíram, cada uma à sua forma, quer seja deixando uma família constituída, que depois fez algo pela comunidade ou que depois fez algo que passou para alguém, pra essa geração, que teve alguma serventia, uma história."* *"Tem que ser postado sim, porque essas pessoas contribuíram, foram a base."*

No grupo das imagens naturais achou uma inspiração para os governantes, a beleza da água dando vida ao lugar. *"Quando não tem concreto, observa-se melhor a paisagem em volta."*

Na parte das manifestações socioculturais opinou que *"acha bacana"* a religiosidade estar sendo mantida. Lembrou que um dia contestou a religião, mas citando Piaget, que diz que as coisas não estão fechadas e sim devem estar abertas, ela afirma que hoje reconsidera e acha, inclusive, uma coisa primordial para a humanidade. *"Para as pessoas mais humildes a religião é uma fonte de vínculo social, ver pessoas..."*, opina. Pondera que ela *guia* as pessoas, mas deve ser mantida e os recursos arrecadados devem ser adequadamente mantidos.

Diante dos cinco grupos optou primeiro, o das fotos mais antigas. Depois escolheu o da natureza, em seguida as manifestações socioculturais e em seguida as homenagens póstumas. Por último optou pelo passado mais recente.

Entre o passado mais antigo (anos 60 e 70) e o passado mais recente (anos 80 e 90), optou por este segundo, *"para entregar a contribuição agora para os jovens, para eles darem seguimento."*

Entre as manifestações socioculturais e a natureza, optou pela natureza.

Encerra afirmando que no momento está ausente do lugar mas não descarta a possibilidade de uma volta, até mesmo para usufruir da casa dos pais, que é preservada. O lugar está na sua memória e gostaria que quem ficasse lá preservasse. *"O lugar só morre se a*

água não chegar, se água chegasse eu tenho certeza que muita gente voltava, porque trazia vida!"

4.4.5 W - 76 anos - Rio de Janeiro

Foi escolhido também por sua constante interação na página e por suas demonstrações de apreço e preocupação com o futuro do lugar. Seus avós maternos, de confissão presbítera, são expoentes iniciais do protestantismo no lugar.

W não nasceu no Tapuio, foi criado no então distrito de São João do Jaguaribe, terra de seu pai. Mas sua mãe era do Tapuio e ele informa que viveu intensamente o período de sua infância no lugar, até os 10 anos de idade.

Recordou a escassez hídrica, em uma época em que ainda não existia o *"açude grande"*. Situou a sua construção no início dos anos de 1950, ano de 52 ou 53, onde os trabalhadores recebiam do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, uma pequena cesta básica composta por carne-de-sol, rapadura e feijão do tipo fava. *"Foi uma obra de cassacos, construída com carroças, sem máquinas, mas ficou um açude muito bom"*, relembra.

Aos 10 anos foi então levado por um tio para viver na capital fluminense. Nessa permanência inicial ficou três anos na cidade e, voltando ao Ceará, estudou no Colégio Diocesano Padre Anchieta, em Limoeiro do Norte. Dois anos depois volta a viver novamente no Rio de Janeiro, em definitivo, passando dez anos sem visitar ao Ceará; já era casado quando voltou ao estado.

Graduou-se em Direito e fez carreira na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e afirma sempre ter acompanhado as questões de escassez hídrica do Nordeste.

Hoje lamenta a ruína da casa seu avô, no Tapuio. Cogita a hipótese de reconstruí-la, mas lembra que ela ficaria novamente sem uso e poderia voltar a ruir.

Sobre o grupo, diz que *"É de suma importância no aspecto social, porque registra a presença da comunidade, daquele povo que se dedicou aquele universo iminente agrícola, de grande importância para o país, que vivia do produto da terra. É enfático em dizer que "O Tapuio não morreu, cidades do Ceará já umas duas morreram, mas o Tapuio ficou, graças às pessoas oriundas das famílias pioneiras". " Se não tivéssemos saído, impelidos pela necessidade de trabalhar, estaria bem mais povoado, mas precisamos sair e*

isto representa um sacrifício de suor e lágrimas, então para nós o ideal não se realizou que é nascer, viver e morrer na terra onde nasceu."

No primeiro grupo de imagens (anos 60 e 70) falou que são *"uma viva lembrança", "saudade de um tempo que se foi"*.

No segundo grupo (anos 80 e 90) preferiu não opinar, por ser de gerações posteriores às suas, das quais ele não sabe bem de quem se trata, embora com certeza sejam parentes.

Com relação ao painel dos antepassados e homenagens póstumas definiu como *"importante", "nascer, viver e morrer, é importante relatar."*

Sobre o ambiente do lugar: *"Isso aí é dez, rapaz, isso nota dez, é o máximo, isso é ótimo, é tudo que eu gosto!"*. Gostou de ver a foto do açude sangrando e as pedras expostas do curso do sangradouro, onde ele banhava-se na infância, com os amigos.

Nas manifestações socioculturais definiu também como muito importantes, *"de suma importância a religiosidade do nosso povo e da nossa comunidade, é tudo que queremos ver. E eu acompanho, não pense que eu não acompanho porque eu vejo tudo que você posta lá no grupo, as festinhas..."*

Diante dos cinco grupos, escolheu primeiro as fotos mais antigas (anos 60 e 70). *"Eu sou religioso, sou católico, mas eu prefiro o das nossas famílias."* Depois escolheu as manifestações socioculturais, natureza, homenagens póstumas e por último a das memórias mais recentes (anos 80 e 90).

Entre os aspectos socioculturais e naturais, não se posicionou por nenhum.

4.4.6 Os - 40 anos - Budapeste/Hungria

Foi selecionada por ser uma migrante internacional. Nasceu no ano de 1983 e viveu no Tapuío até o final de 1999, quando migrou para Fortaleza em busca de melhores condições de vida. De lá foi para a Alemanha em 2004, depois para a Itália e, a partir de 2005 passou a viver em Budapeste, na Hungria, onde tem hoje dois filhos.

Considera que, apesar das condições humildes em que vivia, foi feliz no Tapuío. Na infância ela caminhava entre dois e três quilômetros, para estudar, mas, apesar disto, não era de faltar às aulas. Os pais ainda vivem na comunidade, porém são divorciados. Ela é a caçula de uma prole de cinco filhos, o único homem já falecido. Duas de suas irmãs também migraram, uma vivendo hoje em Fortaleza e outra no Rio de Janeiro. A irmã mais velha reside localmente, em Tabuleiro do Norte.

Está presente no grupo desde 05 de dezembro de 2012, tendo sido adicionada por Raerte Lima, nos primeiros dias da criação da página, portanto. Sempre procura acessar novas postagens do grupo, para encontrar registros da sua infância e mostrar para os amigos europeus. Relata emoção especial ao ver as notícias das pessoas que falecem, por que, estando longe, nunca pode se despedir.

Não tem planos de voltar a viver no Brasil, principalmente por causa das condições de saúde e segurança, que considera excelentes no país em que vive. *"Não conseguiria mais viver no Brasil com esta sensação constante de ser assaltada, aqui eu possa sair a qualquer hora do dia ou da noite"*, relata.

Fala diariamente com a mãe, principalmente para apresentá-la à filha mais nova, atualmente com três anos.

Considera importante a atuação do grupo, por que mantém os migrantes informados sobre as notícias, falecimentos e cultura.

Não soube opinar sobre a situação nem o futuro do lugar já que não visita há mais de uma década. Está pretendendo vir em breve.

Diante do primeiro painel de fotos (anos 60 e 70) revelou um sentimento de nostalgia ao relatar que era um passado que ela não viveu, mas gostaria de ter vivido. Sobre o segundo grupo (anos 80 e 90), revelou sentir saudade, uma volta ao passado, de um tempo em que curtia, era livre e não tinha medo de sair de casa. *"Era muito bom,"* relata. No terceiro grupo (homenagens póstumas) sentiu-se tocada ao ver a foto de um vizinho já falecido. Relatou tristeza e mencionou novamente a impossibilidade da última despedida, quando alguém falece. No quinto grupo (ambiente natural) utilizou as expressões *"maravilha"*, *"coisa mais linda do mundo"*, *"lagoa cheia, muita fartura, tudo muito verde, muito bonito, é maravilhoso"*. No sexto grupo - manifestações socioculturais - comemorou a reforma da igreja, que era mais simples quando ela saiu do lugar, elogiou a mobilização e ajuda mútua da comunidade.

Ao ser apresentada à totalidade das imagens, optou em primeiro lugar pela parte sociocultural, por que gosta muito de ajudar o próximo. Informou que procura realizar isso no país em que vive e que com certeza estaria fazendo o mesmo, se vivesse no Brasil. Em segundo lugar pelo ambiente natural, em terceiro com o passado mais remoto (anos 60 e 70), que não vivenciou mas considera que foi *"uma época maravilhosa"*. Em quarto lugar,

escolheu os entes ausentes e em quinto as imagens que representam o passado da sua geração (anos 80 e 90), uma época em que diz "*que era feliz e não sabia*".

Entre os 60 /70 e 80/90 ela optou pelo primeiro grupo.

E entre os grupos das imagens naturais e socioculturais ela escolheu o segundo grupo, por gostar muito de estar em meio às pessoas.

4.5 Resumo das entrevistas

Quadro 3 — Resumo da recepção fotográfica dos entrevistados

NOME	ORDEM GERAL DE PREFERÊNCIA	ANOS 60/70 X 80/90	NATUREZA X CULTURA
Iv	4, 3, 1, 2, 5 (natureza, póstumas, 60/70, 80/90, sociedade)	80/90	natureza
M	5, 4, 2, 1, 3 (sociedade, natureza, 80/90, 60/70, póstumas)	60/70	sociedade
F	1,3,5,4,2 (60/70, póstumas, sociedade, natureza, 80/90)	60/70	sociedade
A	1, 4, 5, 3, 2 (60/70, natureza, sociedade, póstumas, 80/90)	80/90	natureza
W	1, 5, 4, 3, 2 (60/70, sociedade, natureza, póstumas e 80/90)	60/70	-
Os	5, 4, 1, 3, 2 (sociedade, natureza, 60/70, póstumas, 80/90)	60/70	sociedade

Fonte: O autor (2023)

Conforme vemos na síntese acima, os anos 60 e 70 ficaram em primeiro lugar na preferência geral dos entrevistados qualitativos, com três escolhas, seguidos dos aspectos naturais, com duas opções, deixando os aspectos naturais em terceiro, com apenas uma escolha. Quanto aos itens que eles deixaram em último na classificação das cinco categorias estão os anos 80 e 90, com quatro opções e e as homenagens póstumas e os aspectos naturais empatados com uma opção, cada um.

Apresentados apenas às temporalidades quatro depoentes optaram pelos anos 60 e 70 e dois pelas décadas de 80 e 90.

Já nos aspectos naturais e socioculturais, dois entrevistados optaram pelo primeiro grupo, três pelo segundo e uma pessoa não se manifestou.

Nas falas dos entrevistados qualitativos, prevaleceu, portanto, os anos 60 e 70 e os aspectos socioculturais do lugar como temáticas prediletas.

Como a finalidade dos depoimentos é qualitativa e sua amostra é pequena para fins estatístico, as mesmas questões foram aplicadas em um formulário padrão e postadas no grupo para contemplar um universo maior. As informações referentes as interações com página já forma dispostas no tópico 3.2 deste trabalho e os dados referentes ao consumo fotográfico serão apresentados a seguir. O formulário contou com a adesão de 30 sujeitos, 66,7% do gênero feminino e 33,3% do gênero masculino, uma proporção que se revela fiel a esse mesmo dado encontrado nas definições da página.

No tocante à predileção temática, observou-se no somatório das respostas um predomínio das homenagens póstumas na preferência dos entrevistados, com 30% das escolhas; em seguida vem os aspectos socioculturais, com 28%; anos 80 e 90, com 17%; ambiente natural com 15% e anos 60 e 70 com 10%, conforme vemos no gráfico abaixo.

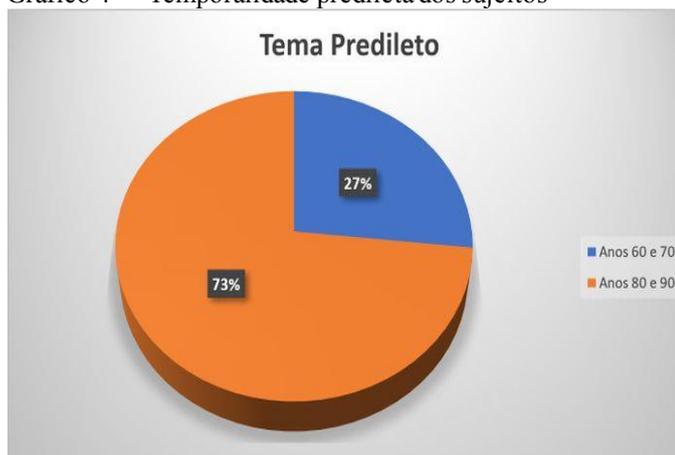
Gráfico 3 — Preferência temática geral dos sujeitos



Fonte: Formulários Google (2023)

O quadro muda um pouco quando os anos 80 e 90 ficam em terceiro lugar, antes dos aspectos naturais, e os anos 60 e 70, as fotografias mais antigas do grupo, ficam em última posição no pódio.

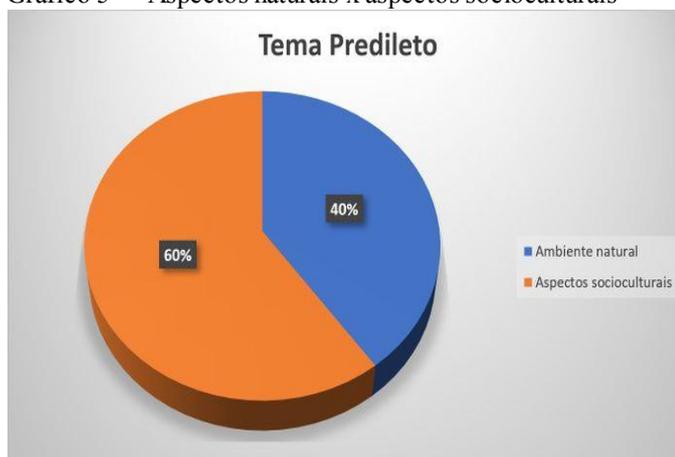
Gráfico 4 — Temporalidade predileta dos sujeitos



Fonte: Formulários Google (2023)

Quando foram apresentados apenas às temporalidades 73% dos sujeitos optaram pelos anos 80 e 90 e 27% aos anos 60 e 70%, revelando mais uma vez a predileção pelo passado mais recente, entre os dois recortes trabalhados.

Gráfico 5 — Aspectos naturais x aspectos socioculturais



Fonte: Formulários Google (2023)

Confrontados entre o ambiente e a sociedade do lugar os entrevistados optaram em maioria por esta última, com 60%.

Na análise geral da preferência temática dos entrevistados quantitativos prevaleceu, portanto, as homenagens póstumas, anos 80 e 90 e aspectos socioculturais no consumo fotográfico da página.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento teórico e empírico em torno do grupo “Tapuio – Fotos e História” afirmou a sua importância tanto para o público envolvido como para o entendimento das comunidades virtuais como elemento antropológico e social. Vidas são impactadas por uma convergência virtual em torno de uma origem comum e faz todos refletirem sobre os rumos que tomaram e o que querem decidir para as próprias vidas e o destino da localidade em que nasceram.

A importância desta iniciativa passa também pela mobilização potencial que reside na atividade do grupo, o que pôde ser visto pela grande opção dos entrevistados quantitativos pela aspectos práticos e atuais do lugar.

Ao longo de uma década de existência o grupo demonstra ter fornecido uma boa contribuição simbólica e memorial, algo evidenciado pela carga emocional existente nos comentários das postagens e também nos depoimentos dos entrevistados qualitativos. A grande ênfase dada às comunicações fúnebres, certamente se dá por seu aspecto informativo e sentimento de empatia, no entanto, acende um alerta, porque, à medida que alguém falece, as relações vão se fragmentando ou deixando de existir, o que aumenta o relacionamento simbólico e diminui o contato presencial com o território. Dada a falta de atrativos naturais para a fixação das pessoas, é uma metáfora da gradativa morte do lugar.

A água, mesmo escassa, está muito presente no imaginário local: apesar das agruras do clima, há uma lagoa que sempre está ali, à espera do precioso líquido que preencha a paisagem e proporcione passageiros dias de prosperidade. Como numa miragem, todos fixam o pensamento nesta imagem que, apesar de distante, pode voltar a acontecer. Um maior aporte hídrico para o traria mais vida e ânimo.

Em se tratando de cultura e sociedade, religião e ativismo confundem-se com o lazer, são pretextos e motivações para o encontro, uma interessante e importante simbiose. Está aí uma chave: se o florescimento das raízes naturais é incerto, o fortalecimento dos laços e das matrizes culturais pode ajudar.

Nas métricas da página duas informações despertam atenção de imediato: a grande presença de mulheres, mais da metade do público, e o pequeno quantitativo de jovens. O incentivo à participação masculina é algo a ser pensado, já o convite às novas gerações é indispensável.

Na investigação quantitativa um número que também merece destaque: 56,7% dos respondentes afirmaram apenas acompanhar as postagens, seguidos de 26,7% que acompanham e interajam e 16,7% que acompanham, postam e interagem. Em se tratando de engajamento, portanto, o envolvimento é decrescente e pode ser melhorado, principalmente para que a atividade da página não fique tão concentrada na figura dos moderadores e possa receber informações ainda não partilhadas.

Entre os depoimentos analisados, alguns contrapontos: *M*, que vive na posição do entre lugares, por conta de sua mãe que mora no Tapuio e *F* que não visita o lugar tanto quanto gostaria, por prestar suporte à filha que reside em Fortaleza. *O* tem a mãe no Tapuio e filhos na Hungria, que já podem viver lá sem ela, porém sente-se livre para decidir que quer permanecer no país europeu; já *Iv* não tem mais os pais no lugar, mas prefere continuar a viver nele, por achar mais tranquilo para criar os filhos e continuar o que os pais deixaram. *W* e *A* tem memórias afetivas com a lagoa e concordam que, tal qual uma planta, o lugar precisa de água para continuar vivo. Ele reconstruiria a casa dos avós, se isso fosse útil para alguém, já ela pensa em usos a dar para a casa dos pais, que permanece de pé e conservada.

São dilemas que enriquecem e estimulam a reflexão sobre as diferentes tomadas de atitude diante dos desafios que a vida apresenta.

Foi um trabalho realizado em caráter geral, dentro do universo local, mostrando muitos pontos que podem ser explorados em maior profundidade, como o bucolismo, religiosidade, associativismo e protagonismo, entre outros. Porém foi uma primeira iniciativa tomada no sentido de dar mais visibilidade ao lugar e à sua representação na internet. É o estudo de um caso que mais pessoas agora vão passar a conhecer.

REFERÊNCIAS

- ADRIANA, AMARAL. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 86, p. 122-135, julho/agosto 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818/15636>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- ALENTEJANO, Paulo R. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**, n. 21, 2º sem, p. 25-39, 03 09 2003. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/468>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- ALMEIDA, Nilton, Melo. **Cristãos-novos e seus descendentes no Ceará Grande: a inquisição nos sertões de fora**. 2016 Tese - (doutorado em História) Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/24455>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- ANDRADE, M. L. de; CHAVES, J. O. Souza; SILVA, G. C. A (org.). **Catálogo de fontes históricas: registros paroquiais de batismo, casamento e óbito: documentos para a história do Vale do Jaguaribe**. Fortaleza: EdUECE, 2010.
- ANDRADE, Jesus Moreira de. **Moreira e o Tabuleiro de todos nós: Um esboço histórico de Tabuleiro e parte da região jaguaribana**. Fortaleza: *s.n.*, 1980.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus Editora, 1994.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Tradução Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERTHA K, BECKER. A Amazônia e a política ambiental brasileira. **GEOgraphia**, n. 11, 2004. Disponível em: doi 10.22409/geographia2004.v6i11.a13465. Acesso em: 19 jul. 2023.
- BERTOLINI, Sandra; BRAVO, Giácomo. **Social capital: A multidimensional concept**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/265269975_Social_Capital_a_Multidimensional_Concept. Acesso em: 3 nov. 2022.
- BERTOLLO, Mait; DANTAS, Jhonatan S.; XAVIER, Ana C F.; *et al.* **Geografia agrária**. Porto Alegre: Grupo A, 2020. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556900551/>. Acesso em: 21 set. 2022.
- BESSA, Bráulio. **Poesia Que Transforma**. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B08PDTVNBX&ref_=kwl_kr_iv_rec_2. Acesso em: 19 jul. 2023.
- BESSA, Bráulio. **Um carinho na alma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B08PDTVNBX&ref_=kwl_kr_iv_rec_8. Acesso em: 24 jul. 2023.

BESSA, Dom Pompeu Bezerra. Capela de São José do Tapuio. *In*: BESSA, Dom Pompeu Bezerra. **A antiga freguesia de Limoeiro**: Fatos para a sua história. Fortaleza: Premius Editora, 1998.

BEZERRA, Antonio. **Algumas origens do Ceará**. Fortaleza: FWA, 2009 (Fac-símile da edição de 1918).

BRASIL. Casa Civil. Lei complementar n. 1, de 08 de novembro de 1967. Estabelece os requisitos mínimos de população e renda pública e a forma de consulta prévia as populações locais para a criação de novos municípios, e dá outras providências. (Redação dada pela LCP nº 46, de 21.8.1984). **Diário Oficial da União**, Brasília, 09 de novembro de 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp01.htm. Acesso em: 21 set. 2022.

BUITONI, Dulcília S.; PRADO, Magaly Parreira do; REDISCH, Ricardo. **Fotografia e Jornalismo**: A Informação Pela Imagem. [s.l.]: Saraiva, 2012. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502122222/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CAMPOS, José Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. **Estudos avançados**, v. 28, n. 82, p. 65-88. dez 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ChKDycNnwbM7ZFqMNH8wDjk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CARNEIRO, R. C; FERREIRA, S. S; MACIEL, F. S. **Sobre rodas**: transportando o progresso - De Tabuleiro do Norte/CE para o Brasil. Fortaleza: Realce Editora e Indústria Gráfica, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. 8 ed. totalmente revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, v. I, 1999.

CASTELO BRANCO, João Olímpio. **O limoeiro da igreja**: a história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos. [S.l.]: Tipografia Minerva, 1995.

CINE HOLLIÚDY. Halder Gomes. [Rio de janeiro]: Downtown Filmes, 2013 (92 min).

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 7º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÃNSITO DO CEARÁ. **Estatísticas de habilitados por município e categoria**. Fortaleza: DetranCe, 2021. Disponível em: <https://www.detran.ce.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/04HabilitadosporMunicipiosCategoriaJUN2022.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

DUBOIS, Philippe. **Ato Fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993. (Coleção Ofício de arte e forma).

ELIAS, Denise. Modernização da produção agropecuária. *In*: ELIAS, Denise (org). **O novo espaço da produção globalizada**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

FEITOSA, Antônia Leudivânia Gomes. **Terra dos Janduins: origem e emancipação política de São João do Jaguaribe - CE** Monografia (Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

FREIRE, Edwílson Soares. **As cortinas que cerram o vale: religião e secularização na diocese de Limoeiro do Norte/CE (1940 - 1980)**. 2016 Tese (Doutorado em História e Cultura) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista - Unesp, Franca/SP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/134348>. Acesso em: 21 fev. 2022.

FREITAS, Joiane Santos; SAMPAIO, Angélica Magalhães Santos. **Poesia que transforma: Bráulio Bessa e a literatura de cordel**. Orientadora: Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa. 2019 Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas) - Colegiado de Letras, Universidade Federal da Bahia, Jacobina/Ba, 2019. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/1407/1/TCC%20ANGELICA%20MAGALHAES%20E%20JOAINE%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

GASPARI, Elio. MST invade com permissão de fazendeiro. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 15 jun. 1998. Disponível em: Folha de S.Paulo - MST invade com permissão de fazendeiro - 15/06/98 (uol.com.br). Acesso em: 11 jul. 2022.

GIRÃO, Raimundo. **A marcha do povoamento do Vale do Jaguaribe (1600-1700)**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense Ltda, 1986.

GIRÃO, Raimundo. O Abraão do Vale do Jaguaribe. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. *S.I*, 1972. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/1972indice.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução Mathias Lambert. 1963. Tradução de: Stigma – Notes on the Management of Spoiled Identity. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 31 ago. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovic. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. 2º ed. 2º reimpressão revista. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e cultura: argumento para uma produção de sentido. *In*: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. (org.). **Maneiras de ler Geografia e**

cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/107261>. Acesso em: 26 jul. 2023.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes; DODEBEI, Vera. A virtualização da memória no facebook. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 27, n. 1, p. 257-273, Jan./dez. 2013. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/52421346/A_virtualizacao_da_memoria_no_Facebook-libre.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Tradução Cristian P. Hormazabal. Barcelona: UOC, 2000. (Nuevas Tecnologias y Sociedad). Tradução de: Virtual ethnography. Disponível em: <https://seminariosocioantropologia.files.wordpress.com/2014/03/hine-christine-etnografia-virtual-uoc.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Portal Cidades**. Rio de Janeiro. 2023 p. Disponível em: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 jul. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **As regiões de planejamento do estado do Ceará**: textos para discussão. n 111, nov 2015. Fortaleza, IPECE, 2015. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2014/02/TD_111.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.

JUCÁ NETO, C.R. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense: algumas notas. **Dossiê - Caminhos da história da urbanização no Brasil-colônia**, Mus. Paul, v. 1, n. 1, jun 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/jwTS6zZdgtQhCT5R3k5w4hv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2022.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**: Os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2011. 346 p. Tradução de: The FacebookEffect: the Inside story of the company that is connecting the world. Disponível em: <https://dlivros.com/livro/efeito-facebook-david-kirkpatrick>. Acesso em: 11 dez. 2023.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: Realizando Pesquisa Etnográfica Online. Penso Editora, 2014. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565848978/pageid/0>. Acesso em: 30 ago. 2023.

LANCELLOTTI, Gabrielli. **A história do Facebook [Do Hot or Not aos 2 bilhões]**. Tecnoblog. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/a-historia-do-facebook-do-hot-or-not-aos-2-bilhoes>. Acesso em: 8 abr. 2023.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, v. 1, 1999. 264 p. Tradução de: Cyberculture.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Na ribeira do Rio das Onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1996.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81160/48900>. Acesso em: 29 jul. 2023.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa da nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, p. 17-34 jan/abr 2023. Disponível em: Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação | Comunicação & Educação (usp.br). Acesso em: 25 jul. 2022.

MACHADO, José Wellington de Oliveira. **Memórias, poéticas e temporalidades: a invenção estética de Limoeiro do Norte (1943 a 1957 e 1957 a 2016)**. Fortaleza, 2016 Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2016. Disponível em: 2016_dis_jwomachado.pdf (ufc.br). Acesso em: 7 mar. 2022.

MAIA, Gumercindo Cláudio. **Tabuleiro de Areia - Minha terra**. 2 ed. Revista e ampliada. Tabuleiro do Norte/Ce: Gráfica Alves, 2002.

MAIA, Gumercindo Cláudio. **Tabuleiro de Areia - Minha terra**. Tabuleiro do Norte/Ce: Gráfica Alves, 1998.

MAIA, Gumercindo Cláudio. **Tabuleiro, o povo e a terra**. Tabuleiro do Norte/Ce: Gráfica Alves, 1999.

MALVEIRA, Antônio Nunes. **O velho sertão da Bica**. Rio de Janeiro: [S./I.], 1986.

MEIRA, Elinaldo. **Um certo Dito: caipira**. São Paulo: Paulus, 2016.

MEIRELES, B. R. L. de A.; ALCANTARA, M. A.; BRITO, I. de L.; LIMA, R. P.; SOUSA, A. S. B. de; CORDEIRO, A. M. T. de M. Physicochemical aspects and nutritional quality of coco catolé (*Syagrus cearensis*). **Research, Society and Development**, [S./I.], v. 9, n. 7. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3822>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MELO, Camila Olívia de; ROSSI, Jéssica de C.; JUSKI, Juliane do R.; e outros. **Estudos culturais para comunicação**. Porto Alegre: SAGAH, 2021. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556902562/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

MENEZES, Ana Angélica da Costa. Monóculo fotográfico - Uma crônica visual. **Revista Ars Histórica**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 14, jan/jun 2017. Disponível em: MONÓCULO FOTOGRÁFICO - UMA CRÔNICA VISUAL | Menezes | Ars Historica (ufrj.br). Acesso em: 22 jul. 2023.

MOVIMENTO DOS PADRES CASADOS DO CEARÁ. **Padre João Mendes de Andrade**. Movimento dos Padres Casados do Ceará. Fortaleza, [20-]. Disponível em:

<http://padrescasadosceara.comunidades.net/padre-joao-mendes-de-andrade>. Acesso em: 20 ago. 2022.

NARRADORES de javé. Eliane Caffé. [Brasil/França]: Rio Filmes, 2003.

NETO, Cicinato Ferreira. **A misteriosa vida de Lampião**. Fortaleza: Premius, 2008.

NETO, Cicinato Ferreira. **Estudos de história jaguaribana**: documentos, notas e ensaios diversos para história do Baixo e Jaguaribe. Fortaleza: Premius, 2003.

PEREIRA, Clevisson J; FERNANDES, Dalvani. Cultura e dimensões do viver em Yi-Fu Tuan: algumas aproximações geográficas. **RAEGA - O espaço geográfico em análise**, Curitiba, v. 22, p. 53-73, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21758>. Acesso em: 18 set. 2023.

POLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos e históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10 p 200-212. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/admin,+104%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/admin,+104%20(1).pdf). Acesso em: 13 set. 2022.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REPELLI, Carlos, A.; SOUZA, Everaldo B.; ALVES, José M. Brabo; SILVA, Rubenaldo A. **Principais secas ocorridas no estado do Ceará**: uma avaliação pluviométrica. Funceme. Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://silo.tips/download/principais-secas-ocorridas-neste-seculo-no-estado-do-ceara-uma-avaliacao-pluviome>. Acesso em: 4 ago. 2022.

RHEINGOLD, Howard (1998). **The Virtual Community**. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book/>. Acesso em: 25 mai. 2023.

RODRIGUES, Jean Carlos. Memória, identidade e lugar na produção simbólica do estado do Tocantins. In: COSTA, Benhur Pinós da; HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino. (orgs.). **Maneira de ler**: geografia e cultura [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre/Compasso - Lugar Cultura, 2013. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/MANEIRAS_DE_LER_GEOGRAFIA_E_CULTURAL.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; BECKER, Berta (orgs.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. cap. 1, p. 13-21.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. *In*: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org). **Redes, sociedades e territórios**. 3 ed. (revisada e ampliada) Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2021. Disponível em: <https://groups.google.com/g/pandoforward/c/UvmGOzV8VZo?pli=1>. Acesso em: 27 mai. 2022.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. 2 ed. rev. - 1a reimp. Campinas/SP: UNICAMP, 2002.

SILVEIRA, Guaracy Carlos da; ALMEIDA, Clarice de Menonça e; et. al. **Teoria da opinião pública**. Porto Alegre: SAGAH, 2019. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788533500112/>. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVERMAN, David. **Um livro bom, pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa**. Tradução Raul Rubenich. Porto Alegre: Bookman, 2010. Disponível em: Biblioteca: Um Livro Bom, Pequeno e Acessível sobre Pesquisa Qualitativa. Acesso em: 20 jul. 2022.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1977. 113 p. Disponível em: <https://www.lerlivros.net/sobre-fotografia-susan-sontag/>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SOUSA, Gilvan. Histórias do meu avô. [*S.l.: s.n*], 2020. 1 vídeo (28 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dI0tpiC5VoI&t=964s>. Acesso em: 11 ago. 2022.

UM PÉ DE QUÊ? **Catolé**. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2010. Disponível em: <http://www.umpedeque.com.br/arvore.php?id=703>. Acesso em: 8 ago. 2022.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. As relações campo-cidade em discussão: superando dualidades. **Revista retrato de assentamentos**, v. 24, n. 1, 2021. Disponível em: <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/485>. Acesso em: 21 set. 2022.

WHITE, Andrew. **Mídia, digital e sociedade**: transformando economia, política e práticas sociais. Tradução Arlete Simile Marques. Saraiva, 2016. Disponível em: Minha Biblioteca: Mídias digitais e sociedade (Digital media and society), 1ª edição. Acesso em: 21 jul. 2022.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DE PÚBLICO

Perfil de público do grupo "Tapuio - Fotos e História"

Caríssimos: estou aplicando este questionário como parte da minha pesquisa no mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, sobre o pertencimento social no nosso grupo no Facebook. Somos atualmente por volta de 1550 inscritos na página e ficarei muito contente se puder contar com a participação de todos ou ao menos uma grande parte. Não há respostas certas nem erradas, basta apenas emitir a própria opinião e fornecer algumas informações de caráter geral. Não é necessário se identificar, nem fornecer dados confidenciais. Participe! Antecipadamente agradeço.

1) Qual o seu gênero de nascimento*

- Masculino
- Feminino

2) Qual a sua faixa de idade?

- Até 18 anos;
- Entre 18 - 30;
- entre 30 - 50
- Entre 50 e 60
- Entre 60 e 70
- Acima de 70 anos

3) Qual a sua escolaridade?

- Fundamental incompleto;
- Fundamental completo;
- Médio incompleto;
- Médio completo;
- Superior incompleto;
- Superior completo;
- Pós-Graduação.

4) Qual o seu estado civil?

- Solteiro (a);
- Casado (a);
- Divorciado (a);
- Viúvo (a)

5) Filhos?

- Sim;
- Não.

6) Netos?

- Sim;
- Não.

7) Qual a sua religião?

- Católico;
- Evangélico;
- Afrodescendente;
- Espírita;
- Ecumênico (sigo mais de uma)
- Acredito em Deus, mas não sigo nenhuma religião específica.
- Ateu.

8) Onde você reside atualmente?

- Tapuio;
- Tabuleiro do Norte;
- São João do Jaguaribe;
- Limoeiro do Norte;
- Fortaleza;
- Russas;
- Mossoró;
- Pacajus;
- Alto Santo
- São Paulo;
- Rio de Janeiro;
- Outro.

9) Sobre a sua relação com o Tapuio, assinale a alternativa que mais se aplica a você:

- Nasci e moro no Tapuio;
- Nasci fora e vim morar no tapuio, onde ainda resido;
- Nasci no Tapuio e hoje moro fora;
- Nasci fora do Tapuio, fui morar lá e depois mudei para outro lugar;
- Nunca residi, apenas tenho amigos ou parentes no lugar;
- Outra situação.

10) Ainda sobre a sua relação com o lugar, assinale a alternativa que mais se aplica a você:

- Moro no lugar;
- Visito com frequência (muitas vezes em um ano);
- Visito pouco (uma vez ou menos em um ano);

- Menos de uma vez em um ano;
- Não visitei mais depois que saí de lá;
- Nunca estive no lugar.

11) Quanto tempo você viveu ou há quanto tempo você vive no lugar?

- Menos de um ano;
- Entre um e cinco anos;
- Entre cinco e dez anos;
- Entre dez e vinte anos;
- Entre vinte e trinta anos.
- Mais de trinta anos.

12) Com relação ao grupo "Tapuío - Fotos e História", com qual destes perfis você mais se identifica?

- Apenas acompanho as postagens;
- Acompanho, posto e interajo;
- Acompanho e interajo.

13) Cada um deste painéis representa uma temática predominante no nosso grupo. Qual destes temas você mais gosta de ver ou acompanhar?



- Anos 60 e 70;



- Anos 80 e 90;



- Aspectos naturais;



- Homenagens póstumas;



- Aspectos socioculturais

14) Entre estes dois temas, qual você gosta mais de ver no grupo?



- Anos 60 e 70;



- Anos 80 e 90;

15) E entre estes dois temas, qual você gosta mais de acompanhar no grupo?



- Aspectos naturais;



- Aspectos socioculturais.

Obrigado!!!!